

Maria Lúcia Bandeira Vargas

O fenômeno

Fanfictions

novas leituras e escrituras em meio eletrônico



Versão atualizada pelo novo acordo ortográfico



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza

Reitor

Rosani Sgari

Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Bernadete Maria Dalmolin

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Agenor Dias de Meira Junior

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Karen Beltrame Becker Fritz

Editora

CONSELHO EDITORIAL

Altair Alberto Fávero

Carlos Alberto Forcelini

Cesar Augusto Pires

Cleci Teresinha Werner da Rosa

Giovani Corralo

Jurema Schons

Karen Beltrame Becker Fritz

Leonardo José Gil Barcellos

Luciane Maria Colla

Paula Benetti

Telmo Marcon

Verner Luis Antoni

CORPO FUNCIONAL

Daniela Cardoso

Coordenadora de revisão

Cristina Azevedo da Silva

Revisora de textos

Mara Rúbia Alves

Revisora de textos

Sirlete Regina da Silva

Coordenadora de design

Rubia Bedin Rizzi

Designer gráfico

Carlos Gabriel Scheleder

Auxiliar administrativo

Maria Lucia Bandeira Vargas

O fenômeno

Fanfiction

novas leituras e escrituras em meio eletrônico

2015



Versão atualizada pelo novo acordo ortográfico

Copyright© da autora

Daniela Cardoso

Cristina Azevedo da Silva

Mara Rúbia Alves

Revisão de textos e revisão de emendas

Rubia Bedin Rizzi

Projeto gráfico e diagramação

Jeferson Cunha Lorenz

Luis A. Hofmann Jr.

Produção da capa

Este livro, no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do(s) autor(es). A exatidão das informações e dos conceitos e as opiniões emitidas, as imagens, as tabelas, os quadros e as figuras são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V297f Vargas, Maria Lucia Bandeira
O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico] : novas leituras e escrituras em meio eletrônico / Maria Lucia Bandeira Vargas. – Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.
1145kb ; PDF.

Modo de acesso gratuito: <www.upf.br/editora>.

Inclui bibliografia.

Versão atualizada pelo novo acordo ortográfico.

ISBN 978-85-7515-908-8

1. Comunidade online. 2. Internet na educação. 3. Sites da Web. 4. Leitura. 5. Escrita. I. Título.

CDU: 028.01

Bibliotecária responsável Angela Saadi Machado - CRB 10/1857

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 292,7 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8374

CEP 99052-900 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Ao Carlos Alceu, meu amado companheiro de
viagem, que comigo empreendeu mais essa.

Agradeço à profª Drª. Tania Rösing, em primeiro lugar, por ter me acolhido. É graças ao seu acolhimento que essa pesquisa se fez possível. Agradeço-lhe o amparo e o estímulo de seu olhar construtor, cujo investimento ultrapassa o compromisso de natureza intelectual, marca do verdadeiro educador. Agradeço à profª Drª. Márcia Barbosa e ao prof. Dr. Miguel Rettenmaier, mais que meus professores, verdadeiros amigos que tive a felicidade de encontrar durante a realização desse curso e com os quais travei diálogos instigantes que muito contribuíram para a realização do presente trabalho. À profª Drª. Fabiane Burlamaque, meu muito obrigada pela leitura atenciosa e pelas observações realizadas. Tenho muito que agradecer aos leitores e autores de *fanfictions*, principalmente àqueles que contribuíram para a realização dessa pesquisa com a disponibilização de respostas, *websites* e obras. À Caileach, à Scila e à Pichi, um obrigada muito especial. Agradeço ainda aos meus pais, irmãos e irmãs, pelo incentivo ao estudo e, particularmente, à leitura.

Sumário

Apresentação.....	8
Iniciando a navegação	12
Tornando-se autor: a prática de letramento chamada <i>fanfiction</i>	20
Fundamentando a prática.....	45
<i>A fanfiction</i> como elemento da cultura de participação.....	45
Comunidades virtuais: o universo fanfiqueiro.....	73
A construção de representação como geradora da <i>fanfiction</i>	88
Buscando uma interlocução com o fã-navegador-autor	104
Ampliando a navegação	126
Referências.....	132

Apresentação

Dr^a. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing*

A manutenção de cursos de pós-graduação *stricto sensu* não deve acontecer apenas para conferir o *status* de universidade a uma instituição de ensino superior. Revelam-se como empreendimentos de alto custo, quase sempre deficitários financeiramente. Podem constituir-se, no entanto, num grande investimento pelos resultados das investigações e das contribuições publicadas por seus alunos e professores.

Entendo que uma universidade de caráter comunitário como a Universidade de Passo Fundo, em seu curso de mestrado em Letras, precisa considerar, em primeiro lugar, as necessidades dessa área do conhecimento na escola brasileira, tentando aprimorar efetivamente a formação de seus profissionais. Na sequência, deve estimular seus mestrandos a realizarem investigações que possam contribuir com as transformações necessárias a serem efetivadas no contexto da escola brasileira, seja ela pública ou privada, impulsionando professores, dirigentes, bibliotecários a mudar culturas de leitura e de produção de textos também pela inclusão de novas tecnologias em suas ações.

Constata-se, no entanto, que, enquanto essas mudanças culturais não ocorrem, os alunos do ensino básico continuam de costas para as solicitações dos professores, que nada têm a

* Professora do Mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo.

ver com suas necessidades, interesses e, principalmente, com seus desejos, fazendo uma caminhada autônoma em sua formação de leitor e produtor de textos.

A obra *O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*, de autoria de Maria Lucia Bandeira Vargas, resulta de uma investigação inédita no Brasil: apresenta o fenômeno *fanfiction* para a comunidade acadêmica e para os profissionais leitores interessados em conhecer as novas formas de envolvimento dos jovens com o processo de recepção e de produção de textos em meio eletrônico, como atividade prazerosa realizada em seu período de lazer.

Demonstrar o interesse dos jovens por textos produzidos no cenário da cibereducação integradora é encarar as possibilidades de mudança da escola como instituição que deve congregar uma comunidade de aprendizes. Perde, portanto, sua posição de centro do saber que desconhece as inovações tecnológicas e que desconsidera o conhecimento prévio de seus alunos ao tentar impor saberes aos jovens que não lhes dizem respeito, com os quais não desejam se envolver, muito menos reproduzir, ou, ainda, apropriar-se de sua essência.

Os leitores de textos produzidos pela indústria cultural têm a iniciativa de manifestar suas impressões sobre esses textos, de recriá-los e disponibilizá-los em meio eletrônico para compartilhar em comunidades virtuais suas experiências de recepção e de produção.

Surpreende-nos o fato de a escola não tomar conhecimento do que fazem seus alunos, das atividades que desenvolvem em seu tempo de lazer, de suas necessidades, interesses, desejos. Não aparece a intenção de ampliar o horizonte da sala de aula, a fim de que elas se transformem em comunidades de trabalho predominantemente interativas e interacionais, que ultrapassem seus muros por meio do contato com diferentes grupos de escolas do país e do mundo.

A investigação empreendida por Maria Lucia Bandeira Vargas sobre as motivações que levam os jovens a agirem como *fanfiqueiros* transforma-se em um convite aos profissionais da educação a repensar suas práticas. Passos largos devem ser dados para que se substitua o processo de aprendizagem solitário por um outro processo, em que o saber é construído cooperativamente, no qual o potencial dos alunos é reconhecido e desenvolvido no grupo, em que o professor abandona sua posição de supervisor para transformar-se em um parceiro de trabalho.

As declarações reveladoras de jovens, de que seu gosto pela leitura e pela produção de textos nada tem a ver com a escola, de que frequentam esse ambiente por serem obrigados a cumprir trâmites legais em sua formação, e mais, de que estar nele não configura nenhum prazer são chocantes e devem provocar mudanças no comportamento dos professores e que possam constituir-se em mudanças culturais urgentes.

Maria Lucia Bandeira Vargas, na parte final de seu trabalho, sem finalizá-lo evidentemente, pois continuará as investigações acerca do fenômeno *fanfiction*, declara:

O universo *fanfiqueiro* fornece interessantes exemplos de estudantes que se envolvem afetiva e intelectualmente com um determinado texto, tomam posicionamentos críticos diante dele, desenvolvem categorias de análise para expressar esses julgamentos e os refinam e compartilham em debate comunitário todas essas experiências altamente educativas, buscadas pelas escolas com bom padrão pedagógico.

O comportamento desses jovens propicia a inversão de culturas assumidas pela escola tradicional: o professor que liderava o processo de ensino-aprendizagem precisa aprender com os jovens e assumir novos comportamentos na busca do saber por meio de ações coletivas, compartilhadas, envolvendo-se com temas de seu interesse, necessários à sua formação e ao atendimento das necessidades dos tempos atuais em que

as inovações tecnológicas são disponibilizadas para o aprimoramento do processo de formação individual e social dos jovens e das pessoas de diferentes faixas etárias como um todo.

A obra *O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico*, por seus pressupostos teóricos, pela análise do processo de envolvimento dos jovens com a leitura e a escrita em meio eletrônico, entre tantos outros aspectos, constitui-se uma provocação a mudanças urgentes que devem ser assumidas pelo professor e pela escola. Constitui-se, também, um alerta a pais e professores sobre a necessidade de se aproximar mais dos jovens no sentido de serem influenciados pelo entusiasmo que demonstram pela leitura e pela produção de textos em novos suportes, a partir do atendimento de seus interesses, observando-se sua autonomia na seleção desses materiais.

Iniciando a navegação

“Uma amiga minha estava lendo uma *fanfic* e me disse que era legal. Eu nem sabia o que era uma *fanfic*, mas resolvi ler, por curiosidade mesmo.”

Melissa Hogwarts

“É difícil pensar que existam tantos escritores, jovens e talentosos, por esse Brasil afora”, afirma a autora Nike-chan.¹

E o seu espanto tem razão de ser. Essa jovem internauta não está se referindo a autores cujas publicações circulam em meio impresso, mas àqueles cujas obras podem ser encontradas apenas em meio eletrônico. As histórias produzidas por esses autores e disponibilizadas na internet não estão publicadas em *websites* de cunho educacional, como os mantidos pelas escolas, que estão repletos de trabalhos produzidos para o cumprimento de requisitos em diferentes disciplinas. Essas obras de caráter ficcional são resultado de horas de trabalho e de dedicação espontâneos dos autores aos quais Nike-chan se refere e são publicadas em *websites* construídos e gerenciados por outros internautas, também autores. Os textos nascem de uma atividade extraescolar, com a especificidade de ser completamente voluntários, e muitas vezes desconhecidos das comunidades escolar e familiar, mas altamente absorvente para quem com eles se envolve.

Em um país onde é comum a queixa de que os jovens, de diferentes posições socioeconômicas, não têm interesse nas

¹ PRIMEIROS capítulos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 dez. 2004, Seção Cartas, Caderno Folhateen. p. 2.

práticas de leitura mais tradicionais – a leitura e a escrita do texto narrativo impresso – a afirmação da internauta pode soar exagerada. O que poderia estar motivando jovens brasileiros a “desviar” suas horas de lazer para a leitura, a escrita e a publicação de textos ficcionais em meio eletrônico, tradicionalmente visto como incômodo para a prática da leitura extensiva?

A resposta pode parecer surpreendentemente simples à primeira vista: a oportunidade de interagir com textos de seu interesse, a saber, na maior parte dos casos, textos bem-sucedidos comercialmente, produtos da indústria do entretenimento ou produtos por ela incorporados, cuja presença no dia a dia do jovem o motive a prolongar o contato com eles. O grande apreço dedicado a narrativas veiculadas em diferentes mídias, que perpassam a vida e, portanto, o imaginário de um jovem, leva-o a se constituir em um fã do gênero. Os autores mencionados por Nike-chan nasceram de sua condição de fã e, conseqüentemente, as histórias por eles escritas são ficções de fãs, chamadas *fanfictions* no universo internauta.

A pesquisa ora apresentada estuda a presença, razoavelmente recente, desse fenômeno em nível nacional, embora remeta sua existência aos Estados Unidos, em período anterior até mesmo ao advento da internet. No Brasil, essa prática tornou-se mais visível nos últimos quatro anos, intervalo em que ganhou impulso em virtude da popularidade de uma série de livros, fenômeno de vendagem em todo mundo: *Harry Potter*, de J. K. Rowling. O primeiro livro da série foi publicado em solo nacional no ano de 2000 e raros são os *websites* de *fanfiction* encontrados em português brasileiro que sejam anteriores a esse período. A partir de 2000, contudo, há uma profusão de *websites* dedicados a *fanfictions* de *Harry Potter*, levando a crer que o número de pessoas dispostas a gastar suas horas de lazer envolvidas em processos de leitura e escrita e seu compartilhamento *on-line* com outras pessoas que

desfrutam do mesmo gosto aumentou de maneira significativa. Observando esses *websites*, percebe-se que muitas desses visitantes são bastante jovens, talvez os mesmos cujas experiências escolares, no tocante ao envolvimento com a leitura e a escrita, não sejam consideradas bem-sucedidas.

O exame desses *websites* realizado a partir do comentário de uma aluna da pesquisadora, autora de *fanfictions*, que atende pelo *pen name* de Caileach e a constatação da não existência de pesquisas nacionais sobre esse fenômeno ensejaram a realização de uma investigação bibliográfica e de campo com o objetivo de apresentar ao meio acadêmico interpretações acerca das origens das *fanfictions*, das motivações que levam ao envolvimento com elas e de realizar a descrição de seu modo de organização em língua portuguesa. A autora de *fanfictions* revelou publicar suas histórias e ler as produzidas por outros autores em um *website* nacional intitulado Aliança 3 Vassouras, depositário de uma grande variedade de *fanfictions* baseadas em *Harry Potter*.

Ao frequentar aquele *website* na condição de visitante, foi possível constatar seu tamanho e complexidade. Com a análise dos perfis disponibilizados pelos autores, bem como pelas *webmistressessite*, foi possível perceber o grande número de autores realmente jovens, de até mesmo treze anos de idade, dedicados à prática da criação de *fanfictions*. Assim, começou-se a compreender o quanto essa atividade era absorvente para eles.

Particularmente surpreendente foi a observação da transposição de práticas tradicionais nas instituições escolares e fundantes da sociedade letrada, a leitura e a escrita, para o meio eletrônico, o que produziu um questionamento acerca do tempo despendido por esses jovens em frente ao computador na atividade de leitura. Embora a leitura na tela seja considerada cansativa por gerações anteriores, esses autores e leitores de *fanfiction* parecem ter o hábito de passar

horas navegando na internet, não de forma errática, mas concentrados na busca e na leitura de histórias que remetem a um original, cujo apreço é compartilhado por todos os que participam de determinadas comunidades.

A partir da constatação da existência desse tipo de atividade, por meio da qual jovens navegadores da internet ousam desenvolver para si uma identidade de autor, embora escrevam “por sobre” textos que não lhes pertencem, e são reconhecidos como tal por outros jovens navegadores, começou-se a buscar outros *websites* depositários de *fanfictions*, não exclusivas de *Harry Potter*, cuja língua fosse outra que não o português do Brasil. Mais uma vez, verificou-se uma surpreendente quantidade de produções de qualidade na *web*. Os *websites* depositários de *fanfictions* em língua inglesa contêm uma profusão de histórias que, não apenas pela quantidade, mas pela extensão e qualidade, sugerem uma prática não recente nem passageira.

De forma a tornar possível a realização de um estudo sobre o assunto, fez-se necessária a busca de suporte teórico para a compreensão do fenômeno, especialmente em virtude da abundância de *fanfictions* produzidas em língua materna. Contudo, não obstante a existência de um grande número de materiais em língua portuguesa acerca da formação do leitor e de práticas de escrita e leitura, não foi possível encontrar nenhuma pesquisa, artigo científico ou teorização de qualquer espécie que dissesse respeito à produção de *fanfictions*.

Por isso, passou-se a perquirir a existência de teóricos estrangeiros cujos trabalhos pudessem dar sustentação ao estudo do fenômeno, notadamente os publicados em língua inglesa, por ser a língua em que as *fanfictions* foram primeiramente registradas. Assim, na construção da fundamentação teórica para a compreensão dessa prática, recorreu-se a autores estrangeiros, notadamente norte-americanos, cuja produção dissesse respeito a algum aspecto da escrita, leitura

e divulgação das *fanfictions*. Nessa construção, tornaram-se especialmente importantes as contribuições de Jenkins, De Certeau, Wills e Bowman, Bond e Michelson e Langer.

No entanto, para que o presente estudo se constituísse uma pesquisa de campo também era preciso ouvir a voz dos fãs-navegadores-autores e leitores de *fanfictions*. Desse modo, paralelamente à realização da pesquisa bibliográfica optou-se por buscar autores brasileiros com histórias depositadas no *website fanfiction.net*, o maior *website* depositário de *fanfictions* na atualidade em língua portuguesa, na categoria books, subcategoria Harry Potter. Uma vez visualizados os autores disponíveis, foram escolhidos, aleatoriamente, dezesseis endereços eletrônicos, para os quais foi enviado, por *e-mail*, um instrumento de pesquisa sob a forma de questionário semiaberta com treze questões. Outras três autoras, com as quais a pesquisadora já havia mantido contato anteriormente e cujos endereços eletrônicos eram conhecidos, foram contatadas e solicitadas a responder ao instrumento de pesquisa. Os questionários foram enviados em 3 de outubro de 2004, período em que já havia sido iniciada a exploração bibliográfica da pesquisa.

O número de questionários respondidos, recebidos por *e-mail* majoritariamente nas duas semanas subsequentes ao envio do instrumento de pesquisa, foi particularmente surpreendente: quarenta e dois. Ocorre que, embora alguns endereços eletrônicos estivessem incorretos, três, mais especificamente, e alguns dos sujeitos para os quais o instrumento fora enviado nunca o tenham respondido – cinco deles –, outros tantos o fizeram estimulados por amigos que compartilham as mesmas comunidades virtuais e que se interessaram pela ideia de ver essa atividade, que lhes é tão cara, pesquisada. Uma única autora, a já referida aluna da pesquisadora, encaminhou por *e-mail*, além de sua resposta, vários outros

questionários respondidos por outros autores, seus amigos virtuais, aos quais ela apresentou o instrumento de pesquisa.

Dessa forma, em termos metodológicos, o presente trabalho está delineado em quatro capítulos. O primeiro, intitulado Tornando-se autor: a prática de letramento chamada *fanfiction*, apresenta a história do fenômeno desde seu surgimento, nos Estados Unidos, até sua forma atual, descrevendo as características referentes a sua produção e divulgação *on-line* no Brasil e no mundo. Ganham destaque *websites* nacionais depositários de *fanfictions* em evidência na época da pesquisa, como também *websites* em língua inglesa, muito frequentados por autores e leitores brasileiros que dominam a habilidade de leitura naquela língua.

O segundo capítulo, de fundamentação teórica, procura compreender o fenômeno da *fanfiction* com base em diferentes pontos de vista, subdividindo-se em três partes. A primeira parte observa-o como integrante da chamada “cultura de participação”, típica de uma geração que rompe com os paradigmas de receptores passivos, embora inserida em uma cultura de massa que se posiciona de forma paradoxal em relação à sanção do “gosto”, dentro e fora do mundo escolarizado. Aborda, ainda, a transposição espontânea, realizada pelos autores e leitores de *fanfictions*, das formas tradicionais de criação e recepção textuais para as novas tecnologias.

A segunda seção trata dos elementos presentes nas comunidades virtuais, formadas por leitores e autores de *fanfiction*, que os levam a prezar essa interação, cuja riqueza e velocidade tornam a prática ainda mais interessante, ressaltando que as bases dessa interação “virtual” encontram-se estabelecidas, primeiramente, no mundo “real” e na necessidade humana de interagir e criar. O terceiro e último item aborda a construção de representações, na mente do leitor, de acordo com a teoria de “construção de representações” desen-

volvida por Langer, como possível impulsionadora da prática da *fanfiction*.

O envolvimento com essa prática seria resultante das leituras realizadas pelo sujeito, que percebe a si mesmo como um coautor do texto que o mobiliza, assim a *fanfiction* é a concretização de uma experiência interior. É também examinado o contraste existente entre a oferta de interação e envolvimento em verdadeiras comunidades de leitores proporcionada por essa prática e a passividade e o isolamento das atividades de letramento oferecidas pelos meios escolares tradicionais.

No terceiro capítulo são apresentados os dados colhidos na interlocução com autores brasileiros de *fanfiction*, discutidos à luz das teorias expostas no segundo capítulo. As considerações finais apontam caminhos para a realização de novas pesquisas acerca desse fenômeno complexo, cuja abordagem, no presente estudo, é de caráter meramente introdutório.

Nos 19 anos de experiência no ensino de língua inglesa para jovens, a pesquisadora sempre observou a crescente presença de produtos ligados à indústria do entretenimento na formação identitária juvenil. O presente estudo, embora não contemple a defesa ideológica da sociedade de consumo, remete ao uso criativo desses produtos, reconhecendo no fenômeno da *fanfiction* o oportunizador de uma reflexão não apenas acerca da própria prática, mas da mobilização sofrida e realizada por esses jovens na direção da interação com os produtos/elementos formadores que lhes são caros.

Considera-se, assim, que estudos acerca das práticas de letramento compreendidas aqui como práticas que envolvem o uso da leitura e da escrita de forma competente em um dado contexto sociocultural empreendidas por jovens fora do contexto escolar são importantes para provocar reflexões a respeito da condução das práticas realizadas dentro daquele contexto. A prática da *fanfiction*, em particular, por suas

características de compartilhamento virtual, dispêndio de tempo e energia exigidos, emprego ativo das habilidades de leitura e escrita, traz em seu bojo uma riqueza de elementos educativos que demandam a atenção dos profissionais envolvidos com a educação de jovens.

Ao focar materiais de leitura que são produzidos à revelia do contexto escolar e do mercado de publicações, mas profundamente valorizados pelos seus autores e consumidores, a pesquisa apresenta uma característica de ineditismo e, espera-se, que contribua para a compreensão das práticas de letramento empreendidas voluntariamente por jovens estudantes brasileiros, bem como para o preenchimento de uma lacuna existente no país acerca do tema.

Tornando-se autor: a prática de letramento chamada *fanfiction*

“Acho que mesmo antes de eu começar a ler *fics*, eu já tinha umas histórias que ficavam na minha cabeça e às vezes eu as escrevia. Quando eu conheci as *fics*, foi só me adequar aos personagens de HP.”

Carol Maphoter

Os jovens navegadores da internet que possuem a característica de ser, mais do que consumidores, verdadeiros fãs de textos produzidos pela indústria cultural e divulgados pelos meios de comunicação de massa realizaram a transposição para a rede de uma prática de leitura e escrita que é desenvolvida tendo como base os originais por eles apreciados. Trata-se da *fanfiction*, cujas origens datam de antes mesmo do advento da internet, que dá a esses fãs-navegadores-consumidores a oportunidade de se constituir em fãs-navegadores-autores.

A *fanfiction* é, atualmente, uma prática de letramento *on-line* ainda largamente desconhecida para a comunidade educativa no Brasil, porém, nos Estados Unidos, sua origem antecede ao aparecimento da internet. Segundo Jenkins,² a origem da *fanfiction* remete ao universo do *fandom*, ou comunidade de fãs, mais especificamente aqueles pertencentes

² JENKINS, Henry. Textual poachers television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992.

ao chamado *media fandom*, que compreende os fãs de obras difundidas por intermédio dos meios de comunicação de massa, notadamente a televisão. O dicionário *Aurélio eletrônico*³ apresenta a palavra fã como sendo originada do inglês *fan*, que, por sua vez, é a forma reduzida de *fanatic*, fanático em língua portuguesa, e definida como uma gíria que designa “admirador exaltado de certo artista de rádio, cinema, televisão, etc.”, revelando o quanto essa prática está indiscutivelmente ligada à concepção contemporânea que a associa aos produtos culturais veiculados nos meios de comunicação de massa.

A produção da *fanfiction* começou justamente pela iniciativa de fãs que sentiam necessidade de estender o contato com o universo ficcional por eles apreciado para além do material disponível, como o capítulo semanal de um seriado televisivo. O termo resulta, portanto, da fusão de duas palavras da língua inglesa, *fan* e *fiction*, e designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original. O vocábulo é utilizado no mundo inteiro, independentemente da língua em que a *fanfiction* é escrita, inclusive no Brasil. Aqui, além da utilização da abreviatura *fanfic*, igualmente comum naquele universo, é também muito frequente o uso de uma abreviação ainda menor da palavra, *fic*, que, aparentemente, é uma criação local.

A *fanfiction* é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de *fanfictions* dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir,

³ HOLANDA, Aurélio Buarque de (Ed.). Dicionário Aurélio Século XXI. São Paulo: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria. Em seus primórdios, a *fanfiction* era simplesmente uma prática que possibilitava a adição de capítulos extras às séries das quais o autor era fã.

De acordo com Susan Clerc,⁴ a prática dos fãs escritores de *fanfiction* ainda hoje envolve o esforço em preencher as lacunas deixadas pelos autores das séries, ao mesmo tempo em que conexões entre os episódios são criadas. Segundo a autora, os fãs se comprazem em especular “o que poderia ter acontecido se...” e usam evidências coletadas por eles ao longo da série para comprovar seu ponto de vista, prática que já ocorreria oralmente há várias gerações.

A leitura, de acordo com os teóricos da corrente identificada como estética da recepção, consiste no esforço do leitor, não apenas em compreender o que lhe apresenta o texto – tomado aqui em sentido amplo, para além do impresso –, mas em lhe preencher as lacunas com base em sua bagagem pessoal. O autor de *fanfiction* é aquele leitor que, ao fazer esse preenchimento das lacunas, vai além no seu processo de interpretação e encoraja-se a registrar seu trabalho, fruto de suas especulações, que se torna mais elaborado à medida que passa a ser escrito. Embora, atualmente, a criação de episódios extras ainda seja o grande atrativo da prática, também podem ser encontradas *fanfictions* cuja extensão e trama permitem classificá-las como verdadeiros romances, e mesmo os originais, que lhes dão vida, não estão mais restritos a séries televisionadas.

Tem-se notícia do surgimento das *fanfictions* a partir do momento em que houve registro de um público leitor interessado nelas. Essas histórias, caso conquistassem destino outro que não o enclausuramento nas gavetas do autor, circulavam entre um público muito restrito, naturalmente fãs do seriado

⁴ CLERC, Susan. estrogen brigades and ‘Big Tits’ threads. In: BELL, D.; KENNEDY, B. M. *The cybercultures reader*. London: Routledge, 2000. p. 217.

em questão, em publicações chamadas *fanzines*. Essas publicações, comuns desde a década de 1970, e cujo nome remete novamente à palavra *fan*, desta vez unida à *magazine*, revista em inglês, apresentavam uma estrutura basicamente caseira, com tiragem e circulação bastante modestas. Com o passar do tempo e com a ampliação do alcance dos meios de comunicação de massa, os *fandoms* foram aumentando de tamanho e as *fanzines*, conseqüentemente, foram ganhando mais sofisticação, ainda que nunca perdessem sua característica de publicação voltada para um grupo específico de fãs, fosse de um seriado televisivo, de um filme, de uma banda ou de um ator. Atualmente, as *fanzines* foram praticamente substituídas pelas *e-zines*, que, embora mantenham as mesmas características das *fanzines*, são editadas, publicadas, divulgadas e consumidas em meio eletrônico.

De acordo com as informações disponíveis no *website Fanfiction: the force.net*,⁵ a primeira *fanzine* dedicada à série *Star Trek* data de 1967. Essa série, televisionada no Brasil com o título *Jornada nas Estrelas*, teria sido uma das primeiras a possuir uma legião de fãs tão fiéis a ponto de se dedicarem à escrita de novos episódios, veiculados por meio de *fanzines*. Ainda possuidora de muitos fãs atualmente, a série *Jornada nas Estrelas* inspira um sem-número de *websites* na internet, mantidos por fãs dedicados, muitos deles hospedando *fanfictions*. A página destinada a responder a questões sobre essa prática (*Frequently Asked Questions*) no *website Destina's Fan Fiction*⁶ afirma que o crescimento em produção e divulgação das *fanfictions* resultou do fervor dos fãs em torno daquele seriado televisivo.

O cancelamento do seriado frustrou -os imensamente por interromper o contato com aquele mundo ficcional, situação

⁵ Disponível em: <<http://fanfic.theforce.net/lexicon.asp#EZINE>>. Acesso em: 29 out. 2004.

⁶ Disponível em: <<http://www.lyricalmagic.com/fanficFAQ.html#origin>>. Acesso em: 29 out. 2004.

que foi contornada com a imaginação e a escrita de novos episódios, de autoria dos fãs. As *fanzines* eram distribuídas em convenções de fãs, fenômeno ainda bastante raro no Brasil, mas conhecido nos Estados Unidos desde a década de 1960⁷ apresentando uma quantidade cada vez maior e mais variada de histórias escritas por eles. Segundo esse *website*, a primeira *fanzine* a circular nos Estados Unidos teria se chamado *Spockanalia*, numa clara alusão ao nome de um dos heróis do seriado *Star Trek*, o doutor Spock. Essas *fanzines* teriam sido publicadas antes do cancelamento do *show*, ocorrido em 1969, e já incluiriam algumas *fanfictions*.

Com o advento da internet, os *fandoms* passaram a agregar um número cada vez maior de pessoas, rompendo barreiras geográficas e até mesmo linguísticas, e a produção de *fanfictions* também cresceu, particularmente na década de 1990. Isso fez com que a prática passasse da condição de quase restrita ao gênero ficção científica – origem das primeiras manifestações – para a de amplamente exercida por fãs de vários outros gêneros, como séries policiais e de suspense, filmes, histórias em quadrinhos, *videogames* e livros ficcionais.

Os fãs consumidores desses produtos encontraram na internet um instrumento poderoso para a organização do *fan-*

⁷ A título de exemplo, duas convenções de proporções mundiais estão sendo presentemente preparadas e divulgadas na internet, visando reunir fãs de *Harry Potter* de todo o mundo nos Estados Unidos. A primeira, *The Witching Hour*, (Disponível em: <<http://www.witchinghour.org/>>.) em outubro de 2005, e a segunda, *Lumus* (Disponível em: <<http://www.lumos2006.org/>>.) em julho de 2006. Ambas são patrocinadas por uma organização denominada HP Education Fanon, que se autointitula uma organização não lucrativa que visa realizar simpósios educacionais sobre o fenômeno Harry Potter, de acordo com o encontrado em <<http://www.hp-lexicon.org/muggle/encyc/muggle-h.html>>. Essa mesma organização promoveu, em julho de 2003, uma conferência denominada *Nimbus*, que contou com a presença de cerca de 600 fãs e 80 painelistas, incluindo Judith Krug, diretora do Office for Intellectual Freedom at the American Library Association. Uma terceira conferência, também muito divulgada naquele fandom, chama-se *Accio* (Disponível em: <<http://www.accio.org.uk/>>.) e está marcada para julho de 2005, na Inglaterra. Todas as convenções disponibilizam espaço para a apresentação de trabalhos acadêmicos sobre o tema, sendo que a inglesa é, inclusive, promovida pela Universidade de Reading.

dom e para a divulgação de seus trabalhos como autores. Eles passaram a criar *websites* com a finalidade de agregar *fanfictions* e disponibilizá-las para a leitura por outros fãs. Embora muitos *websites* tenham sido organizados para *fan-doms* específicos, outras iniciativas optaram por disponibilizar dentro de um mesmo *website* diferentes áreas para a postagem e a leitura de *fanfictions* com temáticas diversas. Dessa forma, a internet passou a desempenhar o papel de instrumento de sociabilização e de divulgação da prática, possibilitando a multiplicação, não apenas de seus participantes, mas dos temas que servem de base para este formato de texto, em uma velocidade nunca antes experimentada.

O *website* conhecido como *fanfiction.net*,⁸ possivelmente o maior depositário de *fanfictions* na atualidade, além de um dos mais antigos em funcionamento, seu lançamento data de 1998, reflete bem essa variedade. Com um sugestivo e instigante subtítulo que conclama seus leitores e escritores a liberar a imaginação e libertar a alma,⁹ seu acervo totaliza cerca de 905.686¹⁰ histórias depositadas, divididas em oito categorias: *anime*, desenhos animados televisionados de estilo oriental, categoria que mais possui *fanfictions* depositadas no momento, totalizando 318.246 histórias, *cartoon*, desenhos animados televisionados de estilo ocidental, com 39.880 histórias, *game*, que abriga jogos de computador e outros, inclusive RPGs,¹¹ com 87.971 histórias, *movie*, que inclui filmes em geral, inclusive os de animação, com 50.665 histórias, *TV show*, ainda uma categoria muito popular, tendo sido a desencadeadora do fenômeno, com um total de 149.456 *fanfictions*, *comic*, ou histórias em quadrinhos de estilo ocidental, soman-

⁸ Disponível em: <www.fanfiction.net>. Acesso em: 30 out. 2004.

⁹ No original: "Unleash your imagination and free your soul". Disponível em: <www.fanfiction.net>. Acesso em: 30 out. 2004.

¹⁰ Disponível em: <www.fanfiction.net>. Acesso em: 30 out. 2004.

¹¹ *Role playing game*, jogo no qual cada jogador assume um personagem e o encena, interagindo com a história e os demais personagens na construção e finalização das tramas enquanto joga.

do apenas 12.472 *fanfictions*, e *book*, cuja soma de *fanfictions* depositadas alcança o número de 218.285, é a segunda categoria mais popular naquele *website*. Há, ainda, a categoria *misc*, referindo-se à miscelânea, contendo basicamente *cross-overs*, ou seja, histórias que misturam os universos das categorias anteriormente citadas ou os universos de diferentes séries dentro de uma mesma categoria.

Na categoria *book*, percebe-se claramente a presença de um fenômeno editorial que deu impulso a uma nova geração de escritores de *fanfiction*, já como prática *on-line*. Trata-se da série *Harry Potter*, de autoria da inglesa J. K. Rowling, cujo número de *fanfictions* depositadas no *fanfiction.net* chega à impressionante soma de 159.325 histórias, representando mais de 70% das *fanfictions* escritas com base em um livro naquele *website*.¹² Em janeiro de 2004, essa mesma série já contava com 125.516 *fanfictions* depositadas, um aumento em seu acervo de cerca de 27% em apenas nove meses.

O segundo lugar em número de *fanfictions* depositadas na categoria *book* pertence à série *Lord of the rings – O senhor dos anéis*, de autoria do, também inglês, J. R. R. Tolkien, com 34.275 histórias disponíveis. Ambas as obras são fenômenos de vendagem em todo o mundo, tendo sido transformadas em filmes igualmente bem-sucedidos comercialmente, o que pode significar que a *fanfiction* permanece como uma prática de letramento promovida pelo consumo de produtos vinculados à indústria do entretenimento.

Além do número de histórias depositadas, outra característica que torna o *fanfiction.net* um *website* único na divulgação de *fanfictions on-line* são as diferentes línguas em que se pode encontrar material de leitura, o que fornece a dimensão do alcance dessa prática no mundo. Até 2004, o *website comportava fanfictions* depositadas em quatorze idiomas, apresentados em um *menu* suspenso à direita da tela,

¹² Disponível em: <www.fanfiction.net>. Acesso em: 3 nov. 2004.

na seguinte ordem: inglês, espanhol, francês, alemão, chinês, japonês, holandês, português, escandinavo, russo, italiano, búlgaro, polonês e húngaro. Em fevereiro de 2005 a classificação de língua escandinavo foi substituída por sueco, norueguês, finlandês e dinamarquês.¹³ Em abril de 2005, o *website* ampliou ainda mais o número de idiomas disponíveis, em virtude de pedidos recebidos e para que *fanfictions* naquelas línguas também pudessem integrar o acervo,¹⁴ acrescentando filipino, hindi, punjabi, românica, sérvio, turco, checo, malaio e croata, além do esperanto e do albanês.

Atualmente, o *fanfiction.net* aceita *fanfictions* em trinta e três línguas diferentes, inclusive em persa (farsi), árabe, grego e hebraico, além das mencionadas anteriormente. Não é esclarecido o critério que faz a ordenação das línguas no *menu* disponibilizado ao visitante, embora perceba-se que não é o alfabético. Comprovando a popularidade da *fan-fiction* no Brasil, pode-se encontrar material de leitura em português brasileiro em todos os gêneros mais populares. No caso da

¹³ "February 26th, 2005. Note to writers living in or near the scandinavian peninsula. FanFiction.Net is phasing out the 'Scandinavian' language. Technically the term is of a region which encompass several similar but distinct languages. As result, we have added 4 new languages to our list: 1. Swedish 2. Norwegian 3. Finnish 4. Danish. If you currently have entries archived as 'Scandinavian', please move them to the proper language and help us spread the word." Fevereiro, 26, 2005. Nota aos escritores que vivem na península escandinava ou próximos a ela. O *fanfiction.net* está indisponibilizando a opção de língua 'escandinava'. Tecnicamente, o termo refere-se a uma região que abriga várias línguas semelhantes, mas distintas. Em decorrência disso, nós adicionamos 4 novas línguas a nossa lista: 1. sueco, 2. norueguês, 3. finlandês e 4. dinamarquês. Se você tiver arquivos depositados como 'escandinavo', por favor, mude-o para a língua apropriada e nos ajude a divulgar essa alteração. (tradução nossa). Disponível em: <www.fanfiction.net>. Acesso em: 8 abr 2005.

¹⁴ "April 4th, 2005. Following languages have been added by popular request: Filipino; Esperanto; Hindi; Punjabi; Romanian; Albanian; Serbian; Turkish; Czech; Indonesian and Croatian. Please help FanFiction. Net spread the word to writers in these languages." Abril, 4, 2005. As seguintes línguas foram acrescentadas, em virtude de pedidos do público: filipina, hindi, punjabi, românica, sérvia, turca, checa, malaia e croata, além do esperanto e do albanês. Divulgue essa notícia para escritores nessas línguas. (tradução nossa). Disponível em: <www.fanfiction.net>. Acesso em: 8 abr. 2005.

série *Harry Potter*, existem, atualmente, cerca de 2.824 *fanfictions* depositadas em língua portuguesa.¹⁵ Constatou-se que entre as 250 primeiras histórias disponíveis, apenas três não estavam redigidas em português do Brasil.

A estrutura de leitura disponibilizada nesse *website* revela uma preocupação com o leitor virtual, apresentando recursos para minimizar um possível desconforto causado pela leitura prolongada na tela do computador. Os organizadores da página oferecem, no alto, à direita, botões de aproximação (+) e afastamento (-) do conteúdo da tela de forma a aumentar ou diminuir, em muitas vezes, o tamanho das fontes, bem como um *menu* para a busca dos capítulos. Também é disponibilizado um dicionário, embora somente para a língua inglesa. Ao se deparar com uma palavra desconhecida em uma *fanfiction* escrita naquela língua, o leitor pode selecioná-la – uma das formas de fazê-lo é arrastar o *mouse* sobre a palavra, ao mesmo tempo em que o botão esquerdo é pressionado – copiá-la e clicar em *Dictionary*, que se encontra no *menu* permanente da página. Ao passar para a página do *Dictionary*, basta colar a palavra no local indicado *word* e pressionar *look up definition*, para ter o acesso a vários verbetes contendo a palavra em questão, retirados de dicionários afamados, como o *Webster's Revised Unabridged Dictionary*.

Outros itens na página visam informar ao leitor: a localização das categorias (livros, jogos, etc.) e subcategorias (*Harry Potter*) das *fanfictions* pesquisadas, um *link* para a biografia de seu autor, a classificação da *fanfiction* de acordo com seu conteúdo (mais ou menos violento, com ou sem cenas de sexo), a data da publicação, a data da atualização (Postagem de novos capítulos ou revisão de capítulos antigos) e *link* para leitura dos *reviews* (comentários dos leitores). Ao terminar de

¹⁵ Disponível em: <<http://www.fanfiction.net/1/224/3/0/8/1/0/0/0/113/>>. Acesso em: 8 abr. 2005.

ler o capítulo em questão, o leitor encontrará um *link* (*submit review*) para deixar seus comentários, se assim o desejar.

Também é bastante comum o leitor encontrar uma nota de esclarecimento antes do início da história, na qual o autor fornece uma sinopse ou uma explicação sobre as origens da história (muitas são baseadas em outras *fanfictions* lidas pelo autor) e um alerta ao leitor caso a *fanfiction* contenha cenas de sexo ou violência ou ainda, *spoilers* sobre o original da série que serve de inspiração para sua escrita. *Spoilers* são revelações sobre conteúdos mais recentes constantes da trama do original, com os quais o prospectivo leitor da *fanfiction* pode ainda não ter tido contato. Acredita-se que a forma de organização do *fanfiction.net* sirva de referência para a construção de outros *websites* no mundo, inclusive no Brasil.

O fenômeno Harry Potter, cujo número de livros vendidos no Brasil alcança a casa de um milhão e meio de exemplares,¹⁶ parece ter sido o principal propulsor da prática da *fanfiction* no país, tanto que são raros os *websites* de *fanfiction* em língua portuguesa que se dediquem a outros originais, que não a série de autoria de J. K. Rowling. O consumo de produtos em língua inglesa, criados pela indústria do entretenimento e veiculados pelos meios de comunicação de massa, faz parte do cotidiano dos jovens pertencentes às classes médias no Brasil, como dos demais jovens com acesso a eles no mundo. Dessa forma, não é de surpreender que a prática da *fanfiction*, cada vez mais popular no mundo, também tenha seu reflexo no Brasil, com a multiplicação de *websites* e *blogs* dedicados à divulgação do trabalho de fãs, principalmente leitores da série *Harry Potter*, que sentem a necessidade de participar daquele universo ficcional de forma mais ativa.

Visto que a nomenclatura encontrada em *websites* brasileiros acompanha a encontrada naqueles em língua inglesa,

¹⁶ EDITORA ROCCO. Re: Fale conosco *site* Harry Potter [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 30 nov. 2004.

pode-se indagar se jovens das classes médias, navegando na internet em busca de material sobre a série *Harry Potter*, não se depararam com *websites* de *fanfictions* sobre o assunto e, fascinados por eles, decidiram criar os seus próprios em língua portuguesa. Aparentemente, seria esse o caso, uma vez que vários são os autores que declaram que seu primeiro contato com as *fanfictions* ocorreu em *websites* em língua inglesa, principalmente por intermédio do *fanfiction.net*.¹⁷ Os *websites* brasileiros dedicados à coleta e à publicação de *fanfictions* passaram a ser mais numerosos a partir de 2000, precisamente o ano em que o primeiro livro da série *Harry Potter*, intitulado *Harry Potter e a pedra filosofal*, foi lançado no país.

Data também daquele ano a construção do mais antigo *website* nacional dedicado ao tema, ainda em funcionamento, o Edwiges Homepage,¹⁸ que coleta e publica exclusivamente *fanfictions* de Harry Potter, fundado em 16 de novembro de 2000. O nome do *website* é originado do nome da coruja de estimação do personagem Harry Potter, animal tradicionalmente associado à inteligência e à sabedoria, Hedwig, chamada de Edwiges na versão do livro para o português do Brasil. Sua *webmistress* (responsável pelo gerenciamento do *website*), que responde pelo *pen name* (identidade virtual como autora) de Scila, tem dezoito anos de idade e criou o *website* quando tinha apenas treze anos. Ela é autora de oito *fanfictions* publicadas e seu próprio envolvimento com essa prática deu-se por intermédio do *fanfiction.net*.

Atualmente o Edwiges Homepage conta com 833 *fanfictions em seu acervo*,¹⁹ um número muito inferior àquele en-

¹⁷ De 42 autores entrevistados por *e-mail*, sete citaram o *fanfiction.net* como o local de seus primeiros contatos com as *fanfictions*. O *sugarquill.net* foi citado duas vezes; o *restrictedSection.org*, uma vez e os demais citaram *websites* brasileiros ou não fizeram referência a nenhum *site* em específico.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.edwigeshomepage.com/home.html>>. Acesso em: 22 nov. 2004.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.edwigeshomepage.com/home.html>>. Acesso em: 8 abr. 2005.

contrado no *fanfiction.net*, o que pode indicar que os autores nacionais parecem preferir publicar suas obras em um *website* internacionalmente reconhecido, provavelmente, em razão da instabilidade dos *websites* nacionais. Apesar de toda a dedicação de *webmistresses* como Scila, a média dos *websites* nacionais tem vida curta em virtude das dificuldades financeiras enfrentadas pelos proprietários para mantê-los funcionando,²⁰ quanto mais *fanfictions* um *website* abriga, mais espaço pago ele necessita no servidor. Há também as restrições de tempo, uma vez que, à medida que os proprietários ficam mais velhos, eles passam a ter mais obrigações pessoais, como o vestibular ou a entrada no mercado de tra-

²⁰ Tentando evitar o fechamento do *site*, as *webmistresses* do Aliança 3 Vassouras fizeram circular e-mail com o seguinte apelo: “Como todos sabem a Aliança 3 Vassouras está com problemas para hospedar o *site* em um servidor decente há meses. A única solução para o *site* é pagar um servidor dedicado, que custa muito caro e, como somos um *site* sem fins lucrativos, não temos condições de pagar toda a mensalidade. Visando solucionar esse problema nos juntamos com o *site* Aurores para hospedar nossos *sites* (incluindo aqui o WebFanFics e o Animagos) na mesma conta, no mesmo servidor, para diminuir os custos tanto pra gente quanto pra eles. O problema é que ainda assim não conseguimos juntar todo o dinheiro necessário. A única saída que encontramos, então, é alocar espaço e e-mails nesse servidor dedicado a preços acessíveis. Precisamos de interessados imediatamente para que possamos assinar o plano com o servidor e, enfim, colocar nossos *sites* de volta ao ar e disponibilizar o serviço. O pagamento dos serviços por nós oferecidos será feito via depósito bancário mensal, bimestral, trimestral ou semestral, a combinar. O interessado nos e-mails poderá escolher se quer um e-mail @alianca3vassouras.com, @animagos.com.br, @aurores.com ou @fanfiction.com.br. Segue abaixo [sic] as descrições e valores dos serviços disponíveis: E-mail (5 reais mensais): 10MB de espaço + webmail e acesso via pop3. Espaço para publicação de homepages + e-mail (10 reais mensais): 200MB de espaço para publicação de homepages + 2,5GB de tráfego + ftp próprio 10MB de espaço + webmail e acesso via pop3. Espaço para publicação de homepages (6 reais mensais): 200MB de espaço para publicação de homepages + 2,5GB de tráfego + ftp próprio. Os interessados devem entrar em contato com a Pichi através de seu e-mail pessoal, para acertar maiores detalhes e/ou tirar dúvidas.” TRINDADE, Luciana. Explicações sobre o que houve com o 3 Vassouras [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 24 abr. 2004.

balho,²¹ vendo-se, assim, forçados a relegar os cuidados com o *website* a um segundo plano.

Um famoso exemplo, conhecido dentro de toda a comunidade *fanfiqueira* no Brasil, é o recentemente reativado Aliança 3 Vassouras, que esteve fora do ar por oito meses, período em que apenas o fórum de debates permaneceu funcionando. Fundado em novembro de 2002 e retirado do ar em março de 2004, esse *website* chegou a ser o maior do país, abrigando quase duas mil *fanfictions*. Suas *webmistresses*, Luciana Trindade, Mile Black e Pichi, sempre afirmaram não terem desistido do projeto, mas que, para reativá-lo, necessitavam de tempo e dinheiro.²²

Ao pesquisar a organização dos *websites* nacionais, é importante constatar a massiva presença feminina na prática da *fanfiction* no Brasil. São adolescentes, jovens e adultas, que desempenham os papéis de *webmistresses*, *beta readers* (revisoras de texto), autoras e leitoras de *fanfiction*. Nesse ponto há uma semelhança com a prática internacional, em que a presença feminina também é majoritária. De acordo com Susan Clerc, quase toda *fanfiction* é escrita por mulheres, que têm um papel muito ativo dentro dos *fandom*, não apenas escrevendo e lendo *fanfictions*, mas criando trabalhos artísticos a partir do original em questão (*fanarts*), organizando

²¹ A título de exemplo, pode ser citado o *post* da *webmistress* do Edwiges Homepage em 31 de outubro de 2004: “Só passei para desejar um feliz Dia das Bruxas. O primeiro vestibular que vou prestar se aproxima assim como as últimas (espero) provas do 3o, então, não deu para fazer nada para o *site*, mas não temam os moderadores foram escolhidos e logo entrarão em ação”[sic]. Ainda, a *webmistress* da Harryoteca, presentemente desativada, postou em 24 de março de 2004, o seguinte comentário: “Ae gente, como estão? Fics aí e post hoje pra falar umas coisinhas: Eu sinceramente peço todas as desculpas possíveis. Se eu fosse vocês eu também não gostaria, mas eu não tive muito tempo pra arrumar aqui esses tempos. Eu vi os comentários (eu vejo sempre) e vi muita gente falando, bem ou mal, sobre as atualizações. Eu não atualizo mais na quinta feira, e provavelmente nunca na sexta também, porque eu tenho prova TODAS (sim, todas) as sextas. E quinta eu tenho que estudar né” [sic]. Disponível em: <www.edwigeshomepage.com>; <www.harryoteca.com>. Acesso em: 5 nov. 2004.

²² Disponível em: <www.alianca3vassouras.comcom>. Acesso em: 5 nov. 2004.

websites, *e-zines* e convenções para a divulgação do *fandom* e para que seus membros tenham a oportunidade de se encontrar. A autora afirma que “o *media fandom* não existiria sem as mulheres, porque mais mulheres do que homens fazem o trabalho de comunicação necessário para construir e sustentar a comunidade”.²³ Sintomaticamente, os *websites* nacionais mais conhecidos dedicados à coleta e à divulgação de *fanfictions* de Harry Potter são geridos por mulheres. Já os *websites* internacionais dedicados a *fanfictions* mais conhecidos nesse *fandom* são geridos por verdadeiras equipes, nas quais as mulheres podem ser maioria, mas não são unanimidade.

Dentre os *websites* internacionais dedicados exclusivamente à publicação de *fanfictions* de Harry Potter, destacam-se o Sugar Quill²⁴ e o Fiction Alley.²⁵ O último hospeda as chamadas *novel length fanfictions*, ou seja, *fanfictions* cujo tamanho se equipara ao de um romance impresso, frequentemente com dezenas de capítulos, que vão sendo postados um a um, podendo o total da obra atingir várias centenas de páginas. Dentre os nacionais, os mais frequentados no momento em que a pesquisa foi feita, são os já citados Aliança 3 Vassouras e Edwiges Homepage.

Para ordenar o acervo, os administradores dos *websites* costumam disponibilizar suas *fanfictions* organizadas por gênero literário, o que facilita a escolha do leitor, bem como dá ao autor orientação sobre onde requisitar a postagem de sua *fanfiction*. Os *websites* em língua portuguesa seguem todos uma classificação bastante semelhante quanto aos gêneros literários que disponibilizam. A Edwiges Homepage, por exemplo, divide-os em aventura/ação, suspense, *songfic*, romance, humor, drama, poesia e geral, categoria na qual parecem es-

²³ “Media fandom wouldn’t exist without women because more women than men do the communication work necessary to forge and sustain the community.” CLERC. Estrogen brigades and ‘Big Tits’ threads. p. 218.

²⁴ Disponível em: <<http://www.sugarquill.net/>>. Acesso em: 9 nov. 2004.

²⁵ Disponível em: <<http://www.fictionalley.org/>>. Acesso em: 9 nov. 2004.

tar aquelas *fanfictions* cuja definição de gênero literário não foi possível.

A questão dos gêneros literários no universo das *fanfictions* preserva elementos em comum com o modo como são compreendidos no universo escolar, mas também apresentam características próprias. A nomenclatura é atualizada em cada *website*, de acordo com o entendimento daqueles que o gerenciam e de acordo com as necessidades do *fandom* que o frequenta. Alguns gêneros chegaram a ser criados para que fosse possível classificar algumas das obras produzidas pela imaginação fértil dos autores, e são encontrados apenas na prática da *fanfiction*. Um exemplo de gênero cuja criação é exclusiva do mundo virtual das *fanfictions* é o *songfic*.

Songfics são histórias escritas com uma música, geralmente bastante popular, utilizada como pano de fundo ou mote para o enredo. Podem ser escritas em forma de poema ou não, mas a letra original da música é incorporada a uma história envolvendo os personagens e a trama da *fanfiction*. Em alguns casos, trechos da letra são incluídos como epígrafes em diferentes partes da história, recurso utilizado pelo autor para auxiliar na contextualização da história ou dos sentimentos dos personagens e, em outras ocasiões, esses trechos são utilizados como parte das falas dos personagens.

Outro gênero literário criado em função das práticas de *fanfiction* é o *slash*. A origem do termo está no nome, em língua inglesa, da barra diagonal à direita (/), sinal gráfico utilizado para unir as iniciais do *shipper* (casal) a ser encontrado naquela *fanfiction*. Por exemplo: em uma história de cunho romântico, cuja trama apresente um envolvimento amoroso entre Draco Malfoy e Gina Weasley, personagens da série Harry Potter, haverá, junto ao título da *fanfiction*, o símbolo D/G para que os fãs saibam, de antemão, que a proposta da história envolve um romance entre aqueles personagens. Entretanto, embora as *fanfictions* do gênero *slash* abordem

sempre relacionamentos amorosos, fazem-no exclusivamente entre personagens do mesmo sexo. O envolvimento homossexual, seja entre personagens masculinos seja entre femininos, conta com cenas de sexo mais ou menos explícitas, com doses maiores ou menores de violência, a critério do autor e do *website*.

Nem todos os *websites* aceitam publicar *fanfictions* do gênero *slash*, e os que o fazem, geralmente, colocam-nas à parte das demais, em uma área restrita, contendo um aviso introdutório sobre as características desse gênero e ainda solicita uma declaração – normalmente basta clicar em um *banner* ou *hiperlink*, que também funcionará como portão de entrada para a *fanfiction* – de que o provável leitor é maior de idade, de acordo com as leis de seu país. Dentre as histórias do gênero *slash* encontram-se as que apresentam situações de sexo consentido entre adultos bem como as que se concentram em pedofilia e/ou incesto, ficando a critério dos gerenciadores dos *websites* a publicação ou não de *fanfictions* com esses enredos.

Não são em todos os círculos de fãs que as *fanfictions* do gênero *slash* são bem aceitas. Comprovando a existência de restrições ao gênero, incluindo ameaças judiciais por parte dos autores dos originais, o *fanfiction.net* proibiu a postagem e retirou do ar todas as *fanfictions* do gênero *slash* e NC-17 em setembro de 2002. NC-17 é como são classificadas as *fanfictions* que descrevem cenas de sexo e/ou violência entre casais heterossexuais. Essa decisão gerou a criação de novos *websites* dedicados exclusivamente ao gênero *slash*, destacando-se no *fandom* dedicado a Harry Potter, o Restricted Section,²⁶ em língua inglesa, e, dentre os nacionais, o Boa Constrictor.²⁷ O Restricted Section contém uma coleção de 1.590 contos eróticos

²⁶ Disponível em: <<http://www.restrictedsection.org/>>. Acesso em: 15 nov. 2004.

²⁷ Disponível em: <<http://ptyx.ebonyx.org>>. Acesso em: 15 nov. 2004.

cos²⁸ e o Boa Constrictor conta com dez histórias em língua portuguesa, todas pertencentes a uma única autora, além de versões das mesmas histórias em língua inglesa e traduções de *fanfictions* de outras autoras. Ainda em língua portuguesa, o *website* Lucas Sasdelli²⁹ apresenta *fanfictions* do gênero *slash* também chamado de *Yaoi* pelos fãs de animes, termo que está se popularizando juntamente com as animações japonesas escritas pelo autor que dá nome ao *website*. Sasdelli é um dos poucos autores do sexo masculino encontrados no *fandom* de Harry Potter no Brasil e sua produção é numerosa e conhecida dentro desse *fandom*, tendo, inclusive, sido objeto de discussões exaltadas em fóruns de debate de *fanfictions*.

Na página de comentários do *website*, o *post* de um leitor e a resposta do autor dão a dimensão do tipo de polêmica que envolve a escrita e leitura de *fanfictions* do gênero *slash*.³⁰ De acordo com Susan Clerc,³¹ as histórias desse gênero são, em sua maioria, escritas por mulheres que teriam como alvo leitoras do sexo feminino e, frequentemente, são objeto de *fla-*

²⁸ RESTRICTED section. Re: Information [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br > em 18 fev. 2005.

²⁹ Disponível em: <<http://sasdelli.cjb.net/>>. Acesso em: 12 nov. 2004.

³⁰ "Name: VICEN.

Comments: SAdelli é gay, suspeitava mas agora confirmado, em meninos distorcidos [sic] ele declara que a borboleta é o cara que ele sonha. Eu também, como se o medo do pecado nos impedisse. Se contentássemos [sic] só com um beijo labial seria mais fácil, mas tem que ter sexo. é a prova de que somos animais e deus veio nos mostrar que devemos tentar ser como ele forte, resistentes a nos mesmos [sic]. Saturday, October 16th 2004 07:18:44 PM

Name: Sasdelli

Comments: sua mensagem...

ela fala tanto por si só

fala do tipo de pessoa que vc é...

então, se eu der papo para alguém tão desprezível eu estarei me nivelando a algo podre e xulo com vc [sic], e isso, my dear, eu não quero.

so

sweet dreams for you

and

the truth is out there!

Sunday, October 17th 2004 02:26:32 AM."

³¹ CLERC. *Estrogen brigades and 'Big Tits' threads*, p. 228.

mes por parte de leitores do sexo masculino, que se sentiriam agredidos com o erotismo homossexual masculino presente na maioria das produções do gênero.

A decisão do *fanfiction.net* de proibir a postagem de *fanfictions* do gênero *slash* ou NC-17 teria sido motivada pela pressão dos detentores dos direitos autorais dos originais que lhes servem de base, com o objetivo de evitar retaliações judiciais, resolução que é mantida até hoje. Mesmo assim, é possível encontrar *slash* postado naquele *website* em outras línguas que não a inglesa, inclusive em português, até mesmo com tramas envolvendo casos de abusos contra crianças e/ou incesto, notadamente nas histórias baseadas na série Harry Potter, a mais popular para escritores brasileiros de *fanfiction*. Os gerenciadores do *website* solicitam que essas irregularidades sejam denunciadas pelos leitores, para que eles possam retirar as *fanfictions* de seus arquivos.

Em sua maioria os autores dos originais costumam ser complacentes com os outros gêneros, mas têm ameaçado judicialmente os *websites* que insistem na publicação de *slash* ou de histórias que contenham cenas de sexo, mesmo heterossexual, e de violência. J. K. Rowling teria se declarado “alarmada” com a existência de materiais sexualmente explícitos e pornográficos, cujo conteúdo pode ser prejudicial para as crianças.³² Os detentores dos direitos autorais dificilmente entram com processos judiciais contra os autores dos demais gêneros de *fanfictions*, não apenas porque eles não têm nenhum objetivo lucrativo com sua produção, mas também porque o uso de *pen names* torna praticamente impossível localizá-los em um universo dinâmico, multifacetado, e cuja existência se dá num espaço virtual globalizado, como o da *fanfiction*.

³² *Harry Potter and the copyright lawyer*. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/ac2/wp-dyn/A7412-2003Jun17?language=printer>>. Acesso em: 15 dez. 2004.

De maneira geral, os *webmasters* e as *webmistresses* dos *websites* de *fanfiction* são cuidadosos em relação ao seu futuro leitor e procuram dar todas as informações possíveis a respeito das *fanfictions* publicadas, como pôde ser percebido no exemplo do *fanfiction.net*. Para tanto, é adotado um sistema de classificação do conteúdo das *fanfictions* que apresenta pouca ou nenhuma modificação de um *website* para outro, tendo sido adotado também pelos de língua portuguesa. Esse sistema é baseado naquele utilizado pela indústria cinematográfica norte-americana para classificar os filmes de acordo com as leis daquele país. Segundo essa classificação, as *fanfictions* são assim divididas: a já citada NC-17, é a classificação que recebem as *fanfictions* consideradas impróprias para menores de 17 anos de idade, por conter cenas de sexo e/ou violência. O mesmo tipo de conteúdo é encontrado naquelas classificadas como R, que significa *restricted*, e o *website* que utiliza uma classificação geralmente não utiliza a outra. Em ambas categorias os textos contêm cenas de sexo entre casais heterossexuais, o que as diferencia do *slash*. É mais raro, porém não impossível, encontrar cenas de abuso nas *fanfictions* que recebem essas classificações. G é a abreviatura que recebem as *fanfictions* classificadas como *general*, ou geral, por não conterem conteúdo sujeito a qualquer tipo de restrição, e PG, que significa *parental guidance*, é a sigla das *fanfictions* para as quais se recomenda o acompanhamento dos pais. Os textos dentro dessa classificação geralmente vem acompanhados da idade mínima sugerida para o leitor, como PG13, significando que o leitor não deve ter menos de 13 anos de idade, embora, mesmo assim, seja recomendada a mediação dos pais para aquela leitura.

Uma forma de compreender o quão importante é o universo da *fanfiction* para seus participantes é observar as discussões nos fóruns. Raros são os *websites* dedicados a *fanfictions* de um único *fandom* que não possuam fóruns de debates.

Neles, discussões acirradas ocorrem em torno das *fanfictions*, dos originais que as inspiram e de quaisquer outros assuntos que forem considerados relevantes para aquele *fandom* e para os envolvidos com essa prática de letramento. Um bom exemplo é o fórum do Aliança 3 Vassouras,³³ um dos mais movimentados dos dedicados ao *fandom* de Harry Potter no país. Além de uma área denominada Vassouras, para debates sobre tópicos variados, como assuntos do próprio fórum, animes e mangás, livros, músicas, filmes e programas de televisão preferidos, o fórum ainda possui áreas denominadas Hogwarts, Harry Potter e Shippers.

Em Hogwarts, os membros do fórum, que são selecionados em casas como na escola fictícia dos livros, podem se encontrar para conversas informais e para construir conjuntamente os jornais das casas. O mais antigo e conhecido é o Profeta Corvinal,³⁴ pertencente à casa de mesmo nome (*Ravenclaw*, no original), que está completando um ano de idade. Evidenciando a presença de um tipo de interação própria do *fandom*, em sua mais recente edição, o jornal traz uma entrevista com Scila, a *webmistress* do *website* Edwiges Homepage, que comenta sobre suas *fanfictions* publicadas.

Em Harry Potter, os membros do fórum debatem sobre suas *fanfictions* preferidas, inclusive sobre as classificadas como NC-17 e *slash*, criam *fanfictions* em grupo, em que cada participante escreve um trecho e dá continuidade à história, organizam e comentam convenções para o *fandom* (chamadas encontros potterianos), postam e recomendam *fanarts* e debatem os filmes e livros da série.

Já a área denominada Shippers é reservada para a discussão sobre a formação dos possíveis pares românticos que podem acontecer ao longo das histórias originais e que

³³ Disponível em: <<http://www.alianca3vassouras.com/forum/>>. Acesso em: 4 dez. 2004.

³⁴ Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/profetacorvinal/>>. Acesso em: 4 dez. 2004.

servem de mote para a criação de um sem-número de *fan-fictions*. Esse, sem dúvida, é um dos tópicos que provoca as mais exaltadas discussões dentro dos *fandoms*. Inflamar-se e tornar-se mais agressivo durante esses debates, fato que não é incomum é chamado de *flame* e pode levar à expulsão do debatedor do fórum. O termo *shipper* teria sua origem nas discussões entre os autores de *fanfiction*, fãs do seriado *The X Files* (Arquivo X, no Brasil), que se autodenominariam *relationshipppers*, promotores da relação entre os heróis do seriado, Scully e Mulder.³⁵ Fãs de Harry Potter e de outros originais sobre os quais *fan-fictions* são construídas também passaram a utilizar o termo, que pode aparecer em sua forma abreviada, *ships*. O *website* Edwiges Homepage publica um jornal *on-line*, *In-contestável*, dedicado ao *shipper* R/H (Rony e Hermione), que nasceu de discussões e amizades travadas naquela área do fórum Aliança 3 Vassouras.³⁶

Outra das questões polêmicas dentro do universo das *fanfictions* envolve mais uma terminologia tomada de empréstimo das discussões literárias existentes nos meios escolares e acadêmicos. Trata-se da defesa do cânone. Alguns fãs compreendem a obra original como sendo canônica e, portanto, não sujeita a subversões de suas características, como atitudes consideradas impossíveis por parte de alguns personagens ou, ponto muito mais polêmico, a criação de casais considerados improváveis. O já citado Sugar Quill, *website* exclusivo de *fanfictions* baseadas em Harry Potter, não aceita histórias que alterem substancialmente o, por seus administradores, denominado cânone, no caso, os originais publicados pela escritora J. K. Rowling.

Por essa razão, todos os autores que tiverem a pretensão de ter suas *fanfictions* publicadas naquele *website* terão

³⁵ Disponível em: <<http://www.fictionalley.org/primer/dictionary.html>>. Acesso em: 6 dez. 2004.

³⁶ Disponível em <<http://www.edwigeshomepage.com/rhr/indexx.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2005.

de submeter sua história a uma revisão rigorosa, objetivando assegurar que fatos já determinados ou parcialmente indicados nos livros originais não tenham sido objeto de nenhuma modificação. O Fiction Alley, em seu glossário, oferece a seguinte explicação para o termo: “cânone fatos que nos foram contados nos livros. Algumas pessoas também consideram os filmes parte do cânone, mas, muitas vezes a escolha fica a seu critério. Harry não pode ter olhos verdes e azuis e seu pai não pode ser um artilheiro e um apanhador. A contrapartida do cânone é o ‘fanon’”.³⁷

Os defensores do cânone, como a autora e *webmistress* Scila, que se declarou pró-cânone em sua entrevista ao Profeta Corvinal,³⁸ entram em choque com outros autores que se caracterizam por uma maior liberdade criativa em relação aos originais, podendo chegar a escrever histórias que guardam pouca semelhança com a trama do texto canônico. Cabe aos administradores e revisores dos *websites* decidirem se aceitam ou não a publicação de histórias que violem o cânone. As *webmistresses* do Sugar Quill não aceitam publicações sobre, por exemplo, romances entre os personagens Harry e Hermione, por compreenderem que não há nada nos originais que corrobore tal interpretação. Os *websites* brasileiros, em geral, não fazem esse tipo de restrição, permitindo a alteração de quaisquer dados que o autor deseje fazer em relação às publicações originais.

³⁷ No original: “Canon Facts that have been told to us in the books some people also consider things from the movies to be canon, but you often have to pick & choose. For instance: Harry can’t have green eyes and blue eyes, and his father can’t be a Chaser and a Seeker. Canon’s counterpart is ‘fanon’”. Disponível em: <<http://www.fictionalley.org/primer/dictionary.html>>. Acesso em: 6 dez. 2004.

³⁸ “Eu sou pro-cannon. Ou seja, eu sou ‘conservadora’. Basicamente eu não gosto de escrever casais que não acredito que acontecerão nos livros. R/Hr é o único que eu totalmente acredito que vai. Sem falar que eu amo R/Hr, na minha opinião pessoal não há melhor casal. O que influi também no fato de eu não escrever, por exemplo, Lillian/Tiago, que é, totalmente sem dúvida alguma, comprovado nos livros. Já tentei escrever uma fic com dois mas não consigo, não tenho interesse suficiente neles.” Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/profetacorvinal/>>. Acesso em: 12 dez. 2004.

O principal auxiliar de um administrador de *website* no que se refere à classificação do conteúdo de uma *fanfiction* – determinação de gênero literário, faixa etária e de que sua trama não viola os termos de uso do *website*³⁹ – é o *beta reader*. *Beta readers* são revisores de texto, presença obrigatória na ampla maioria dos *websites* dedicados a um único *fandom*, inclusive nos brasileiros. Segundo o Fiction Alley,⁴⁰ o autor, primeira pessoa a ler a *fanfiction*, seria o *alpha reader*, e o revisor, suposta segunda pessoa a lê-la, o *beta reader*. Já o Sugar Quill⁴¹ afirma que o termo teria sua origem em uma antiga prática da International Business Machine, a IBM, companhia produtora de *hardware* e *software*, para selecionar pessoas para testar um produto que ainda estivesse em fase de acabamento. Em alguns *websites* a escolha do *beta reader* fica a critério do autor, que escolhe a partir de uma lista de *e-mails*; em outros, os próprios *webmasters* fazem a escolha, de acordo com o conteúdo da *fanfiction* proposta. De acordo com as orientações encontradas no Edwiges Homepage,⁴² o autor que deseje publicar uma *fanfiction* entrará em contato com um dos *beta readers* disponibilizados pelo *website*, enviará a ele seu *pen name*, endereço de *e-mail*, título da *fanfiction*, resumo e especificações sobre *shippers* e *spoilers*. O *beta reader* decidirá se aceita “betá-la” e entrará em contato com o autor.

³⁹ Terms of Use, ou TOU, é seção onde estão armazenadas explicações concisas, encontradas na ampla maioria dos *websites* prestadores de serviços. No caso dos *websites* de *fanfictions*, a visita a esse *menu* possibilita ao visitante o esclarecimento de alguns pontos básicos sobre o funcionamento do *site*, quais os tipos de trabalhos que são aceitos, se há ou não exigência de revisão antes da postagem e as especificações técnicas.

⁴⁰ Disponível em: <<http://www.fictionalley.org/primer/dictionary.html>>. Acesso em: 12 nov. 2004.

⁴¹ Disponível em: <<http://www.sugarquill.net/index.php?action=sqglossary#B>>. Acesso em: 20 nov. 2004.

⁴² Disponível em: <<http://www.edwigeshomepage.com/fanfiction/betareaders.php>>. Acesso em: 22 nov. 2004.

Alguns *websites* exigem apenas a correção do texto do ponto de vista estrutural, ao passo que outros procedem a uma revisão mais criteriosa, chegando a fazer sugestões sobre o desenrolar da história. O Edwiges Homepage diz textualmente que a função dos *beta readers* é ajudar os autores, “corrigindo erros de português, dando opiniões sobre o texto, ajudando a encontrar incoerências, questionando tramas e etc. Alguns betas fazem apenas correções ortográficas e gramaticais, outros preferem ajudar a eliminar *plot holes* (falhas nas tramas) e há aqueles que fazem as duas coisas”.⁴³

É importante salientar que nem todos os *beta readers* aceitam “betar” slash e NC-17 e que seu trabalho é, como todo o trabalho daqueles envolvidos na organização dos *websites* de *fanfiction*, voluntário. Dos oito *beta readers* que, nesse momento, realizam revisões para o Edwiges Homepage, seis têm 14 ou 15 anos de idade.

A interatividade é um dos elementos fundamentais do *fandom* e é expressa na prática da *fanfiction* por meio de uma relação autor-leitor muito mais próxima do que a exercida fora do mundo virtual. O autor recebe *feedback* constante de seu trabalho e esse exercício de crítica, realizado com dedicação e seriedade por muitos dos participantes desse universo, deu origem a uma categoria de análise de personagem denominada Mary Sue, cuja procedência remonta às primeiras *fanfictions* escritas sobre o seriado *Star trek* (*Jornada nas estrelas*), em que havia uma personagem com esse nome.⁴⁴

De modo geral, o personagem Mary Sue é execrado dentro dos *fandoms*, por ser considerado uma criação que requer pouca imaginação ou esforço. Uma Mary Sue, e sua contrapartida masculina, Gary Stu, é um personagem original que, no entanto, configura uma representação idealizada do autor,

⁴³ Disponível em: <<http://www.edwigeshomepage.com/fanfiction/betareaders.php>>. Acesso em: 23 nov. 2004.

⁴⁴ Disponível em: <<http://missy.reimer.com/library/marysue.html>>. Acesso em: 30 nov. 2004.

uma espécie de alterego excessivamente perfeito, irreal e destoante do contexto da história. Esse tipo de personagem costuma irritar os leitores, que o consideram fácil demais, e há inúmeros fóruns de discussão depreciando os tipos Mary Sue. Há um conhecido teste *on-line*,⁴⁵ elaborado por uma escritora de *fanfictions*, que procura ajudar o autor a descobrir se seu personagem principal é uma Mary Sue. Em caso de resposta positiva, recomenda-se eliminar o personagem, e mesmo a história. Por outro lado, alguns apreciadores do personagem criaram *websites* em sua defesa, como o The Mary Sue Society,⁴⁶ citando a existência de muitas *fanfictions* de qualidade, cujas histórias incluiriam um personagem Mary Sue.

Esses elementos permitem uma visão parcial da prática da *fanfiction*, apresentando as principais características concernentes a sua familiarização, inclusive no Brasil. No entanto, por ser uma prática que é realizada em um meio essencialmente dinâmico, a internet, e por comunidades muito diligentes e altamente interativas e criativas, os *fandom*, não se pode ter a ilusão de que tais elementos permaneçam estáticos. A convivência com o fenômeno *on-line* torna-se necessária para uma verdadeira visualização das partes aqui descritas e, ainda assim, a visão do todo se faz impossível, justamente pelas características de interatividade, inovação e rapidez, próprias da prática e do meio em que é exercida.

⁴⁵ Disponível em: <<http://missy.reimer.com/library/marysue.html>>. Acesso em: 30 nov. 2004.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.subreality.com/marysue.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2004.

Fundamentando a prática

“Elas são uma válvula de escape para minha imaginação, é um lugar onde eu posso expor minhas ideias... realmente, eu amo *fanfics*. Muitos podem achar que minha vida é limitada, mas não é não. Eu faço muita coisa. Saio com meus amigos, faço bagunça, namoro, leio outros livros, assisto filmes e tudo mais. Todo mundo pensa que quem gosta de *fanfics* é um nerd obcecado e não faz mais nada na vida a não ser pensar em Harry Potter.”

Melissa Hogwarts

A *fanfiction* como elemento da cultura de participação

A prática de letramento conhecida como *fanfiction* surgiu no interior do *fandom*, ou seja, no interior de um movimento de consumidores de produtos criados pela indústria do entretenimento e veiculados pelos meios de comunicação de massa. A prática é desconhecida pela maioria dos segmentos da sociedade não virtual, inclusive nos educacionais, embora esteja em franco crescimento dentre os participantes dos *fandoms*, como no caso da escrita de *fanfictions* inspiradas na série *Harry Potter* no Brasil.

Segundo Jenkins,⁴⁷ para a realização de uma análise dos elementos que residem no interior dessas construções do discurso urdidas por fãs, o primeiro passo é compreender o que a sociedade entende por “bom” ou “mau” gosto em termos de produção e consumo de cultura. De maneira geral, por construir suas histórias tendo como base um produto considerado de mau gosto, vulgar, ou, no mínimo, menos sofisticado, o autor de *fanfiction* pode se sentir compelido a não divulgar seu trabalho fora do *fandom* onde é reconhecido, nem mesmo dentro dos meios escolares, para não correr o risco de sofrer represálias pelo seu “mau gosto”. Jenkins afirma que parece haver uma pressuposição de que as pessoas que investem uma grande quantidade de energia criativa e afetiva em produtos da cultura de massa devem estar com algum tipo de problema.

Da mesma forma, Machado,⁴⁸ ao analisar a recepção do interesse por programas televisivos, berço da *fanfiction*, atenta que a “confissão” do interesse por essa mídia é, em geral, interpretada de forma a desfavorecer os atributos intelectuais do “confessando”, em oposição à declaração de interesse pelas formas de expressão consideradas mais sofisticadas e geradoras de arte, como a literatura. O autor afirma:

De fato, não soa muito inteligente dizer-se apaixonado pela televisão. Se a confissão de amor pela literatura ou por quaisquer outras formas sofisticadas de arte funciona como uma demonstração (às vezes também uma impostação) de educação, refinamento e elevação do espírito, a paixão pela televisão é, em geral, interpretada como sintoma de ignorância, quando não de desequilíbrio mental.⁴⁹

Mesmo assim, insiste Jenkins, um grupo tão diverso e difundido como o que se dedica à produção e à divulgação

⁴⁷ JENKINS, Henry. *Textual poachers television fans and participatory culture*. New York: Routledge, 1992.

⁴⁸ MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2003. p. 8.

⁴⁹ MACHADO. *A televisão levada a sério*, p. 9.

das *fanfictions* talvez constitua uma subcultura digna de crédito. Ele afirma que os autores e leitores responsáveis pela existência da *fanfiction* são constituídos, majoritariamente, de mulheres, brancas, pertencentes às classes médias, com idades variando da pré-adolescência à idade madura. Embora muitas vezes invisíveis para a sociedade, os grupos interessados em *fanfiction* trabalham freneticamente em torno de seu *hobby* e criam comunidades altamente interativas, que, no entanto, permanecem quase como um universo à parte de suas outras atividades.

De acordo com Jenkins, os fãs constituem uma categoria “escandalosa” na cultura contemporânea e, em virtude disso, acredita-se que seu trabalho possa não estar recebendo o devido crédito, pelo menos no que concerne à *fanfiction*. Isso aconteceria em virtude de a sociedade considerar as atividades empreendidas pelo fã como fora da realidade, desimportantes, secundárias mesmo na sua formação. Pode haver, nessa aceção, uma visão parcial de como é constituído o imaginário do sujeito e qual é a importância dele em suas ações. Ocorre que o imaginário é constituído por tudo o que perpassa o contexto no qual o sujeito está inserido, não apenas por aqueles elementos que as instituições autorizadas a emitir juízos de valor sobre a produção cultural preconizam como válidos.

Jenkins afirma que o conceito de gosto “torna-se um dos meios importantes através dos quais as distinções sociais são mantidas e as identidades de classe são forjadas”.⁵⁰ Assim, poder-se-ia afirmar que aqueles indivíduos cujos critérios de consumo de produtos culturais sejam considerados apropriados em determinado meio merecerão uma posição privilegiada dentro da hierarquia social e gozarão de maiores benefícios do sistema educacional. Essa distinção entre bom

⁵⁰ “Taste becomes one of the important means by which social distinctions are maintained and class identities are forged.” JENKINS. *Textual poachers television fans and participatory culture*, p. 16.

e mau gosto determinaria não apenas as formas desejáveis e indesejáveis de cultura, mas também as formas pelas quais o sujeito se relacionaria com os objetos culturais, nas palavras do autor, “[...] estratégias desejáveis e indesejáveis de *interpretação e estilos de consumo*”.⁵¹

A produção e o consumo de *fanfictions* nem sempre são bem aceitos pelos detentores dos direitos autorais de um produto voltado para o consumo de massa, provavelmente pelo elemento de subversão da noção de autoria que o acompanha. Esse estilo de consumo, menos passivo, talvez, do que o esperado pela indústria do entretenimento, transgride as fronteiras entre produtor e receptor, autoridade e consumidor. É um comportamento ainda mais evidente em relação à geração que agora atinge as portas das universidades e cuja convivência com a rede lhe proporcionou noções diferenciadas de vida em comunidade, bem como o uso de novos paradigmas de expressão.⁵²

No que se refere à acusação de mau gosto por parte daqueles que dedicam seu tempo livre e sua energia criativa às *fanfictions*, dentre outras atividades do *fandom*, cabe observar que a questão do “gosto”, ou seja, o critério do que é adequado ou inadequado, muitas vezes parece natural para aqueles que o compartilham, precisamente porque esse critério é modelado por experiências de interação com o meio, desde a mais tenra infância. Mais tarde, em contato com o sistema educacional, essas experiências serão racionalizadas e o comportamento considerado apropriado será recompensado, favorecendo, assim, o estabelecimento do que é considerado adequado de acordo com as normas sociais do grupo em questão.

⁵¹ “[...] desirable and undesirable strategies of interpretation and styles of consumption.” JENKINS, *Textual poachers television fans and participatory culture*. p. 16 (grifo nosso).

⁵² JOVENS de hoje cresceram com a internet. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 dez. 2004, Caderno de informática, p. 8.

O dicionário Aurélio eletrônico designa como “gosto” a “faculdade de julgar os valores estéticos segundo critérios subjetivos, sem levar em conta normas preestabelecidas”.⁵³ Ocorre que tal é impossível, pois as normas preestabelecidas pela sociedade são parte integrante do sujeito, que, mesmo com a intenção de não respeitá-las, é compelido a fazer o reconhecimento de sua existência e preponderância.

A questão do gosto fica, assim, sujeita aos mesmos princípios que procuram realizar a vigilância do exercício da sexualidade. As práticas sexuais, frequentemente, rompem com aquilo que é estabelecido como sendo correto ou não, de bom ou de mau gosto. O pesquisador Roger Chartier afirma que, “por sua complexidade, sua imprevisibilidade, pelos caminhos frequentemente encobertos que tomam, as práticas de leitura emanciparam-se frente às ordens e normas assim como o fizeram as práticas sexuais”.⁵⁴ Da mesma forma, as escolhas de consumo feitas pelo sujeito e os objetos culturais pelos quais ele se deixa encantar não podem ser completamente controlados pela racionalização a partir de elementos socialmente apreendidos. Ambos revelam um pouco mais sobre quem se é, quer isso seja causa de vergonha social ou não.

Roger Chartier denomina de “leituras selvagens” aquelas que são realizadas no calor da espontaneidade e que geralmente carecem de legitimidade cultural, mas que subsistem como práticas de leitura concretas, ao passo que aquelas preconizadas pelos meios escolares, no mais das vezes, não se realizam. Chartier contribui para a compreensão desse fenômeno ao afirmar:

⁵³ HOLANDA, Aurélio Buarque de (Ed.). Dicionário Aurélio Século XXI. São Paulo: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

⁵⁴ CHARTIER, Roger. *Aventura do livro: do leitor ao navegador*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1999. p. 113.

Aqueles que são considerados não-leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não-leituras essas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas, para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, e encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e pensar.⁵⁵

A *fanfiction* nasceu da interação dos fãs com produtos da indústria do entretenimento e permanece a eles ligada. Ao fazer esse reconhecimento é preciso reconhecer também a presença de enormes conglomerados econômicos por detrás dela e da força que exercem sobre o imaginário do consumidor. Sofrer a influência da indústria do entretenimento é uma situação inevitável para quem assiste à televisão, vai ao cinema, ouve música, lê jornais e revistas, enfim, consome os produtos culturais produzidos na atualidade. É claro que existe produção alternativa àquela com o selo, por exemplo, Time-Warner, mas a aceitação desse tipo de produto cultural nas vidas dos sujeitos contemporâneos é incontestável, mesmo para seus críticos mais ferrenhos, que, ao censurá-los, reconhecem o alcance de sua presença e significação. Esses objetos, que inundam a vida do sujeito/consumidor contemporâneo, podem ser os textos de fraca legitimidade cultural aos quais se refere Chartier, mas, ao serem tomados como objeto de apreço e fonte de inspiração, como no caso da *fanfiction*, tornam-se modeladores de novas visões do mundo e de novos posicionamentos do sujeito que com eles interage no mundo.

Tomando como exemplo o fenômeno Harry Potter, que impulsiona a produção nacional de *fanfictions*, pode-se citar

⁵⁵ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1999. p. 104.

Heilman,⁵⁶ que afirma ver a presença daquele produto na maior parte dos espaços públicos e culturais de seu país, os Estados Unidos, e reconhece que a narrativa, as imagens e os temas originados dos livros infiltram as vidas e o pensamento dos leitores e consumidores daqueles produtos. Segundo a autora, quando imagens e textos narrativos tornam-se tão difundidos na cotidianidade dos sujeitos, passam a constituir parte daqueles que os consomem. Ela afirma:

Harry Potter então, não é apenas os livros que lemos, os filmes a que assistimos, ou as coisas que compramos. Os textos e imagens de Harry Potter tornam-se parte de quem somos. Isso é verdadeiro para as pessoas, como indivíduos, e é verdadeiro para “nós”, como cultura global [...]. Em grande parte (como Jorge Luis Borges sugeriu em sua frase famosa) nós somos o que lemos. Então, o que a popularidade de Harry Potter sugere sobre quem somos nós? O que os livros têm a dizer e como eles dizem isso?⁵⁷ (tradução nossa).

Jenkins responde a essa pergunta com o conceito de *participatory culture*, traduzido aqui como cultura de participação. Segundo o autor, a recriação de trabalhos destinados ao consumo de massa tornou-se um dos aspectos centrais do modo como opera a cultura popular contemporânea, cuja compreensão, talvez, escape às instituições educativas. Tal se deve à existência de um acentuado descompasso entre a forma como a escola tradicional trata a informação e o conhecimento e a forma como os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias e sua descendência, chamada cibercultura o fazem.

⁵⁶ HEILMAN, Elizabeth E. Fostering critical insight through multidisciplinary perspectives. In: HEILMAN, Elizabeth E. *Harry Potter's world multidisciplinary critical perspectives*. New York: Routledge Falmer, 2003.

⁵⁷ “Harry Potter then is not just books we read or movies we see or things we buy. The text and images of Harry Potter become part of who we are. This is true of individuals and it is true of ‘us’ as a global culture [...]. To a large degree (as Jorge Luis Borges has famously suggested) we are what we read. So, what does the popularity of Harry Potter suggest about who we are? What do the books themselves have to say and how do they say it?” HEILMAN, Elizabeth E. *Fostering critical insight through multidisciplinary perspectives*, p. 2.

O autor analisa o que compreende como sendo a interseção entre duas tendências culturais significativas da contemporaneidade, que seriam, de um lado, o movimento das grandes corporações no sentido da convergência de mídias e, de outro, a apropriação de novas tecnologias, por parte dos consumidores, no sentido da realização de trabalhos de apropriação, coautoria e recirculação de objetos culturais a partir dos produtos colocados no mercado por aqueles conglomerados. A convergência de mídias ocorre dentro de uma propensão da indústria do entretenimento na direção da concentração da propriedade de diferentes mídias nas mãos de um número cada vez menor de conglomerados transnacionais e transmidiáticos, numa integração horizontal de forças. A Time-Warner, por exemplo, possui investimentos na indústria cinematográfica, em emissoras de TV a cabo e abertas, na produção de vídeos, jornais, revistas, livros e de mídia digital.

Em decorrência desses novos padrões de propriedade e de produção de bens culturais, há uma pressão cada vez maior para a integração tecnológica das várias formas de produção e comercialização de um produto, fenômeno que está sendo chamado de “convergência de mídias”. Em reportagem recente da revista *Época* acerca do fenômeno da *fanfiction*, cuja linha de apoio deixa clara a pouca expectativa educacional depositada nas interações dos jovens com os produtos preferenciais no seu interesse,⁵⁸ a jornalista conclama: “Veja o filme, ouça o CD, jogue o game, leia o livro. Depois, leia mais livros e, quem sabe, comece a escrever. Típica do século XXI, a chamada ‘convergência de mídias’ está levando crianças e adolescentes a descobrir o prazer das palavras.”⁵⁹

⁵⁸ “O inacreditável está acontecendo: os games, os filmes e a internet estimulam o hábito da leitura e da escrita entre crianças e adolescentes.” FÁVERO, Lavínia. Mania de ler e escrever. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT875635-1664,00.html>>. Acesso em: 2 jan. 2005.

⁵⁹ FÁVERO, Lavínia. Mania de ler e escrever.

Essa forma de operar é particularmente atraente para a indústria de produtos para o consumo de massa, porque permite o uso de uma multiplicidade de recursos por intermédio dos quais o produto chega ao consumidor. Ao se deparar com uma narrativa de consumo de massa, o consumidor pode, a partir do seu contato inicial com ela, por meio, por exemplo, da televisão, expandir o seu consumo pela compra dos chamados produtos *spin-off*.⁶⁰ Ele pode comprar o CD com a trilha sonora daquela narrativa, adquirir-la em VHS ou DVD, comprar o livro que deu origem à (ou foi originado da) narrativa, comprar o *game* para interagir com os seus personagens e trama, comprar bonecos, brinquedos e materiais escolares que façam referência aos personagens daquela narrativa para seus filhos, enfim, investir tanto tempo, como dinheiro em uma relação prolongada com um universo narrativo em particular.

Ao mesmo tempo, a narrativa deverá ser rica e complexa o suficiente para motivar o consumidor a fazer esse investimento, a mover-se na direção de um dos pontos de entrada (livro, filme, música, *game*, etc.) desse processo de consumo, passando a fazer parte dele.

Applebaum,⁶¹ no entanto, alerta que nem todos os produtos criados pela indústria do entretenimento, apesar de seu poder de agregar a eles uma enorme visibilidade, são bem sucedidos no mercado consumidor. Tampouco é possível determinar os modos de recepção produzidos pelos produtos colocados no mercado, o que tem gerado problemas para a indústria do entretenimento, que não sabe como agir diante de reações inesperadas de um público que constrói formas alternativas de se relacionar com esses produtos, talvez não tão

⁶⁰ *Spin-off* é como são chamados os itens comercializáveis, lançados a partir de um produto principal, que variam de peças de vestuário a brinquedos, passando por materiais escolares e tudo o mais que o mercado pareça apto a consumir.

⁶¹ APPELBAUM, Peter. Harry Potter's world: magic, technoculture, and becoming human. In: HEILMAN, Elizabeth E. *Harry Potter's world multidisciplinary critical perspectives*. New York: Routledge Falmer, 2003.

passivas quanto a desejada. Jenkins estuda esses processos da relação do consumidor contemporâneo com os objetos da cultura de massa, denominando essa disposição à interação, à apropriação e à transformação desses objetos como “cultura de participação”.

O autor acredita que os padrões de consumo têm sido profundamente alterados por uma sucessão de novas tecnologias midiáticas, que “permitem aos cidadãos comuns a participação no arquivamento, anotação, apropriação, transformação e recirculação do conteúdo veiculado pela mídia”.⁶² A cultura de participação seria, assim, um novo estilo de consumo, que emergiria precisamente do tipo de oferta disponibilizada pela popularização de novas tecnologias e pela convergência de mídias. Os consumidores passaram a dispor dos meios de interferir nos produtos e, conseqüentemente, a exigir o direito de participar na criação e distribuição de narrativas que lhes chegam por meio de diferentes mídias. Eles passaram a transgredir fronteiras ao se tornarem produtores, num movimento que tem criado situações de conflito com a indústria, que deseja manter seu domínio sobre o conteúdo dos produtos difundidos pelos meios de comunicação nos moldes tradicionais.

Dentre as novas tecnologias, a internet tornou-se especialmente importante para a difusão de trabalhos realizados pelos consumidores a partir de originais, sejam adaptações de filmes,⁶³ paródias musicais, animações caseiras ou simples *fanfictions* e na criação de comunidades agregadas em torno, não apenas dos originais, mas dos trabalhos desenvolvidos a

⁶² “[...] enable average citizens to participate in the archiving, annotation, appropriation, transformation, and recirculation of media content.” JENKINS, Henry. Disponível em: <<http://web.mit.edu/21fms/www/faculty/henry3/starwars.html>>. Acesso em: 2 jan. 2005.

⁶³ Há pouco tempo um fã de Harry Potter refez a sonorização, incluindo todos os diálogos, do filme *Harry Potter and the Sorcerer Stone* (*Harry Potter e a pedra filosofal*), rebatizando-o de *Wizard people, dear reader* (*Bruxos, caro leitor*) e disponibilizando-o para *download* pela internet. A versão foi tão bem sucedida, que chegou a ganhar prêmios em festivais de cinema *underground*. Disponível em: <<http://www.technologyreview.com/blog/blog.asp?byAuthor=3>>. Acesso em: 2 jan. 2005.

partir deles. De acordo com Jenkins, a internet fornece aos produtos alternativos a possibilidade de atingir um público muito maior, pela visibilidade que alcançam. Essa possibilidade de exibição de trabalhos construídos de forma caseira, em oposição aos produtos industrializados, teria gerado uma nova tendência de valorização da criatividade e da expressão pessoal. O autor afirma que algumas pessoas utilizam a internet como uma forma de ganhar maior visibilidade, de treinar suas habilidades e de atrair a atenção do público como um prelúdio para a sua entrada no mercado comercial, ao passo que outras compreendem a exposição de seus produtos culturais por meio da rede como uma oportunidade para a construção de laços sociais no interior de uma comunidade virtual erigida em torno de interesses em comum. Explica Jenkins:

A capacidade de infiltração do conteúdo da cultura popular fez dela uma base particularmente rica para a formação de laços sociais dentre a população geograficamente dispersa da internet. Pessoas que jamais se encontrariam cara-a-cara e, portanto, teriam poucas conexões no mundo real umas com as outras, podem recorrer à estrutura compartilhada da cultura popular, com o fim de facilitar a comunicação (tradução nossa).⁶⁴

Para o autor, os fãs teriam sido os primeiros a adotar as novas tecnologias com o fim de expandir o universo interativo de suas comunidades, os chamados *fandom*, e, dessa forma, seu modo de proceder em relação aos produtos culturais difundidos nos meios de comunicação de massa constitui uma referência na relação entre as produções caseiras e a indústria do entretenimento. O objetivo dos membros dos *fandoms* não é impedir a circulação dos produtos da indústria do en-

⁶⁴ “The pervasiveness of popular culture content has made it a particularly rich basis for forming social ties within the geographically dispersed population of the Internet. People who may not ever meet face to face and thus have few real-world connections with each other can tap into the shared framework of popular culture to facilitate communication.” JENKINS, Henry. Disponível em: <<http://web.mit.edu/21fms/www/faculty/henry3/starwars.html>>. Acesso em: 2 jan. 2005.

tretenimento, mas afirmar sua preferência por determinados produtos, da mesma forma que o seu direito de utilizá-los como inspiração para a realização de suas interações sociais, especulações intelectivas e, naturalmente, produções culturais, geralmente sem fins lucrativos.

Historicamente, a narratividade desenvolveu-se por meio de processos de interação social, à medida que os membros das comunidades acrescentavam elementos sempre novos às narrativas, embora as preservassem transgeracionalmente, para torná-las ainda mais significativas aos novos contextos de narração. A emergência do sistema capitalista resultou na privatização da cultura e no aparecimento do conceito de propriedade intelectual, que está baseado na aceção de que uma determinada obra constitui-se numa contribuição original para a cultura, resultante do trabalho do intelecto de um ou mais autores, como indivíduos. Na prática, todo ato de criação cultural é construído tendo como base para a sua tessitura tanto o tempo presente como as vozes do passado, e nenhum autor é um indivíduo isolado do seu meio, estando entretido nesse. Vygotsky, referindo-se à arte, afirma que representa:

[...] o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como o coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais.⁶⁵

Vygotsky percebe a aprendizagem condição que permeia o estar no mundo do homem e da mulher como mediada pela interação social, de forma que o “objeto” de uma dada interação, passa a constituir aquele que com ele interage, da mesma forma que esse “ator” deixa sobre o “objeto” a sua marca, modificando-o. Dessa forma, é natural que, afetivamente, as pes-

⁶⁵ VIGOSTKY, Lev Semenovitch. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 315.

soas sintam-se compelidas a fazer investimentos na cultura representativa dos tempos históricos e do meio em que estão inseridas, embora a pressão das chamadas “versões autorizadas” dos bens culturais estejam relegando o sujeito contemporâneo, cada vez mais, ao papel de consumidor passivo de uma cultura produzida e controlada por grandes corporações.

Jenkins afirma que as habilidades de criação e interpretação da cultura contemporânea por parte dos sujeitos que compõem a sociedade resultam, dessa forma, prejudicadas:

Essa habilidade das corporações de controlar suas ‘propriedades intelectuais’ tem tido um impacto devastador na produção e circulação dos bens culturais, significando que a população em geral passou a ter uma percepção de si mesma principalmente como consumidora ao invés de participante desde o interior de sua cultura (tradução nossa).⁶⁶

O autor afirma que os fãs respondem a essa situação, de uma produção cultural cada vez mais privatizada, com a transposição do método utilizado na cultura popular ou folclórica, de intervenção e atualização constante das narrativas, de acordo com as necessidades do grupo. Dessa forma, os fãs tratariam os produtos, tais como filmes ou seriados de televisão, como fontes em potencial para a criação de suas próprias narrativas e para o estabelecimento de suas próprias comunidades:

Da mesma forma que as canções americanas de criação popular do século dezenove frequentemente relatavam questões pertinentes ao trabalho, a cultura americana popular do século vinte trata de questões de lazer e de consumo.⁶⁷

⁶⁶ “This ability of corporations to control their ‘intellectual property’ has had a devastating impact upon the production and circulation of cultural materials, meaning that the general population has come to see themselves primarily as consumers of rather than participants within their culture.” JENKINS, Henry. Disponível em: <<http://web.mit.edu/21fms/www/faculty/henry3/starwars.html>>. Acesso em: 19 dez. 2004.

⁶⁷ “Just as the American folk songs of the nineteenth century were often related to issues of work, the American folk culture of the twentieth century speaks to issues of leisure and consumption.” JENKINS, Henry. Disponível em: <<http://web.mit.edu/21fms/www/faculty/henry3/starwars.html>>. Acesso em: 19 dez. 2004.

Assim, afirma Jenkins, a cultura produzida pelos *fan-doms*, dentre a qual se inclui a *fanfiction* como uma das manifestações mais visíveis, é representativa de uma cultura de participação, por meio da qual os fãs têm a possibilidade de explorar e questionar as ideologias da cultura de massa, falando de um lugar, por vezes, interno e, por vezes, externo à lógica do entretenimento comercial.

Heilman afirma que, na pós-modernidade, essas produções culturais fomentadas pela indústria do entretenimento podem agir como “uma forma poderosa de [as] autoridades promoverem relações de poder desiguais e uma estética repetitiva”.⁶⁸ Mesmo assim, alerta a autora, a literatura e a cultura de modo geral podem ser lidas de muitas formas, beneficiando-se da mediação de diferentes atores sociais, dentre os quais se crê que as instituições de ensino sejam as que podem exercer o papel mais importante. Para o exercício de debates ricos, que desenvolvam a imaginação e a criticidade, a autora afirma que o envolvimento com textos populares e literários deveria beneficiar-se de múltiplos paradigmas e abordagens teóricas.

Os fãs que recriam o objeto de sua admiração estão, ainda que não percebam, rejeitando a ideia de uma única e definitiva versão dele, produzida, autorizada e regulada pela indústria do entretenimento. Suas atitudes oferecem um modelo muito mais próximo da construção coletiva dos bens culturais, reivindicando, ainda que sem a criação de um manifesto a respeito, o direito de participar ativamente na cultura de seu tempo, direito que é exercido à revelia das ameaças e benesses prometidas pela indústria aos seus consumidores. Segundo Jenkins:

⁶⁸ “[...] a powerful form of authority promoting unequal relations of power and a dreary aesthetic.” HEILMAN, Elizabeth. Fostering critical insight through multidisciplinary perspectives. In: HELMAN, Elizabeth E. *Harry Potter’s world*. New York: Routledge, 1992. p. 9.

[...] a *fanfiction* repara alguns dos prejuízos causados pela privatização da cultura, permitindo que esses potencialmente ricos arquétipos culturais falem por e para uma variedade cada vez maior de visões políticas e sociais. A *fanfiction* ajuda a aumentar o interesse em potencial em uma determinada série, ao direcionar seus conteúdos para fantasias que muito dificilmente alcançariam uma distribuição em grande escala, customizando-os de acordo com as características de nichos culturais que não estão representados, ou estão mal servidos, pelo material [original] divulgado⁶⁹ (tradução nossa).

Em referência especificamente ao *fandom* de Harry Potter, responsável pela produção da maioria das *fanfictions* brasileiras, tal pode ser o caso das disputas em torno dos *shippers* da série, temática que não ocupa lugar tão relevante nos originais, sejam filmes ou livros, quanto ocupa no *fandom*. Sem dúvida a mesma situação é vivida pelos autores de *slach* e de N-C17, cuja reinterpretação das narrativas por eles admiradas causa reações muito mais agressivas por parte da indústria do entretenimento. Jenkins relata que o *fandom* de *Star wars* (*Guerra nas estrelas*, no Brasil), facilmente localizável na rede como um dos maiores produtores de *fanfictions* e outros materiais derivados dos originais, sofreu uma das mais fortes repressões da corporação detentora dos direitos autorais sobre os filmes, a Lucasfilm. Em 1981, a Lucasfilm já havia ameaçado judicialmente os fãs que publicavam *fanzines* contendo *fanfictions* com conteúdo sexualmente explícito, o que, no entanto, não fez cessar a produção daqueles gêneros naquele *fandom*, que podem ser encontrados em abundância na internet.

⁶⁹ “*Fanfiction* repairs some of the damage caused by the privatization of culture, allowing these potentially rich cultural archetypes to speak to and for a much broader range of social and political visions. *Fanfiction* helps to broaden the potential interest in a series by pulling its content toward fantasies that are unlikely to gain widespread distribution, tailoring it to cultural niches underrepresented within and under-served by the aired material.” JENKINS, Henry. Disponível em: <<http://web.mit.edu/21fms/www/faculty/henry3/starwars.html>>. Acesso em: 18 dez. 2004.

Outro aspecto inerente ao universo da *fanfiction* que causa estranhamento por parte das instituições legitimadas como avaliadoras dos bens culturais é a consequente ruptura de fronteiras entre o canônico e o popular, porque para o fã o texto popular é merecedor do mesmo grau de atenção, estima e exame minucioso que o canônico. Isso explica práticas de releitura exaustivas, com atenção aos mínimos detalhes e intermináveis discussões sobre diferentes interpretações dos subtextos e lacunas encontradas nos textos, que podem ser observadas nos fóruns dos *websites* de *fanfictions*. Com a observação dessas práticas, Jenkins afirma que

[...] fãs falam de “artistas” onde outros conseguem ver apenas picaretagem comercial, de significados transcendentais onde outros encontram apenas banalidades, de “qualidade e inovação” onde outros veem apenas fórmulas e convenções⁷⁰ (tradução nossa).

O autor explica que essa diferença interpretativa de parte dos fãs em relação àquela que é cultivada pelo sistema educacional e pela cultura burguesa não se dá apenas em termos da escolha dos objetos e do grau de intensidade da apreciação, mas também no tipo de habilidade de leitura requerido nos modos utilizados pelos fãs para abordar um texto. Jenkins analisa a leitura do original praticada pelo autor de *fanfiction* como um tipo de bricolagem cultural, por meio da qual o leitor desmembra o texto e monta-o novamente na sua história, escrita de acordo com a sua experiência social, resgatando pedaços do original. Esses trechos resgatados são aqueles mais significativos para o autor de *fanfiction*, principalmente os mais jovens, e são trabalhados com o objetivo, geralmente não consciente, de que o auxiliem na compreensão de suas vivências.

⁷⁰ “Fans speak of ‘artists’ where others can see only commercial hacks, of transcendent meanings where others find only banalities, of ‘quality and innovation’ where others see only formula and convention.” JENKINS, Henry. *Textual poachers television fans and participatory culture*, p. 17.

É comum encontrar entre os autores e leitores de *fanfiction* uma tendência a integrar os textos resultantes da convergência midiática por eles escolhidos à cotidianidade de suas próprias vidas. Sem dar muita importância às pressões da indústria do entretenimento e do sistema educacional, os fãs parecem praticar uma dissolução das fronteiras entre realidade e ficção, “falando dos personagens como se aqueles tivessem uma existência para além de suas manifestações textuais, entrando no reino da ficção como se esses fossem lugares tangíveis que pudessem ser por eles habitados e explorados”.⁷¹ Isso pode ser percebido não apenas na intensidade das discussões nos fóruns de debates, mas pela própria escolha dos *pen names* e avatares⁷² por meio dos quais os autores e leitores desejam se fazer conhecer na comunidade virtual.

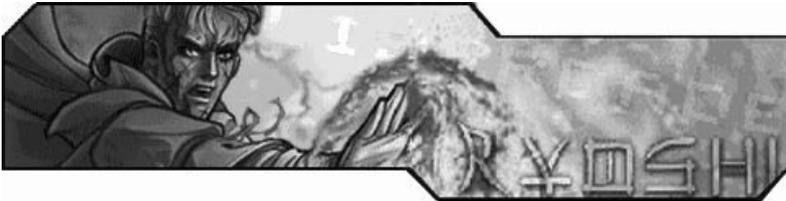
Também é frequente encontrar autores do sexo feminino – sobretudo adolescentes, embora mulheres adultas também adotem a mesma prática – cujos sobrenomes virtuais correspondam àqueles de um personagem da série com a qual eles trabalham, como Mary Lupin, Babi Snape ou Hannah Malfoy, apenas para citar algumas autoras brasileiras de *fanfictions* baseadas em Harry Potter. A necessidade de expressar sua personalidade, marcadamente na adolescência, fase em que a busca por uma identidade distinta daquela dos pais é o elemento mais significativo, fica também evidenciada nas imagens ou avatares escolhidos para a identificação do autor ou leitor, nos fóruns. Alguns buscam representações de sensualidade, outros, imagens representativas de interesses pessoais,

⁷¹ “...speaking of characters as if they had an existence apart from their textual manifestations, entering into the realm of the fiction as if were a tangible place they can inhabit and explore.” JENKINS. *Textual poachers television fans and participatory culture*, p. 18.

⁷² Um avatar é uma representação gráfica do usuário da internet.

mas todos procuram utilizar em seus avatares e assinaturas⁷³ imagens que sirvam como uma declaração de quem se é, ou, pelo menos, se julga ser, atravessando a fronteira entre o ficcional e a realidade.⁷⁴

⁷³ As assinaturas mais comumente encontradas nos fóruns são um misto de imagem e texto, sugerindo que, quanto maiores forem os recursos multimídia à disposição do navegador, mais ele irá utilizá-los para expressar uma imagem de si mesmo. A seguir, exemplo de assinatura do fórum Animagos, na qual o navegador expressa sua preferência por uma mangá e pelo escritor Edgar Allan Poe, além de ser possível reconhecer um intertexto referente à casa Ravenclaw (Corvinal) da escola Hogwarts, da série *Harry Potter*. Disponível em: <<http://www.animagos.com.br/forum/viewtopic.php?p=69896#69896>>. Acesso em: 9 de fev. 2004. Cultura, crianças! Cultura!



Cultura, crianças! Cultura!

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais
Não fez nenhum cumprimento, não parou nenhum momento
Mas com ar solene e lento pousou sobre meus umbrais,
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais.
- Foi, pousou, e nada mais.



"O Corvo" (trecho) - Edgar Allan Poe
Tradução de Fernando Pessoa

Estudante Ana
de Hogwarts Weasley

⁷⁴ O segundo exemplo, no qual a autora assina com o sobrenome de um dos personagens principais da série *Harry Potter* e "veste" cachecol cujas cores indicam que ela pertence a uma das casas de Hogwarts, foi retirado do fórum Aliança 3 Vassouras, do tópico Recomende sua *fic* preferida. As vassouras referem-se ao número de livros já lançados e ao ano que a autora "frequenta" em Hogwarts. Disponível em: <<http://alianca3vassouras.geekadelic.com/forum/viewtopic.php?t=1894&postdays=0&postorder=asc&start=20>>. Acesso em: 13 dez. 2004.



Jenkins refere-se ao autor de *fanfictions* como um “caçador de textos”, expressão que toma de empréstimo de Michel de Certeau. O autor afirma a existência de uma convicção social de que “o público é moldado pelo escrito (verbal ou icônico), torna-se semelhante ao que recebe, enfim, deixa-se *imprimir* pelo texto e como o texto que lhe é imposto”.⁷⁵ A teoria da cultura de participação talvez forneça elementos que permitam o questionamento dessa visão. Para Certeau, a leitura é um aspecto fundamental do consumo, em virtude de a sociedade organizar-se em torno da escrita. É com as habilidades de leitura e escrita que se torna possível o exercício da cidadania, e o aprimoramento dessas habilidades faculta ao sujeito conquistar um grau de penetração na sociedade que lhe oportunize aumentar seu nível de interferência nela, sendo possível, inclusive, segundo o autor, a realização da substituição do binômio produção-consumo por “seu equivalente e revelador geral, o binômio escrita-leitura”,⁷⁶ ambos aqui tomados em sentido amplo. Michel de Certeau representa os leitores como sendo:

[...] viajantes, [que] circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e *multiplica sua produção pelo expansionismo da reprodução*. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido⁷⁷ (grifo nosso).

É possível que resida aí a necessidade de o leitor de textos criados para o consumo de massa se fazer escritor, de passar da condição de viajante que percorre terras alheias, cujas

⁷⁵ DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 261. (grifo do autor).

⁷⁶ DE CERTEAU. *A invenção do cotidiano*, p. 262.

⁷⁷ DE CERTEAU. *A invenção do cotidiano*, p. 270.

belezas o seduziram e o levam a desejar tê-las escrito, para a de coautor, conquistando, assim, a posse e, portanto, a possibilidade de intervenção naquele universo ficcional apreciado.

Para Jenkins, as atividades de recepção e produção desses fãs não são oriundas apenas da fascinação pelos textos originais, mas também envolvem frustrações e antagonismos em relação a eles e a combinação entre as duas reações motiva o seu engajamento como autores. Jenkins acredita que os autores de *fanfiction* “não apenas reproduzem o primeiro texto, eles o reinventam e reescrevem, reparando ou suprimindo aspectos não satisfatórios e desenvolvendo interesses não suficientemente explorados”.⁷⁸ Seria, então, justamente pela incapacidade de os textos direcionados à cultura de massa, que servem de base para a criação de *fanfictions*, satisfazerem aos seus fãs que se dedicariam a lutar com eles de forma a articular suas vozes dentro do original.

Ao mesmo tempo, esses textos não deixam de ser atraentes e os fãs passam a dedicar-se a eles nos mínimos detalhes, numa postura de estudiosos, não de consumidores passivos, utilizando-os como matéria-prima para suas produções e como propulsores de suas interações sociais. Nesse processo, “os fãs deixam de ser simplesmente uma audiência para os textos populares; ao contrário, eles se tornam participantes ativos na construção e circulação dos significados textuais”.⁷⁹

No entanto, os autores de *fanfiction* têm perfeita consciência de que os originais não lhes pertencem e, para deixar bem clara a ideia de que sua prática é realizada apenas em virtude das vantagens de cunho pessoal não lucrativo, geral-

⁷⁸ “[...] do not so much reproduce the primary text as they rework and rewrite it, repairing or dismissing unsatisfying aspects, developing interests not sufficiently explored.” JENKINS. *Textual poachers television fans and participatory culture*, p. 162.

⁷⁹ “[...] fans cease to be simply an audience for popular texts; instead, they become active participants in the construction and circulation of textual meanings.” JENKINS. *Textual poachers television fans and participatory culture*, p. 24.

mente há um *disclaimer*,⁸⁰ ou seja, uma declaração de renúncia no início de cada *fanfiction*, afirmando o reconhecimento dos direitos autorais do original e a não-intenção de quebra desses direitos por meio daquela prática.

Muitas instituições de ensino, ainda hoje, independentemente do nível ao qual se dediquem fundamental, médio ou superior ensinam seus alunos a ler obras literárias sempre no sentido do reconhecimento da autoridade, a “consumi-las”, segundo Jenkins, “sem deixar suas próprias marcas sobre elas”.⁸¹ Michel de Certeau também critica o ensino dessa postura passiva aos alunos, como se ler fosse a busca por um “tesouro escondido” na obra, de significação inequívoca, cujo sentido vem a ser aquele “revelado” pela autoridades instituídas como aptas a fazê-lo. Diz o autor:

Desse ponto de vista, o “sentido literal” é o sinal e o efeito de um poder social, o de uma elite. Oferecendo-se a uma leitura plural, o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça, o pretexto de alguma lei que legitima, como “literal”, a interpretação de profissionais e de clérigos socialmente autorizados. Aliás, se a manifestação das liberdades dos leitores através do texto é tolerada entre os funcionários autorizados (é preciso ser Barthes para se atrever a fazê-lo), ela é ao contrário proibida aos alunos (simplesmente ou habilmente reduzidos à escuderia do sentido “recebido” pelos mestres) ou ao público (cuidadosamente advertido sobre “o que se deve pensar e cujas invenções são consideradas desprezíveis e, assim, reduzidas ao silêncio”).⁸²

Para de Certeau, o modo de recepção, ou de consumo, dos textos escolares não admite desvios autorais, o que pode

⁸⁰ Exemplo de *disclaimer*: “J. K. é a dona, eu só estou me divertindo. Por favor, não me processe, eu não tenho nada. Agradeço a todos os bons autores que li. Com certeza eles muito me influenciaram. E como disse um deles, se você reconhecer algo, não é meu.” Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/ananasnape/>>. Acesso em: 14 nov. 2004.

⁸¹ “...without leaving their own marks upon it.” JENKINS. *Textual Poachers television fans and participatory culture*, p. 24.

⁸² DE CERTEAU. *A invenção do cotidiano artes de fazer*, p. 267.

contribuir para afastar ainda mais da leitura aqueles cujos paradigmas de relação com o mundo não estejam conformados dentro das fronteiras do consumo, mas utilizem esse consumo como matéria-prima para sua produção.

Em seu livro *Textual poachers* (caçadores de textos), de 1992, um dos mais completos estudos já realizado acerca dos *fandoms* e da cultura de participação, Henry Jenkins lista os dez modos mais recorrentes, dentro do *fandom*, de reinterpretação de um original, no caso, séries televisionadas. Embora a realidade da produção de *fanfictions* no Brasil seja muito diferente daquela analisada no livro de Jenkins, a classificação por ele elaborada permanece atual e exemplos podem ser encontrados na produção nacional de *fanfictions* baseadas em Harry Potter. Contudo, é importante observar que o suporte atual para a produção e a divulgação das *fanfictions*, a internet, dista muito das *fanzines* da época em que o livro foi escrito. Ao mesmo tempo, cabe salientar que um dos principais textos originais inspiradores da prática na contemporaneidade é, talvez de forma um tanto surpreendente, uma série de livros, não uma série televisionada. Os dez estilos de reinterpretação listados por Jenkins não são excludentes entre si, ao contrário, é frequente encontrar, inclusive nas *fanfictions* escritas em português do Brasil, um misto de vários deles, havendo a preponderância de um, como mote para a construção da *fanfiction*.

O primeiro modo de reinterpretação por ele citado é denominado recontextualização e consiste na escrita de cenas que preencham as lacunas deixadas pelo original. Essas cenas normalmente servem como suporte extra para a explicação da conduta de um determinado personagem, justificando-a. Podem surgir ou ser reforçadas pela interação *on-line* dentro do *fandom*, cujos participantes procuram em debates nos fóruns explicações para atos de algum personagem que causaram surpresa ou perplexidade nos leitores. Um exemplo

pode ser as *fanfictions* que tratam da família do personagem Draco Malfoy e que procuram justificar suas atitudes com base no seu sofrimento doméstico, cenas que jamais constaram dos livros da série.

O segundo tipo de reinterpretação listado é chamado de “expansão da linha de tempo” da história. Os textos originais oferecem pistas sobre fatos anteriores envolvendo os personagens, mas que não são completamente explorados dentro da trama. Muitos autores de *fanfictions* utilizam essas pistas, por vezes um tanto vagas, para criar suas próprias histórias sobre a evolução desses personagens. Essas histórias terminam no justo momento escolhido pelo autor para começar a narrativa da obra original. Em casos de séries, como a de Harry Potter, ou mesmo das televisionadas, por vezes, essas narrativas anteriores são retomadas pelo autor dos originais, lançando luz sobre as pistas utilizadas pelos autores de *fanfictions*. Quando isso acontece, alguns autores optam por retomar suas histórias e reescrevê-las de modo a não ferir o cânone, ao passo que outros consideram sua trama consistente.

Como exemplo, os dois primeiros livros da série *Harry Potter* apenas colocam um aviso introdutório para o leitor acerca do universo em que aquela *fanfiction* se circunscreve. Da mesma forma, o destino dos personagens após o término da série também é fonte inspiradora de muitas *fanfictions*. No *website* Aliança 3 Vassouras, há observações sobre o universo em que se passam as histórias, e um dos mais procurados é o chamado pós-Hogwarts, cujas *fanfictions* se dedicam a explorar as possibilidades das vidas dos personagens depois que eles saírem da escola, quando, oficialmente, terminará a série de autoria de J. K. Rowling.

O terceiro estilo enfocado por Jenkins é a refocalização, tipo de trabalho, em que o autor de *fanfiction* centra sua história em um personagem secundário na trama original, sobre o qual pouco se conhece. Essas *fanfictions* permitem aos

seus autores um amplo leque de opções, visto que poucas são as pistas textuais a serem utilizadas para a construção do universo do personagem, seja concedendo-lhe um papel de mais destaque na trama original, seja recontextualizando-o ou expandindo a linha de tempo sobre a sua história. Luna Lovegood e Cedrico Diggory são exemplos de personagens secundários da série *Harry Potter* aos quais várias *fanfictions* em português foram dedicadas.

O quarto modo de reinterpretação é chamado realinhamento moral. Jenkins denomina esse estilo de “refocalização levada ao extremo”, porque nele o universo moral do texto original é questionado, ou mesmo invertido, em histórias em que se descobre que o herói é, na verdade, capaz de cometer vilanias, ou é mesmo um aliado do vilão principal, sem que ninguém houvesse percebido até então. Em outras *fanfictions*, os vilões são tomados como personagens principais e, embora continuem maus, as histórias são contadas sob o ponto de vista deles, com expansões da linha de tempo que acabam por justificar os seus atos. Afirma Jenkins:

Personagens como Servalan, Paracelsus, o Mestre, Darth Vader e o Sherifé de Nottingham são figuras que possuem um apelo tão forte, que os fãs têm vontade de explorar como o mundo ficcional seria de seus pontos de vista. Essas histórias desvanecem as fronteiras mais rígidas entre o bem e o mal constantes na narrativa original (tradução nossa).⁸³

Draco Malfoy e Severus Snape, talvez em virtude da sensualidade dos atores que interpretaram esses papéis nos filmes de Harry Potter, Tom Felton e Alan Rickman, respectivamente são os vilões mais adorados pelas autoras de *fanfiction* no Brasil, que, frequentemente, escrevem histórias nas quais

⁸³ “Characters like Servalan, Paracelsus, the Master, Darth Vader and the Sheriff of Nottingham are such compelling figures that fans want to explore what fictional world might look like from their vantage point; such tales blur the original narrative’s more rigid boundaries between good and evil.” JENKINS. *Textual Poachers television fans and participatory culture*, p. 168.

realizam inversões do universo potteriano, nas quais aqueles personagens passam a ser os protagonistas.

O quinto estilo estudado por Jenkins é a troca de gênero. Uma das estratégias de representação usada pelos autores de *fanfiction* é sobrevalorizar elementos da história, como o romance, que não são necessariamente tão importantes a ponto de definir seu gênero literário. No caso das *fanfictions* brasileiras baseadas em Harry Potter, essa escolha fica evidente, sendo as discussões sobre *shippers* as mais exaltadas do *fan-dom*, embora essa claramente não seja a principal tônica dos livros. A título de exemplo, pode-se observar que no *website* Edwiges Homepage, das 839 *fanfictions* do acervo, 289 estão classificadas na categoria “romance”,⁸⁴ as demais estão distribuídas entre as oito outras categorias restantes.

No sexto lugar Jenkins menciona as *cross overs*, ou cruzamentos, em português. Nesse estilo de *fanfiction* são as fronteiras entre diferentes textos, e textos em diferentes suportes, que são dissipadas. Personagens de Harry Potter podem ser colocados no contexto de outras histórias, como *O senhor dos anéis* (livros e filmes) ou como *Buffy* – a caça vampiros (seriado televisivo). É bastante comum serem encontradas *crossovers* escritas utilizando como base textos contemporâneos entre si, de grande sucesso comercial, como os anteriormente citados. Isso se dá em virtude de esses textos constituírem parte importante do imaginário do autor de *fanfiction*, que demonstra seu apreço por eles juntando-os numa mesma história, na qual por vezes um personagem original normalmente um alter-ego do autor ganha a oportunidade de participar das aventuras do grupo, sendo, por exemplo, grande amigo de Harry Potter e namorado de Buffy. Trata-se da construção de uma intertextualidade entre textos populares, comuns a jovens de diferentes culturas, em virtude da glo-

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.edwigeshomepage.com/fanfiction/>>. Acesso em: 13 abr. 2005.

balização do consumo das produções norte-americanas, que escapa àqueles não tão afeitos a eles.

A sétima reinterpretação a ser analisada é o “deslocamento de personagem”. Aparentemente não tão comum dentre os autores brasileiros de *fanfictions* baseadas em Harry Potter, este estilo consiste em uma manipulação mais radical dos gêneros e fronteiras entre os textos originais e ocorre quando os personagens principais de uma série são removidos de seu contexto, colocados em outro e renomeados, como na série de quadrinhos comerciais intitulada *1602*, em que personagens clássicos do universo Marvel,⁸⁵ como o Homem-Aranha, são recriados na Inglaterra elizabetana com novos nomes e identidades. É também conhecida como universo alternativo, pois, embora os personagens sejam retirados de um texto previamente existente, o autor da *fanfiction* cria todo um universo novo para a sua ação. Um exemplo pode ser visualizado na *fan art*⁸⁶ de autoria da *webmistress* Scila, retratando o *shipper* Ron e Hermione nos papéis de Lancelot

⁸⁵ Marvel Enterprises, Inc, editora norte-americana de histórias em quadrinhos muito populares em todo o mundo, como o Homem-Aranha e os X-Men.

⁸⁶ *Fan art* realizada para a ilustração da *fanfiction* intitulada *Rising moon, setting sun*, de autoria de Scila. Disponível em: <<http://www.edwigeshomepage.com/index4.html>>. Acesso em: 5 abr. 2005.



e Guinevere, respectivamente, personagens da lenda do rei Arthur.

Em oitavo lugar está a “personalização”, estilo de reinterpretação em que o autor de *fanfiction* se esforça por transpor a separação existente entre a ficção por ele admirada e a realidade de suas experiências sociais. É geralmente nesse tipo de *fanfiction* que florescem os personagens Mary Sue. É tão forte o apelo daquele universo ficcional ao fã, que não basta escrever sobre ele; é preciso inscrever a si mesmo como seu participante, concretizando, ainda que parcialmente, a fantasia de ser parte de determinada história. A *fanfiction* intitulada *Severus a partir de agora*,⁸⁷ na qual uma mulher comum é acidentalmente transportada para Hogwarts e tem a oportunidade de viver um romance com seu personagem preferido, o professor Severus Snape, é um bom exemplo desse tipo de *fanfiction*.

O nono modo de reinterpretação listado é chamado de “intensificação emocional”. Segundo Jenkins, a prática da *fanfiction* centra-se muito na psicologia dos personagens, o que gera uma ênfase narrativa nos momentos de crise, seguidos por aqueles de conforto emocional. Esse tipo de *fanfiction* é frequentemente classificado no *fandom* internacional como *angst*, referindo-se a angústia, ou *hurt-comfort*, que seria o binômio dor-conforto. O autor acredita que essas histórias, abundantes em situações angustiantes, permitem aos fãs a expressão de suas próprias preocupações apaixonadas pelos personagens, bem como a produção de um final feliz para situações de desespero. Poder-se-ia dizer que é a experiência catártica que impulsiona a escrita e a leitura desse gênero.

Finalmente, a décima forma de reinterpretação dos textos originais abordada por Jenkins é denominada “erotização” e consiste na exploração da dimensão erótica dos person-

⁸⁷ Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/ananinasnape/>>. Acesso em: 14 nov. 2004.

gens. Algumas histórias simplesmente desenvolvem pistas que já constavam do texto original, ao passo que outras projetam comportamentos inesperados para aqueles personagens, como no caso do *slash*. No *fandom* de Harry Potter, essas histórias são particularmente surpreendentes e podem causar reações mais agressivas, pelo fato de o original ser uma obra, a princípio, destinada ao público infanto-juvenil. Entretanto, a abundância de *fanfictions* eróticas tendo esse universo como tema leva a crer que os fãs leram subtextos em personagens, como Severus Snape, que não teriam ocorrido à autora.

Os fãs-navegadores, autores e leitores de *fanfiction* encontram-se imbuídos dos princípios inerentes à cultura de participação, que envolvem um certo grau de apropriação, bem como a recriação e recirculação dos textos por eles apreciados, como explicitado nas palavras de um navegador-autor, quando declara:

Isso é o que me fascina na arte de escrever: você pode, a partir de um personagem, cenário, contexto ou outro ponto de partida qualquer, elaborar seu próprio universo, adicionando, removendo, ou principalmente inventando tudo o que quiser.⁸⁸

Durante o ato mesmo da leitura, esses fãs relacionam o texto merecedor de sua afeição com outros, que também lhes sejam significativos, e, por meio de práticas complexas de co-autoria, como o estudo de Jenkins permite perceber, brincam com os textos que os povoam, ora resgatando o original em questão, ora expandindo-o, ora erotizando-o, misturando-o às suas vidas e aos textos de seus imaginários, em uma prática sempre enriquecedora para todos que com ela se envolvem.

⁸⁸ TONKS, Caroline. Re: pesquisa em fanfiction. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004. TONKS, Caroline. Re: pesquisa em fanfiction. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

Comunidades virtuais: o universo fanfiqueiro

“[a prática da *fanfiction*] [...] me fez conhecer pessoas maravilhosas, como duas amigas muito queridas e o meu namorado. Sendo assim, posso dizer que mudou a minha vida.”

Luciana Trindade

O relatório do Media Center,⁸⁹ ligado ao Instituto Americano de Imprensa (American Press Institute), intitulado *We media* e disponibilizado na internet,⁹⁰ oferece uma instigante visão do envolvimento da audiência dos meios jornalísticos com o papel de produtora das notícias. Essa mudança de papéis vivenciada por esse público, de suposto receptor passivo da notícia a seu ativo produtor, é, como a do leitor/autor de *fanfictions*, facilitada pelo acesso às novas tecnologias, que estimula essa audiência a um uso cada vez maior do espaço virtual para a divulgação de seus trabalhos.

Utilizando como referência o trabalho de Amy Jo Kim,⁹¹ que adaptou a teoria de Maslow,⁹² para mapear as motiva-

⁸⁹ O Media Center é uma organização não lucrativa voltada à educação e à pesquisa, comprometida em construir uma sociedade mais bem informada em um mundo conectado. É uma divisão do The American Press Institute, conduz pesquisas, programas e simpósios educacionais e atua como facilitador de conversas e planejamentos estratégicos sobre questões que dão forma ao futuro das notícias, da informação e da mídia (tradução nossa) “The Media Center is a non-profit research and educational organization committed to building a better-informed society in a connected world. A division of The American Press Institute, The Media Center conducts research, educational programs and symposia and facilitates strategic conversations and planning on issues shaping the future of news, information and media.” Disponível em: <<http://mediacenter.org/mediacenter/about/mission/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

⁹⁰ Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

⁹¹ KIM, Amy Jo. *Community Building on the web: secret strategies for successful online communities*. USA: Peachpit, 2000.

⁹² A hierarquia das necessidades é uma teoria de Abraham Maslow, um dos pioneiros da psicologia humanista, conhecida como uma das mais importantes sobre a motivação.

ções que levam as pessoas a participarem de comunidades virtuais, os autores do referido relatório, Chris Willis e Shayne Bowman, apresentam um quadro de seis referências que ajudam a elucidar pontos em comum referentes a muitas comunidades virtuais, inclusive àquelas aglutinadas em torno da *fanfiction*.

No Brasil, o navegador-autor e leitor de *fanfictions* é chamado informalmente de *fanfiqueiro*, substantivo que passa a ser utilizado para identificar muitos dos elementos relacionados à prática. No universo *fanfiqueiro* nacional, toda a aglutinação que acontece em torno da prática se dá em um espaço virtual, justamente pelo pouco tempo de existência de *fanfictions* em língua portuguesa, que passaram a ser produzidas após contatos com *websites* em língua inglesa, reveladores da prática. Participantes de comunidades literárias – no sentido do interesse e da prática leitora e escritora virtuais –, os navegadores-autores e leitores de *fanfiction* dedicam seu tempo livre e sua energia criativa para navegar na *web* em busca de novas histórias para ler, de novos *websites* para divulgar seu trabalho e, sobretudo, na comunhão com outras pessoas que desfrutam dessas atividades como eles, ou seja, fãs do mesmo original e da mesma prática, de forma que possam sentir-se acolhidos em suas necessidades.

Wilbur⁹³ afirma que é cada vez mais frequente o contato com comunidades virtuais por sujeitos que têm acesso à tecnologia necessária para se envolver com pessoas com as quais não há nenhuma proximidade física. Conforme o autor, tempo e disposição tanto do ponto de vista intelectual como do afetivo para o envolvimento em debates e interações com os outros sujeitos *on-line* são fundamentais para que uma comunidade virtual seja constituída. Mesmo assim, ele admite que não existe ainda clareza sobre o modo como ocorre o processo

⁹³ WILBUR, Shawn P. An archaeology of cyberspaces virtuality, community, identity. In: BELL, D.; KENNEDY, B. M. The cybercultures reader. London: Routledge, 2000.

de desenvolvimento desse tipo de comunidade e quais interações permitem sua formação. Segundo Wilbur, um estudo realizado por Rheingold⁹⁴ indica que as comunidades virtuais são formadas por pessoas que partilham elementos específicos, ou úteis, oriundos da vida “real”, sendo a comunidade *on-line* mais uma espécie de extensão daquela, embora superando barreiras geográficas.

Em conformidade com essa ideia, pode-se observar que a comunidade *fanfiqueira* aglutina-se em torno de produções cujos textos que lhes servem de base estão disponíveis e foram primeiramente consumidos fora da rede, no chamado “mundo real”. A transposição desses textos/produtos para outro suporte o virtual, nesse caso, engendra a interação de uma profusão de vozes, que figuram no trabalho dos navegadores-autores e leitores. Esses, em suas produções, colocam em prática a intertextualidade, não apenas em relação aos originais que lhes servem de base, mas também em relação a toda uma série de produtos que compõem a cultura *pop* consumida por uma dada faixa etária em um determinado período de tempo. Essa cultura *pop* é fartamente representada na internet, justamente pela ação dos fãs-navegadores-autores, que a consomem primordialmente *off-line*, mas a recriam no universo *on-line*. Suas recriações dão vazão a novas práticas intertextuais, como no caso da *fanfiction*, pois já existem histórias que são construídas tendo outra *fanfiction* como base, que, por sua vez, foi criada a partir da releitura de um original e de sua interação com elementos, no mais das vezes, oriundos da cultura *pop*.

Em uma tentativa de oferecer variadas definições do que possa ser considerado uma comunidade virtual, termos considerados bastante imprecisos, Wilbur sugere “a experiên-

⁹⁴ RHEINGOLD, Howard. The virtual community: homesteading on the electronic frontier. Apud WILBUR, Shawn P. An archaeology of cyberspaces virtuality, community, identity. In: BELL, D.; KENNEDY, B. M. The cybercultures reader. London: Routledge, 2000.

cia de dividir com outros, ausentes fisicamente, um espaço de comunicação”,⁹⁵ como sendo uma das definições possíveis. Afirma o autor:

É o resultado de uma prática semicompulsiva, de checar, fazer contato ocasionalmente com outros, que também estão fazendo contato ocasionalmente, em todos os tipos de fóruns *online*. É a soma sinérgica de todos os indivíduos semicompulsivos que passaram a pensar sobre si próprios como cidadãos em algum lugar ao qual nos referimos com palavras como “ciberespaço”, ou “a rede”, colaboradores do conluio que produz o que nós talvez queiramos chamar de “cultura da internet”⁹⁶ (tradução nossa).

As comunidades agregadas em torno de, por exemplo, Harry Potter, dentro ou fora da internet, têm em comum o fato de serem compostas por fãs da série, e aqueles que escrevem ou leem *fanfiction* têm em comum o desejo de se inscreverem no universo potteriano como autores e de não se satisfazerem com o material disponibilizado pela autora, J. K. Rowling, praticando, assim, sua recriação por meio da escrita. Contudo, apenas esses elementos não serviriam para explicar a popularidade dos fóruns eletrônicos e a adesão, como coloca Wilbur, semicompulsiva a essas comunidades.

Em qualquer momento que se conecte, por exemplo, ao fórum do *website* Aliança 3 Vassouras, o sujeito pode vir a encontrar outros dos 797 usuários *on-line*⁹⁷ e começar ali uma interação em tempo real. Caso isso não ocorra, ainda assim o participante pode postar respostas aos tópicos existentes ou

⁹⁵ “[...] the experience of sharing with unseen others a space of communication.” WILBUR, An archaeology of cyberspaces virtuality, community, identity, p. 50.

⁹⁶ “It is the result of a semi-compulsive practice of checking in occasionally with others who are checking in occasionally in all sorts of online forums. It is the synergistic sum of all the semi-compulsive individuals who have come to think of themselves as something like citizens in someplace we refer to with words like ‘cyberspace’ or ‘the Net’, collaborators in the mass conjuring trick which produces what we might want to call ‘Internet culture’.” WILBUR, An archaeology of cyberspaces virtuality, community, identity, p. 50.

⁹⁷ Disponível em: <<http://alianca3vassouras.geekadelic.com/forum/>>. Acesso em: 5 jan. 2005.

começar um novo e checar periodicamente o fluxo de respostas, em uma motivação sempre renovada. O fórum registrou o seu recorde de participantes *on-line* em 9 de dezembro de 2004, quando 37 pessoas estavam conectadas ao mesmo tempo. Todos os dias podem ser lidas respostas novas aos tópicos mais populares bem como percebida a criação de novos tópicos que estimulam a troca de ideias e o retorno dos participantes àquele fórum.

A mesma realidade é encontrada em outro fórum nacional dedicado a *fanfictions*, o *Fanfiction.com.br*, que disponibiliza uma área intitulada Academia Brasileira de Escritores, onde é possível ler várias *shortfics*, bem como alguns contos e crônicas originais. Nessa área, os *reviews* são uma presença constante e é comum o autor debater, com seus leitores os rumos da história e as críticas recebidas.

O que leva os fãs-navegadores-autores a participar intensamente desses fóruns é mais complexo que o compartilhamento do gosto por um mesmo produto cultural comercial e o desejo de interagir com ele, embora esses sejam elementos fundantes dessas comunidades. É possível encontrar, nas referências listadas por Willis e Bowman, razões que, juntamente com as características mencionadas, contribuem para lançar luz sobre as motivações dos leitores e autores de *fanfiction*. A primeira razão encontrada por eles para o envolvimento dos navegadores da rede em comunidades virtuais é a necessidade de “ganhar *status* ou construir uma reputação dentro de uma dada comunidade”.⁹⁸

É preciso reconhecer que os internautas que possuem os meios, as informações e a disponibilidade de tempo para se dedicar a uma comunidade virtual são representantes de uma nova elite dentro da sociedade contemporânea, detentores de

⁹⁸ “To gain status or build reputation in a given community.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

um grau de especialização que os diferencia dos navegadores eventuais, que utilizam a rede para a conferir *e-mails*, muitas vezes em computadores disponibilizados em locais públicos, como bibliotecas e outros espaços. Assim, é natural que aqueles busquem, *on-line*, o tipo de reconhecimento que, de forma geral, os sujeitos procuram obter em suas comunidades na vida “real”.

De acordo com Willis e Bowman, o reconhecimento dentro de um grupo é “um dos maiores motivadores, intoxicando os participantes com gratificação e aprovação instantâneas”.⁹⁹

Aparentemente, seria esse o caso dos autores de *fanfiction* que apelam por *reviews*, parecendo depender delas para dar continuidade ou não ao seu trabalho, bem como daqueles que oferecem *reviews*, estabelecendo a si mesmos como autoridades naquele tema. Muitos dos autores de *fanfiction* aspiram a profissões ligadas ao exercício da palavra escrita e encaram a prática também como uma oportunidade de aperfeiçoar suas habilidades. Segundo os autores,

[...] para alguns, essa motivação aparentemente baseada só em necessidades do ego é mais prática do que aparenta ser. As pessoas querem se estabelecer como uma autoridade em um determinado assunto. Por exemplo, uma das principais razões pelas quais as pessoas escrevem um *blog* é a de que eles aspiram tornarem-se escritores “legítimos” na mídia dominante (tradução nossa).¹⁰⁰

⁹⁹ “[...] is one of the biggest motivators, intoxicating participants with instant gratification and approval.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

¹⁰⁰ “For some, the ego-driven surface of this motivation is more practical underneath – people want to establish themselves as an authority on a subject. For example, one the primary reasons people write a blog is that they aspire to become “legitimate” writers in mainstream media.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

Pode-se afirmar que essa é uma aspiração louvável, principalmente quando é oriunda de jovens ainda em idade escolar e lhes possibilita a criação de uma representação de si mesmos como autores com chance de serem bem sucedidos na comunidade a que pertencem.

“Criar conexões com outras pessoas que tenham interesses semelhantes, *online* e *offline*”,¹⁰¹ que, à primeira vista, seria a principal motivação para o envolvimento e permanência em comunidades virtuais dedicadas a *fanfiction*, também é contemplada como uma grande motivação para a formação de comunidades *on-line* em geral. O relatório alerta para o fato de que, embora haja um grande número de reclamações acerca da quantidade de inutilidades presentes na rede, a separação entre o que seria “trigo” e o que seria “joio” não é possível de ser feita, justamente porque cada pessoa tem uma concepção diferente do que deve ser considerado “trigo”: “O que muitos dispensam como sendo *junk* (lixo) é feito por *junkies* (viciados), pessoas que são fanáticas ou apaixonadas por um assunto”,¹⁰² afirmam os autores. É natural que as pessoas queiram alimentar suas paixões e desejem dividi-las com outros indivíduos que pensam de maneira semelhante, até para serem retiradas de uma posição de isolamento social, que pode ocorrer quando essas paixões são consideradas inadequadas de alguma forma.

De acordo com um estudo realizado pela Pew Internet & American Life Project,¹⁰³ organização não governamental

¹⁰¹ “To create connections with others who have similar interests, online and off.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

¹⁰² “What many dismiss as ‘junk’ is made by ‘junkies’ people who are fanatical or passionate about a subject.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

¹⁰³ Disponível em: <http://www.pewinternet.org/report_display.asp?r=47>. Acesso em: 4 jan. 2004.

norte-americana que produz relatórios sobre o impacto da internet naquela sociedade, cerca de 45 milhões de participantes de comunidades on-line afirmaram que a internet os ajudou a conectar grupos ou pessoas que partilham seus interesses e a conhecer pessoas que não teriam a oportunidade de conhecer se não fosse por intermédio da participação nessas comunidades. Um autor de *fanfictions* sugere a dimensão das possibilidades da interação *on-line* ao declarar:

A vantagem de ter *fic*s publicadas na internet é essa: elas estão sempre à sua disposição e você não precisa limitar-se (sic) às linhas de uma história. Pode, através de um contexto em comum, conhecer a pessoa que criou a narrativa que lhe fascina e descobrir que por trás do rótulo de “autor da minha *fic* favorita”, pode estar também uma pessoa interessante, divertida e com coisas a dizer.¹⁰⁴

Willis e Bowman apontam também a necessidade de “fazer sentido e compreender”¹⁰⁵ as coisas que se passam ao seu redor como sendo uma motivação que leva as pessoas a procurar, nas comunidades virtuais, comentários de terceiros, que as ajudem a construir suas próprias interpretações. No caso das comunidades *fanfiqueiras*, anseia-se por dividir com alguém a tarefa de fazer sentido das lacunas do texto, principalmente no caso da série Harry Potter, ainda inacabada, na qual inúmeras pistas são deixadas em aberto, ficando a cargo do leitor construir suas possíveis interpretações.

Como para o fã ardoroso a diferença entre o real e o ficção fica parcialmente dissipada na mobilização de seus sentimentos pela obra, ele vive uma intensa ansiedade diante das descobertas resultantes de suas minuciosas e renovadas incursões pelo texto, necessitando da presença do outro para

¹⁰⁴ TONKS, Caroline. Re: pesquisa em fanfiction [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 9 out. 2004.

¹⁰⁵ “Sense making and understanding”. WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

realizar o papel de mediador de suas suposições, pois é no diálogo com o semelhante, no sentido acolhedor da palavra, que o sujeito realiza a elaboração de suas necessidades intelectuais e afetivas. No já citado estudo realizado pela Pew Internet & American Life Project, percebe-se a manifestação dessa necessidade inclusive em momentos de extrema gravidade:

O crescimento das comunidades *online* logo após os atentados de 11 de setembro demonstram como os americanos têm integrado as comunidades *online* em suas vidas. Nos dias seguintes aos ataques, 33% dos americanos usuários de internet leram ou postaram material em *chat rooms*, *bulletin boards* ou outros tipos de fóruns *online*. Embora os primeiros *posts* refletissem o sentimento de ultraje diante dos eventos, as discussões *online* logo migraram para o luto, debates sobre como reagir e questionamentos sobre os suspeitos e quem os estaria apoiando (tradução nossa).¹⁰⁶

Verifica-se que o ser humano, constituído essencialmente pela linguagem, não pode prescindir da presença de outrem no sentido da disponibilidade, portanto, não quer dizer o comparecimento físico desse, visto que isso, não necessariamente implicaria disponibilidade do outro para a mediação de suas dores e alegrias.

No caso das comunidades virtuais associadas à prática da *fanfiction*, há uma maior liberdade no sentido do desmascaramento das paixões do fã pela própria aceitação da subversão da noção clássica de autoria. É nessa navegação na rede que surge um espaço em que se torna possível o diálogo entre texto e fãs-leitores-autores, possibilitando o exercício de

¹⁰⁶ “The pull of online communities in the aftermath of the September 11 attacks shows how Americans have integrated online communities into their lives. In the days following the attacks, 33 percent of American Internet users read or posted material in chat rooms, bulletin boards, or other online forums. Although many early posts reflected outrage at the events, online discussions soon migrated to grieving, discussion and debate on how to respond, and information queries about the suspects and those who sponsored them.” Disponível em: <http://www.pewinternet.org/report_display.asp?r=47>. Acesso em: 3 jan. 2004.

uma forma de autoria inexistente nos meios encarregados de criar comunidades literárias na vida real, as instituições de ensino. Segundo Ramal, “as discussões sobre ideologia e lugares dos sujeitos-leitores não estão muito presentes no interior da escola, nem na formação dos professores, fazendo com que muitos vejam como neutras as relações envolvidas no processo de aproximação de um texto com um mediador, seja ele um mestre, um *software*, um ambiente tecnológico”.¹⁰⁷

Nessas comunidades virtuais as relações não são neutras, como não são neutros os objetos de consumo que as suscitam, mas, talvez, haja maior possibilidade de mobilidade na “hierarquia” comunitária, fornecendo aos participantes um maior senso de competência (*empowerment*) e melhorando sua autoestima como autores, em virtude da interação entre pares, que, não se deve esquecer, partilham um gosto em comum.

O relatório do *Media Center* também se refere à necessidade de “informar e ser informado”¹⁰⁸ como um indutor à participação em comunidades *on-line*. Em fóruns eletrônicos e *websites*, os fãs-navegadores têm a oportunidade de inteirar-se de todas as notícias referentes ao produto/texto de sua preferência, que são cuidadosamente monitoradas pelos *webmasters*. Eles normalmente depositam em alguma área do *website* uma espécie de *clipping* (compilação de notícias) das novidades sobre a obra e os produtos *spin-off* mais significativos, como os filmes e seus atores. Dentre os *websites* nacionais, o Potterish¹⁰⁹ é um dos mais bem atualizados nesse sentido.

Em se tratando de Harry Potter, a autora, J. K. Rowling elaborou um intrincado *website*¹¹⁰ por meio do qual se rela-

¹⁰⁷ RAMAL, Andrea Cecília. Educação na cibercultura hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 35.

¹⁰⁸ “To inform and be informed.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information.. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.potterish.com/news/>>. Acesso em: 16 mar. 2005.

¹¹⁰ Disponível em: <<http://www.jkrowling.com>>. Acesso em: 10 jan. 2005.

ciona com seus leitores e deixa pistas acerca dos próximos livros e de lacunas na trama, propositadamente alimentadas por ela. Essas pistas são, em geral, de difícil resolução e só leitores minuciosos e navegadores experientes conseguem decifrá-las, o que provoca uma corrida aos *websites* dedicados à série, muitos dos quais hospedam *fanfictions*, e aos fóruns eletrônicos, em busca de soluções que conduzam a respostas acerca dos mistérios da história.

De acordo com Willis e Bowman, a rede social criada pela internet difunde a informação de modo extremamente rápido dentre seus participantes. Isso ocorreria, segundo os autores, em virtude dessa forma de cultura de participação atrair dois tipos de navegadores, denominados *mavens*¹¹¹ e conectores (*connectors*):

Mavens são agenciadores de informação, compartilhando e negociando o que eles sabem. Eles são coletores agressivos de informação, mas possuem motivação social para compartilhá-las. Conectores são indivíduos que conhecem muitas pessoas, em diferentes ambientes. Eles participam de muitos mundos diferentes e também possuem motivação social de conectá-los (tradução nossa).¹¹²

A cultura de participação *on-line* é uma excelente oportunidade para os *mavens* satisfazerem suas necessidades de tomar posição como autoridades em um determinado assunto, ao mesmo tempo em que proporciona aos conectores o desenvolvimento da habilidade de levar aqueles que estão buscando informação até onde ela está.

¹¹¹ Optou-se pela permanência da palavra em língua inglesa, a exemplo do que vem acontecendo em outros textos, em língua portuguesa, disponibilizados na internet.

¹¹² “Mavens are information brokers, sharing and trading what they know. They are aggressive collectors of information but are socially motivated to share it as well. Connectors are people who know a lot of people in diverse settings. They have their feet in many different worlds and are socially motivated to bring them together.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacentre.org/mediacentre/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

Um exemplo recente é o uso da internet pelos parentes das vítimas dos *tsunami*¹¹³ na Ásia e na África, classificado pelo jornal britânico *The Guardian* como “um marco no desenvolvimento da internet”.¹¹⁴ Desesperados por informações, os navegadores encontraram na rede, graças aos participantes com os perfis acima descritos, uma fonte de notícias em tempo real:

Horas após o terremoto, *sites* já publicavam listas de desaparecidos o que facilitou a localização de muita gente e *blogs* pessoais já mostravam fotos e relatos que davam uma dimensão mais precisa da tragédia, antecipando-se a jornalistas de vários países que só chegaram nos outros dias. Depois, vieram os vídeos – quase todos amadores e muitos deles disponíveis na Internet. Essas imagens causaram um volume inédito de doações, gestionando o acesso a *sites* de entidades humanitárias.¹¹⁵

A notícia ainda salienta a importância do uso convergente das novas tecnologias disponíveis, pois muitas das fotos disponibilizadas em *blogs* pessoais logo após a tragédia foram tiradas e enviadas por meio de telefones celulares.

De posse de todas essas possibilidades de atualização e interação, os jovens usuários da internet utilizam-na como uma grande fonte de entretenimento, também citado no relatório de Willis e Bowman como um forte motivo para o envolvimento em comunidades virtuais. Os autores afirmam que as pessoas buscam, em suas atividades *on-line*, ocupações diferenciadas daquelas do dia a dia e que, uma vez cumprido esse requisito, qualquer atividade já passa a ser considerada entretenimento. Ao mesmo tempo, salientam que a rede não é um veículo como os demais utilizados pela indústria para

¹¹³ Ondas gigantes que atingiram oito países asiáticos e três africanos em dezembro de 2004.

¹¹⁴ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/mundodigital/ultimas/2005/01/03/ult8u975.jhtm>>. Acesso em: 4 jan. 2005.

¹¹⁵ “To entertain and be entertained.” WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. Disponível em: <<http://www.mediacenter.org/mediacenter/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

a venda de pacotes prontos de entretenimento. Os navegadores da rede querem liberdade criadora; não basta o prazer da evasão, que, pela passividade em que implica, teria, talvez, na televisão um meio mais rápido e seguro.

Os navegadores-autores de *fanfiction* e outros engajados em formas participativas de produção de cultura encontradas *on-line* buscam um tipo de prazer que é derivado da construção do conhecimento, o que implica uma atitude mais ativa, que resulta na transgressão das supostas fronteiras apresentadas pelos pacotes oferecidos pela indústria do entretenimento. Os autores esclarecem:

Diferentemente da conformidade fixa imposta pela televisão, pelos anúncios e pela propaganda corporativa, a rede deu uma nova legitimidade e liberdade para o brincar. Muitos daqueles envolvidos com esse mundo se encontram explorando uma liberdade nunca antes imaginada: indulgenciando sua curiosidade, debatendo, discordando, rindo de si mesmos, comparando visões, aprendendo, criando novas formas de arte, um ovo conhecimento¹¹⁶ (tradução nossa).

Curiosamente, os autores e leitores de *fanfiction* são, em sua maioria, jovens que utilizam as habilidades de leitura e de escrita em sua principal atividade *off-line*, a escola. Mas como na maior parte dos casos o uso dessas habilidades no contexto escolar é submetido à sobredeterminação de quais são as interpretações possíveis autorizadas pelos professores, para posterior avaliação, é provável que a interação promovida pela rede possibilite uma liberdade de criação que torne a prática, antes de mais nada, uma fonte de entretenimento.

¹¹⁶ “Unlike the lockstep conformity imposed by television, advertising and corporate propaganda, the Net has given new legitimacy and freedom to play. Many of those drawn into this world find themselves exploring a freedom never before imagined: to indulge their curiosity, to debate, to disagree, to laugh at themselves, to compare visions, to learn, to create new art, new knowledge.” LEVINE, Rick; LOCKE, Christopher; SEARLS, Doc; WEINBERGER, David. Disponível em: <<http://www.cluetrain.com/>>. Acesso em: 5 jan. 2005.

Em conformidade com o acima exposto, percebe-se que o aspecto levantado no relatório *We media*, cujo teor possa ser considerado o maior motivador para os participantes de comunidades virtuais agregadas em torno da *fanfiction*, é o relacionado ao exercício da criatividade. Para Wills e Bowman, “Criar”¹¹⁷ é um prazer, por meio do qual obtemos um sentimento de realização pessoal, esse um forte motivador da permanência dos sujeitos em comunidades virtuais. Criar, tida na hierarquia de Maslow como um ato de autorrealização e considerada a mais alta e, portanto, mais sofisticada das necessidades básicas do ser humano, melhora a autoestima e produz uma sensação de competência (*empowerment*) no sujeito.

Criar *fanfictions*, lê-las, opinar sobre suas qualidades e defeitos e fazer sugestões sobre a linguagem, trama ou personagens são formas de o fã-navegador-autor expressar sua criatividade, de superar a barreira da interpretação autorizada e de assumir uma postura menos passiva, participando efetivamente do universo ficcional que o mobiliza. A escola tradicional tende a subestimar o valor da participação, da importância do processo de autoria, para uma geração que, embora inserida em uma sociedade de consumo, demonstra por vezes exercer um papel mais atuante como consumidora do que o esperado, rompendo com a noção ainda presente em muitos meios educacionais de que o leitor é um consumidor passivo de significados contidos e ocultos no texto.

Como a *fanfiction*, pelo menos no Brasil, dá-se em território virtual, é possível que a rede de amigos *on-line* compense a ausência de pessoas *off-line* interessadas na prática. Segundo Schittine,¹¹⁸ esses amigos feitos a distância possibilitam uma conciliação da esfera pública e da privada por meio

¹¹⁷ “To create”. WILLIS, Chris; BOWMAN, Shayane. We media how audiences are shaping the future of news and information. . Disponível em: <<http://www.mediacentre.org/media-center/research/wemedia/>>. Acesso em: 3 jan. 2005.

¹¹⁸ SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

da mediação do computador. É um modo relativamente seguro de sociabilizar-se, pois, no momento da interação com outros autores e leitores de *fanfiction*, faz-se ausente o ser social do dia a dia, assim fica a disponibilidade intelectual e afetiva majoritária e propositadamente concentrada naquela atividade. Diz a autora que:

[...] é nesse momento, também, que o público leitor, esse grupo de estranhos, se torna fundamental. É ele quem permite a propagação das ideias do escritor por meio da fala, dos comentários e da rede tornando-as duradouras, permanentes, pelo menos naquele ambiente da rede, o que dá ao autor uma sensação, ainda que momentânea, de imortalidade.¹¹⁹

No entanto, o autor de *fanfictions* sabe que, embora prazerosa e estimulante, essa sua atividade virtual não oferece condições de assegurar a autoria de sua obra, como acontece com os autores do mundo “real”. Em primeiro lugar, porque a *fanfiction* já é uma escrita palimpséstica, com a presença declarada do texto que lhe deu origem, no qual muitos outros estão contidos; em segundo lugar, porque na internet a noção de autoria é extremamente fluída. Shittine afirma que dúvidas relativas a quem terá sido o autor de uma determinada ideia “são bastante naturais, até porque cada comentário feito pelo autor recebe a contribuição de seus leitores”.¹²⁰ E é possível que essa não seja uma preocupação dos navegadores-autores de *fanfiction*. Com o conceito de dialogismo, Bakhtin expressou sua crença de que é na articulação entre os sujeitos que a palavra ganha significado, vida. Como nessas comunidades virtuais a negociação de sentidos é uma constante, a mensagem “original” rapidamente se desterritorializa e “assume novas formas à medida que circula no espaço socioideológico das outras consciências.”¹²¹

¹¹⁹ SCHITTINE. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. p. 146.

¹²⁰ SCHITTINE. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. p. 146.

¹²¹ RAMAL, Educação na cibercultura hipertextualidade, leitura, cultura e aprendizagem, p. 122.

Os fãs-navegadores-autores de *fanfiction* permanecem envolvidos com a prática durante anos, parecendo conseguir realizar, por meio dela, a expressão de sua voz criadora, justamente na participação do diálogo com uma profusão de vozes que provoca a reelaboração constante dos sentidos, ao mesmo tempo deixando sua marca no mundo, mesmo que virtual. Dessa forma, eles estariam se mantendo, no dizer de Schittine, vivos, na leitura e na fala dos outros que com eles compartilham de uma prática que entretém, ao mesmo tempo que sociabiliza e aprimora as habilidades escritoras, leitoras e navegadoras.

A construção de representação como geradora da *fanfiction*

“[...] é claro que essa evolução não é só fruto de *fanfictions*, como também do meu gosto pela leitura, já existente antes e que permanece. Mas as *fanfics* são parte interessante e importante desse desenvolvimento.”
Scila

A prática da *fanfiction* é alimentada por meio de leituras, sempre retomadas, de textos populares, apresentando-se como uma concretização dessas releituras combinadas à intervenção do leitor, elevado a uma situação de coautoria. Segundo Langer,¹²² a leitura é um processo de construção de sentido que se desenvolve à medida que o leitor busca no seu conhecimento de mundo os elementos que vai combinar e confrontar com aqueles que consegue extrair do texto lido. Para a autora, os processos de letramento (*literacy*) não ocorrem apenas em situações de escolaridade, mas nos muitos contextos

¹²² LANGER, Judith A. *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*. New York: Teachers College, 1995.

de vivência do sujeito, e implicam o engajamento do sujeito em atividades de manipulação da linguagem e do pensamento, para fazer sentido de uma variedade de situações do dia a dia que se apresentam como oportunidades de aprendizagem.

A vivência do letramento é aquela que possibilita o aprofundamento de leituras de mundo, processo que confere complexidade à linguagem, mas não se limita à palavra escrita. Essas atividades são aquelas que estimulam as faculdades do sujeito, conferindo-lhe sensação de autoridade e competência (*empowerment*), decorrente do uso de suas habilidades linguísticas para a reconfiguração da sua compreensão dos textos do mundo sejam eles impressos, ou não. de si mesmo e, consequentemente, de seu lugar nesse mundo. Langer afirma que tais processos de letramento conferem “importância aos indivíduos e aos textos, orais e escritos, que eles criam e encontram”¹²³ e, porque não, também aos textos imagéticos e multimídiais, cuja presença na cotidianidade das classes médias é inegável.

Os autores e leitores de *fanfiction* não são indivíduos isolados, pelo contrário, essa é uma prática que se desenvolve dentro de um ânimo de gregarismo, em que os participantes se sentem e agem como membros de uma comunidade literária, que reflete sobre o assunto (a escrita de *fanfictions* e sua relação com o leitor) com seriedade. Os *feedbacks* enviados pelos leitores são de suma importância para os autores de *fanfiction* e, para a maioria deles, o aprimoramento de sua produção escrita é assunto que merece atenção e cuidado. O *website* Edwiges Homepage, por exemplo, atualmente apresenta quatro colunas de análises de *fanfiction* e uma seção de tutoriais, com dicas como: Erros comuns de gramática e ortografia e Como criar um personagem novo.

Além da exigência da validação das *fanfictions* por um *beta reader* para sua publicação no *website*, as colunas de

¹²³ “It gives importance to individuals and the oral and written texts they create and encounter.” LANGER, *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 1.

análises oferecem mais uma opção ao autor, para o aprimoramento de sua escrita. As colunistas professora Minerva, professora Sprout, Lady Grey e Miss Moony – oferecem aos autores análises de *fanfictions*, contemplando itens como a trama, os personagens, o desenvolvimento da história, a linguagem utilizada e a correção gramatical. Para tanto, o autor precisa apenas escolher uma colunista de sua preferência e enviar-lhe a *fanfiction para análise*. Ao final da análise as colunistas costumam atribuir uma nota à *fanfiction*, conforme a tradição da maior parte das instituições educacionais do país. Embora o autor tenha direito de resposta, postando um comentário no qual manifesta suas concordâncias ou discordância, a análise realizada e a nota ficam expostas no *website*, para a conferência não apenas do autor, mas de todos aqueles que se interessarem em sua leitura.

Ao citar sua experiência com alunos que se sentiam participantes de uma comunidade literária, Langer afirma ter observado que eles:

[...] interiorizam suas várias leituras em uma busca de significação pessoal, examinam os textos e a vida em uma variedade de ângulos, sob uma perspectiva crítica e tratam os comentários dos outros como tendo o potencial de enriquecer (bem como desafiar) suas próprias compreensões. Eles também sabem que têm o direito de discordar e que, provavelmente, com o tempo, irão alterar um pouco, senão completamente, suas ideias. O mesmo acontece com a literatura. O pensamento solitário continua e novos debates coletivos são sempre possíveis. Em uma experiência literária não existem fins, apenas pausas e possibilidades futuras¹²⁴ (tradução nossa).

¹²⁴ “They interiorize their various readings in a quest for personal meaning, examine the text and life to varying degrees from a critical perspective, and treat others’ comments as having the potential to enrich (as well as challenge) their own understandings. They also know that they have the right to disagree, and that they are likely to modify if not change their ideas with time. And so it is with literature. Solitary thought continues, and more public discussion is always possible. In a literary experience there are no ends, only pauses and future possibilities.” LANGER, op. cit., p. 4.

Embora a comunidade que se aglutina em torno das *fanfictions* seja voluntária e careça de uma figura que centralize a mediação dos debates e o andamento dos trabalhos, como um professor (tarefa parcialmente assumida pelas *webmistresses*), observa-se com muita clareza o quanto seus participantes são engajados e estão dispostos a aceitar críticas e incentivos para o aprimoramento de suas histórias. Esse sentimento de pertença a uma comunidade fica evidenciado no seguinte comentário, referente a uma análise de *fanfiction* realizada pela professora Minerva:

Oi Amy, eu ainda não li a sua fic, mas enquanto eu lia esta análise fui ficando cada vez mais curiosa e com certeza vou ler. Eu achei que as críticas foram construtivas, mas posso imaginar como vc [sic] se sentiu ao ler. Eu não escrevo, mas desenho e já fui e sou muito criticada. Dói na gente e às vezes desanima mas a “dor” é que nos faz crescer. Não desanime, continue! Sempre! Só com o treino, o empenho, a prática constante é ganhamos experiência e nos aproximamos da perfeição. Não desista, nunca! Há pouco tempo ouvi uma frase que foi dita pelo ator José Wilker que foi um grande incentivo pra mim e talvez seja para você também. Era assim: “O único lugar em que o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário”.¹²⁵

Essas interações expõem o quão importante é o pensamento literário para esses jovens, o quanto eles se esforçam para que sua escrita atinja um grau de desenvolvimento que lhes possibilite angariar mais leitores, em uma mobilização que não é comumente encontrada nas práticas de sala de aula. Nas instituições de ensino, em geral, o único leitor que o aluno encontrará para o seu texto é o professor que o solicitou e raramente a solicitação dá espaço à redação de um texto ficcional de fôlego.

Para Langer, o envolvimento com o texto ficcional implica pausas, mas não conclusões definitivas, porque, mesmo

¹²⁵ Comentário deixado por Marin em 12 de novembro de 2004, às 22h30min.. Disponível em: <<http://www.haloscan.com/comments/edwiges/141859>>. Acesso em: 20 dez. 2004.

que a leitura tenha terminado, em pensamento o diálogo com o texto pode ter continuidade, abrindo a possibilidade de novas compreensões. Os autores de *fanfiction* são leitores que buscam realizar suas interpretações, embora essas não sejam definitivas. Por meio da coautoria, eles talvez estejam buscando a posse de suas interpretações, do modo como se deu sua recepção do texto original. A intenção desses autores claramente não é de desafiar a autoria do original, mas, sim, de buscar um meio para o exercício de sua própria autoria, bem como um espaço privilegiado para debater e participar de uma comunidade literária no sentido do envolvimento com a leitura e a escrita, em que suas habilidades possam ser apreciadas, desafiadas e desenvolvidas.

O caminho percorrido por esses leitores dedicados na direção de sua transformação em coautores talvez possa ser parcialmente explicado com a teoria de “construção de representação”, desenvolvida pela professora Judith Langer. Ao perguntar-se sobre como os mundos textuais se desenvolvem e ganham complexidade nas mentes dos indivíduos, Langer concluiu que se desenvolvem por meio da busca ativa realizada pelo leitor para construir sentido em relação ao texto. Ela usa o termo “representação” (*envisionment*) para referir-se à totalidade da compreensão que o sujeito experiencia em qualquer estágio de sua leitura. Segundo a autora:

Representações são mundos textuais na mente e elas diferem de pessoa para pessoa. [...] são um conjunto dinâmico de ideias relacionadas entre si, bem como imagens, questionamentos, discordâncias, antecipações, discussões e palpites que ocupam a mente durante cada leitura, escrita, fala, ou outra experiência através da qual o sujeito ganhe, expresse e compartilhe pensamentos e compreensões (tradução nossa).¹²⁶

¹²⁶ “Envisionments are text-worlds in the mind, and they differ from individual to individual. ...Envisionments are a dynamic set of related ideas, images, questions, disagreements, anticipations, arguments, and hunches that fill the mind during every reading, writing, speaking, or other experience when one gains, expresses, and shares thoughts and understandings.” LANGER, *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 9.

Essas representações, criadas na interação do que é oferecido e extraído do texto com o *background* do sujeito, estão em um estado de mudança constante, e esse processo de transformação é chamado de “construção de representação”.

Ao ler um original que o mobilize, o sujeito constrói uma representação do texto que lhe é única, mas, ao mesmo tempo, tem pontos em comum com as representações construídas por outros sujeitos. Essa representação tampouco é definitiva, pois está sempre aberta a mudanças que, certamente, virão, principalmente na interação com outros leitores que compartilham as mesmas leituras. O debate proporcionado pela participação em uma comunidade reunida em torno da construção de representações, tendo como base um texto em comum – chamada por Langer de “comunidade literária” – vai tornar esse processo ainda mais dinâmico, além de aumentar as chances de sua sofisticação. A esse respeito, é conveniente observar a manifestação de um autor, quando diz:

[...] as *fanfics* sempre são baseadas em alguma coisa, e *fic* de Harry Potter, obviamente é baseada nos livros da série, e isso é bom, porque eu posso ver os diferentes modos de interpretar um livro, cada um com sua visão e montando [sic] histórias a partir disso.¹²⁷

A cada releitura, ideias antes tidas como principais podem não mais ser consideradas tão importantes, sendo substituídas por outras, principalmente quando há uma interação com outros leitores do mesmo texto. A reinterpretção constante é parte da vida e, quanto mais interessantes as experiências vividas, mais ricas as representações podem se tornar: “As representações crescem, mudam e se tornam mais ricas com o tempo, através da reflexão e da experiência”, afirma Langer.

Referindo-se especificamente à interação com o texto literário, Langer desenvolveu uma teoria sobre quatro postu-

¹²⁷ RADCLIFFE, Mila. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

ras (*stances*) vivenciadas pelo leitor, quando ele procura fazer sentido – construir representações daquilo que lê. Ao analisar a prática da escrita de *fanfictions* sobre Harry Potter, Bond e Michelson¹²⁸ fizeram uso dessa teoria para argumentar que os leitores mais sofisticados, cujo grau de absorção e interação com o texto – ainda que pertencente à cultura *pop* seja mais profundo, utilizam-no conscientemente como referência para suas próprias criações. Embora Langer alerte que as quatro posturas descritas não ocorrem linearmente e, tampouco, são necessariamente vivenciadas por todos os leitores ou em todas as leituras, acredita que a experiência dessas posturas resulta na construção de um entendimento do texto que leva à alteração, em nível consciente, da compreensão, não apenas do texto, mas dos conhecimentos pessoais anteriores.

Ao discorrer sobre esses movimentos vivenciados pelo leitor, optou-se pela tradução literal dos nomes a eles atribuídos pela pesquisadora, com o objetivo de evitar ao máximo possíveis deturpações de significado. A primeira postura por ela citada é intitulada Estando fora e entrando em uma representação.¹²⁹ Segundo Langer, ao começar uma leitura, esse é o movimento realizado pela mente do leitor, ou seja, do ponto de vista cognitivo e afetivo, ele se desloca na direção do que lhe é oferecido. É por meio desse movimento que começa a construção de uma representação, ainda que incipiente, acerca dos significados do texto. O leitor apanha as pistas textuais e, ao construir o sentido delas, procura prever o que virá depois, baseando-se no pouco que conhece até então. No entanto, essa tentativa de previsão não é feita apenas por meio das pistas fornecidas pelo texto, mas, como já demons-

¹²⁸ BOND, Ernie; MICHELSON, Nancy. Writing Harry's world: children coauthoring Hogwarts. In: HEILMAN, Elizabeth E. Harry Potter's world multidisciplinary critical perspectives. New York: Routledge Falmer, 2003.

¹²⁹ "Being Out and Stepping Into an Envisionment." LANGER. Envisioning literature – literary understanding and literature instruction, p. 16.

trou Smith,¹³⁰ também pelo uso do conhecimento prévio do leitor, daquilo que o autor chama de sua teoria do mundo, ou seja, o conhecimento acumulado por meio do que foi experienciado por ele.

Langer salienta que essa postura é assumida repetidamente durante toda a leitura, não apenas no seu começo, surgindo espontaneamente toda a vez que o leitor se depara com novas informações e perde o foco da representação que estava sendo construída, até mesmo por problemas de vocabulário. Esse é o momento em que o leitor tateia mais em busca de amplidão do que de aprofundamento, ansiando por um crescente número de informações que lhe permitam especular com maior precisão acerca do desenrolar da trama.

A segunda postura listada por Langer é chamada *Estando dentro e movimentando-se* através de uma representação.¹³¹ Nesse estágio, o leitor já se encontra imerso no texto construindo sentidos, buscando, portanto, o aprofundamento da compreensão. Para tanto, ele invoca seu conhecimento já parcialmente elaborado sobre o texto, sobre si mesmo e sobre a vida, elaborando e fazendo conexões entre seus pensamentos e sentimentos, ao mesmo tempo que procura organizar sua compreensão, sempre mutante, acerca do texto. Segundo a autora, toda compreensão momentânea é colocada a serviço da construção de significado, sendo esse um estágio em que “um significado gera outro, somos apanhados na narrativa de uma história, ou no sentido ou sentimento despertado por um poema”.¹³² O questionamento desse leitor mergulhado no texto é constante: causas, sentimentos, razões, relações, sua teoria de mundo e o texto que se desenrola a sua frente

¹³⁰ SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

¹³¹ “Being In and Moving Through an Envisionment.” LANGER. *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 17.

¹³² “...meaning begets meaning, we are caught up in the narrative of a story or the sense or feel of a poem.” LANGER. *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 17.

são constantemente cotejados, mobilizando toda a capacidade cognitiva e afetiva do leitor.

Já na terceira postura, intitulada Saindo e repensando o que se sabe,¹³³ o leitor “fecha o seu livro”, no sentido da interrupção da leitura, e ocorre justamente o inverso do descrito nos dois estágios anteriores. O pensamento, que antes estava concentrado na construção da representação, muda de foco, afastando-se da compreensão quase que exclusiva do texto e de suas significações, e passa a avaliar o impacto que o texto lhe causa. Ele se questiona sobre a importância dessa leitura para a sua vida, de como o texto alterou, ou deixou de alterar, a teoria de mundo previamente existente. O leitor coteja suas representações anteriores com a experiência da leitura, retornando àquilo que sabia, que fizera ou que sentira antes de ter lido o texto, numa reciprocidade entre o fictício e o real. A representação construída na leitura do texto ilumina e influencia sua vida, ao mesmo tempo que a vida ilumina e influencia a leitura do texto, de forma que nenhuma instância da experiência, real ou fictícia, permanece intocada.

De acordo com Langer, essa postura não é atingida com a mesma frequência que as anteriormente citadas, em parte, porque nem todos os textos lidos se interconectam com a vida dos leitores de forma a suscitarem a reflexão e o aprendizado por meio do contato com eles e, também, porque é preciso tempo e acúmulo de experiências literárias para que o impacto de certos textos possa ser mais bem desfrutado. No entanto, a autora chama a atenção para o fato de que é em virtude da força da experiência vivenciada naquele estágio, da profunda impressão causada por certos textos na reflexão dialógica sobre a vida, que algumas pessoas decidem dedicar-se à leitura e ao estudo da literatura. Diz ela:

¹³³ “Stepping out and rethinking what one knows.” LANGER. *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 17.

[...] porque essa postura é tão poderosa e conseqüentemente penetrante, seu impacto em potencial é uma razão fundamental pela qual nós lemos e estudamos literatura para que esta nos ajude a resolver nossas próprias vidas. Como leitores, sabemos que as lições da literatura podem ser um aspecto valioso da experiência. Elas nos fornecem um jogo de espelhos através dos quais podemos contemplar nosso eu presente, bem como nosso eu possível. Elas também nos ajudam a reconsiderar coisas que fizemos e a imaginar valores, crenças e emoções alternativos¹³⁴ (tradução nossa).

Portanto, para Langer, a importância da leitura reside justamente no enriquecimento que propicia às demais vivências da cotidianidade, possibilitando a ampliação dos horizontes de quem lê.

A quarta e última postura estudada é Saindo e objetivando a experiência,¹³⁵ estágio no qual o leitor se distancia da representação que construiu sobre o texto e procura refletir objetivamente sobre ele. Ele pode realizar paralelos entre o texto em questão e outras obras por ele lidas, enfocando as habilidades do autor, a estrutura do texto e as alusões a diferentes elementos literários nele encontrados. Pode especular acerca dos motivos pelos quais determinado autor ou obra mobiliza-o afetivamente e tornar-se mais consciente das razões que o levam a concordar com algumas interpretações e não com outras. O leitor assume um comportamento crítico-reflexivo, ficando mais ciente das tensões existentes entre o ponto de vista do autor e o seu, das insinuações de conflito e poder presentes no texto e de como a obra se insere nos

¹³⁴ “[...] because this stance is so powerful and eventually pervasive, its potential impact is a primary reason that we read and study literature to help us sort out our own lives. As readers, we know that the lessons of literature can be a valued aspect of the experience. They provide us with a set of mirrors in which to view our possible as well as our present selves. They also help us reconsider what we have done and imagine alternative values, beliefs and emotions.” LANGER, *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 18.

¹³⁵ *Stepping out and objectifying the experience*. LANGER. *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 18.

parâmetros da crítica e das tradições culturais, por meio, por exemplo, do gênero a que pertence.

Langer insiste que essas quatro posturas não se sucedem necessariamente em uma sequência linear, podendo ocorrer várias vezes tanto durante a leitura, assim como durante um debate, reescritura ou outro tipo de reflexão, posteriores a ela. A autora acredita que, com o tempo e a prática, essas experiências tendem a tornar-se mais ricas. Sintetizando o significado da vivência desses momentos, esclarece:

Nas primeiras duas posturas, nossos pensamentos estão concentrados em nossas representações. Na terceira postura, nossos pensamentos estão concentrados na nossa experiência e conhecimento do mundo real. Na quarta postura, nós objetivamos as representações que construímos, distanciando-nos delas para melhor examiná-las. As posturas servem como um modo de pensar sobre a mesma questão de diferentes maneiras. Na primeira postura, nós apanhamos ideias iniciais; na segunda, estamos imersos em nossos mundos textuais; na terceira, ganhamos *insights* a partir das representações que construímos e, na quarta, refletimos sobre o sentido geral das coisas, como elas funcionam e por quê (tradução nossa).¹³⁶

Dessa forma, percebe-se que o leitor que sofrer uma maior mobilização pessoal diante de um texto poderá vir a experimentar esses quatro momentos, estabelecendo, assim, uma relação de dialogicidade entre o texto – sua experiência fictícia e a vida real.

Segundo Bond e Michelson, quando as leituras anteriores são conscientemente utilizadas como modelo, facultam ao lei-

¹³⁶ “In the first two stances, our thoughts are on our envisionments themselves. In the third stance, our thoughts are on our experience and knowledge in the real world. In the fourth stance, we objectify our envisionments, holding them apart for inspection. The stances serve as a way to think about the same general issue in different ways. In the first stance, we gather initial ideas; in the second, we are immersed in our text-worlds; in the third, we gain insights from our envisionments; and in the last, we reflect on what it all means, how it works, and why.” LANGER, *Envisioning literature literary understanding and literature instruction*, p. 19.

tor um sentido de narratividade, permitindo-lhe internalizar estruturas e convenções sobre como uma história é escrita. As autoras descrevem esse tipo de leitor como um aprendiz que absorve um pouco do conhecimento de cada autor com cuja obra ele venha a se encontrar: “As narrativas habituam o leitor com a habilidade da escrita, permitindo que ele ganhe familiaridade com as possibilidades [existentes] para os personagens e fornecem um sistema para a criação de histórias”.¹³⁷ Dessa forma, a leitura do texto ficcional serviria como embasamento para o desenvolvimento da compreensão das características próprias do texto escrito, servindo como uma fonte inesgotável de conhecimento sobre essas características, desde as mais visíveis até as mais sutis, fornecendo modelos com os quais o leitor pode experimentar, caso lhe seja concedido espaço para tanto. Esse espaço é construído nas comunidades aglutinadas em torno da *fanfiction*, à revelia das experiências escolares.

Infelizmente, na maioria dos casos, o sistema escolar tende a encarar a leitura do texto ficcional como se tivesse um fim em si mesmo, com vistas, no máximo, a satisfazer uma avaliação formal, como o vestibular. A experiência da leitura termina de maneira abrupta e geralmente permanece isolada, não sendo socializada com o grupo e carecendo, assim, de estímulo para que se torne significativa na vida do leitor por intermédio do entrelaçamento com suas experiências anteriores, tanto do mundo ficcional como do real.

Da mesma forma, a experiência da escrita criativa no contexto escolar ressent-se da ausência de uma mediação que possibilite sua socialização. O público leitor que o aluno tem em mente ao redigir seu texto é, no mais das vezes, o professor, e apenas ele, o que pode contribuir para a restrição de seu desempenho como escritor. Segundo Atwell,¹³⁸ a audiência

¹³⁷ “Narratives familiarize the reader with writing craft, allow her to gain familiarity with character possibilities, and provide schemata for story creation.” BOND; MICHELSON, *Writing Harry’s World: children coauthoring Hogwarts*, p. 110.

¹³⁸ ATWELL apud BOND; MICHELSON, *Writing Harry’s world: children coauthoring Hogwarts*, p. 110.

é um elemento importante no desenvolvimento das competências escritoras, e a escola deveria incluir fatores tais como a adequação do texto a uma determinada audiência como parte do processo de desenvolvimento das habilidades de escrita. Bond e Michelson acreditam que a *fanfiction*, como prática de letramento *on-line*, oferece aos envolvidos a oportunidade de dialogar com seus pares a respeito de suas produções, criando uma atmosfera de participação em uma comunidade literária que normalmente não é encontrada no ensino formal.

Assim, os jovens que leem textos de seu interesse, como a série *Harry Potter*, constroem suas próprias representações na interação com o texto, que são modificadas e enriquecidas pela interatividade com a comunidade virtual. Contudo, nem todos os leitores de *Harry Potter* se transformam em autores de *fanfiction*. Aqueles que o fazem talvez sejam leitores dedicados, ainda que suas leituras não sejam sancionadas pelo sistema educacional. Ao ler e reler o texto que os mobiliza, esses jovens empreenderiam um processo de construção de significado intenso, que incorpora o texto, seu contexto pessoal e suas experiências anteriores na direção de uma interação tão significativa com a obra que surge a necessidade de tomar parte dela, preferencialmente como coautor, pois sê-lo significa ter a liberdade de prolongar a existência daquele universo ficcional e decidir seus rumos.

Segundo Bond e Michelson:

[...] os modos de ver a si mesmo e ao mundo são coconstruídos à medida que as pessoas representam a si mesmas e aos outros em variadas situações fictícias. As experiências vividas condicionam e informam a representação de *self* do sujeito nas ficções com as quais ele se depara.¹³⁹

¹³⁹ “[...] ways of seeing self and the world are co-constructed as people insert themselves and others into various storylines. Lived experience conditions and informs a person’s inscription of self into the fictions s/he has encountered”. BOND; MICHELSON. *Writing Harry’s world: children coauthoring Hogwarts*, p. 119.

Voltando ao exemplo anteriormente citado, o das colunistas do *website* Edwiges Homepage, é interessante observar as referências à série *Harry Potter* presentes nos *pen names* por elas escolhidos e que, assim como outras tantas intertextualidades presentes nesse universo, passam despercebidas por aqueles que não possuem as mesmas referências de textos pertencentes à cultura pop.

As professoras Minerva e Sprout são personagens constantes nos livros de Harry Potter, cujas personalidades e estilos de aula são bem diferentes entre si, o que fica evidenciado no modo como ambas as colunistas se apresentam e explicam o método pelo qual realizam suas análises, demonstrando o quanto estão conscientes dos detalhes que compõem os personagens secundários, é importante ressaltar que lhes servem de modelo.¹⁴⁰ Já o *pen name* Miss Moony faz referência ao apelido, enquanto estudante, de outro personagem da série *Harry Potter*, o também professor, Lupin.

De longe um dos personagens preferidos do *fandom* potteriano brasileiro, seu nome e apelido (Moony, refere-se à Lua, em inglês, e foi traduzido para Aluado, na versão para o português dos livros) devem-se ao fato de o personagem transformar-se em lobisomem nas noites de lua cheia. Como a colunista é do sexo feminino, ela transparece sua preferência por esse personagem na escolha do nome, visível apenas para os que conhecem no mínimo os três primeiros livros da série. Já Lady Grey é uma referência a um personagem quase sem importância para a trama principal da série *Harry Potter*, a fantasma da Casa Ravenclaw (Corvinal, em português), o que

¹⁴⁰ Trecho da apresentação da professora Minerva: “Eu não sou uma pessoa cruel (pelo menos não é a minha intenção), mas também não passo a mão na cabeça de ninguém. Se a *fanfic* é ruim, você saberá, não tenha dúvidas.” Trecho da apresentação da professora Sprout: “Darei minha opinião e as minhas dicas. Todas serão apenas construtivas, e farei as análises para ajudar. Espero ser justa, e qualquer reclamação, sou toda ouvidos.” Disponível em: <www.edwigeshomepage.com>. Acesso em: 3 dez. 2004.

pode ser um indicativo da atenção que essa leitora devotou aos livros.

Psicanaliticamente, a diferença entre o real e o fictício é praticamente inexistente como experiência afetiva, na medida em que as emoções vivenciadas pelo sujeito, em qualquer dos dois contextos, são verdadeiras. Circulam na internet atualmente, entre os fãs do personagem Severus Snape, *e-mails* e *posts* nos fóruns de debates demonstrando preocupação com o julgamento que o personagem sofrerá por ocasião de uma convenção potteriana a ser realizada na Inglaterra.¹⁴¹

O tom do apelo em defesa do personagem não deixa dúvida sobre a intensidade do envolvimento desses fãs com o texto em que foi criado e, embora se saiba que essas pessoas não acreditam que Severus Snape exista realmente, a mobilização que ele exerce sobre a afetividade e a disposição delas em

¹⁴¹ “Olá, pessoas. Em primeiro lugar, gostaria de pedir desculpas pelo flooding. Isto está sendo enviado a diversos grupos de discussão ao mesmo tempo, mas eu considero o assunto sério. Uma das maiores convenções de Harry Potter do mundo, a Accio, será realizada em julho na Inglaterra. A maior parte de nós não vai nem se interessar muito por ela, mas os fãs de Snape devem saber que será realizado um Grande Júri a respeito do Mestre de Poções. Sim, isso mesmo, um tribunal. Snape vai ser julgado. À revelia, é bom frisar Vá a tribunal. As acusações são quatro: 1) ele se uniu a Voldemort, 2) ele se tornou um Death Eater; 3) ele *continua* a ser um DE e 4) ele implica com os alunos, usando de meios mágicos e físicos para causar danos psicológicos e físicos. Tudo está sendo tratado como grande diversão e uma oportunidade para fazer a temperatura subir na convenção. Na minha opinião, tudo é uma grande injustiça. Afinal, ninguém sabe com certeza toda a verdade que cerca Snape. Não se tem informações suficientes. Esse tribunal nasce viciado. Sem mencionar que isso pode colocar fãs contra fãs. Causar discórdia entre os habitantes do universo potteriano. Acredito que Snapefans têm o dever de agir nessa hora em que o Mestre é ameaçado por Muggles. Vocês podem reunir argumentos em favor dele, contra ele, ou podem denunciar esse tribunal espúrio e nefasto. As informações (e infâmias) estão contidas nessa URL: <http://wwwaccio.org.uk/snapestrial.shtml>. Lá há endereços de email apropriados para expor o caso. Seria interessante que os emails fossem escritos em inglês, com argumentos claros e opiniões fundamentadas. Estou disposta a discutir com qualquer interessado no caso, no grupo (se não houver objeção de moderadores) e em PVT. Mais uma vez peço desculpas pelo email longo e pela multiplicidade de posts. Beijo, Ludmila.” SNAPE, Nina. Re: Posso mandar para meus contatos? [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 23 abr. 2005.

debater com outros fãs cujas recepções do texto sejam divergentes das suas, evidencia o quanto se encontram seduzidas pela obra.

Embora a intensidade possa variar em escala, as emoções mobilizadas em torno de um texto ficcional não podem ser descartadas em seu papel de formador de representações de mundo. É por isso que uma experiência leitora enriquecedora pode fazer com que elementos que seriam de domínio do fictício passem a integrar as vidas dos leitores, modificando sua realidade. Esses jovens autores estão usando suas experiências e suas habilidades como leitores para se transformar, construindo uma nova representação identitária para si, a de autor, ou, no mínimo, de leitor altamente participativo.

Buscando uma interlocução com o fã-navegador-autor

“[...] para mim é um hobby, como desenhar ou ouvir música. Eu me divirto horrores escrevendo. Também serve para aperfeiçoar minha maneira de escrever e como um treino para quem sabe, um dia, vir a publicar coisas minhas.”

Mel ao Sol

A observação da instigante comunidade formada pelos fãs-navegadores-autores e leitores de *fanfictions* ensejou uma maior aproximação com eles, bem como a coleta de dados acerca dessa prática. Esses dados foram coletados nas respostas ao instrumento de pesquisa enviadas pelos autores *por e-mail* ao pesquisador. Os dados obtidos são apresentados a seguir, acompanhados de comentário das informações e das teorias expostas no segundo capítulo.

É importante observar que o instrumento de pesquisa foi enviado para apenas quatro autores do sexo masculino, em virtude da pouca presença de autores desse sexo envolvidos com a prática da *fanfiction*. Assim, é natural que, dos 42 questionários respondidos, 40 tenham sido remetidos por autores do sexo feminino e apenas dois, por autores do sexo masculino. Isso confirma uma tendência já observada no *fandom* internacional envolvido com *fanfictions*, como enuncia Susan Clerc no primeiro capítulo deste estudo.

Nos *pen-names* femininos fica evidenciada a presença de referências a personagens da série sobre a qual as autoras escrevem, ao passo que os masculinos se assemelham muito a nomes verdadeiros, podem até ser os nomes da vida real dos autores. As autoras que responderam ao questionário atendem pelos *pen-names* de Akemi, Aline Carneiro, Alyssa Malfoy, Anita McGonagall, Babi Snape, Bella-riddle, Biba Akizuki, Caileach, Carol Maphoter, Caroline Tonks, Centaura, Den Chan, Fabi Mellingott, Hannah Malfoy, Hermione Weasley, Isinha, Julieta Malfoy, Karen, Lain Lang, Ligia Maria Araki, Luciana Trindade, Lucy Holmes, Luna Aluada, Madame Min, Marcelle Blackstar, Mariani Malfoy, Mary Lupin, Mary Massafra, Mel ao Sol, Melissa Hogwarts, Mila Radcliff, Nikari Potter, Patrícia Malfoy, Pichi, Ptyx, Sarah Snape, Scilla, Suki, Wendelin e Yellowred. Já os autores, em resposta à solicitação de seu nome de autor na rede, afirmaram utilizar os seguintes: Heitor Manrubia e Lucas Sasdelli.

É possível, portanto, entrever, na presença maciça do sexo feminino nessa comunidade e pela adoção de *pen-names* que remetem a uma certa dissolução das barreiras entre a experiência fictícia e a real provocada, possivelmente, pela intensidade da vivência experimentada junto ao texto ficcional questões de gênero que subjazem à prática. Referindo-se ao *fandom* norte-americano, Jenkins especula que:

[...] para a leitora do sexo feminino, não seria possível haver fronteiras claramente definidas entre a ficção e a experiência [real], uma vez que suas inferências metatextuais baseiam-se em experiências pessoais como uma forma de expandir as informações recebidas e uma vez que a identificação com o personagem tornou-se um meio para autoanálise.¹⁴²

¹⁴² “For the female reader, there could be no simple, clearly defined boundary between fiction and experience, since their metatextual inferences relied upon personal experience as a means of expanding upon the information provided and since character identification became a means of self-analysis.” JENKINS, *Textual poachers television fans and participatory culture*, p. 109.

Jenkins parece crer que os processos de socialização da criança com o texto, desde a mais tenra idade, são parcialmente determinantes de uma diferente abordagem da experiência ficcional entre os sexos, o que possibilitaria à leitora uma maior apreciação das narrativas românticas e das relações existentes entre os personagens, para a análise das quais ela se valeria de suas experiências pessoais. Já os meninos, por não serem expostos a esse tipo de narrativa, tenderiam a relacionar às suas experiências pessoais, principalmente, os textos cuja trama privilegie a aventura. Tal situação facultaria à leitora maior habilidade em recriações complexas como a da prática da *fanfiction*, questão que, sem dúvida, mereceria um estudo mais detalhado.

A maior parte dos autores que responderam ao questionário é bastante jovem, como confirmado pelos seguintes números: quatorze afirmaram ter idades que variam entre dez e quinze anos, o que corresponde à chamada pré-adolescência e à primeira fase da adolescência, e treze autores possuem entre 16 e 20 anos, que corresponde à fase final da adolescência, o que significa que mais de 60% dos entrevistados são adolescentes. Outros doze autores são jovens adultos, com idades que variam entre 21 e 29 anos, apenas três afirmaram ter mais de trinta anos de idade. A maior parte dos entrevistados está em idade “estudantil”, no sentido do envolvimento com um dos três níveis de ensino que formam o sistema de escolarização no Brasil, o nível fundamental, o médio e o superior. Esses dados parecem sugerir que, a exemplo do que acontece em outras práticas envolvendo o uso das novas tecnologias, são, mais uma vez, os jovens que se encontram predispostos a arriscar-se em atividades de recepção duvidosa pelo sistema escolar e pelo grande público.

A presença da escolarização nas vidas desses jovens fica evidenciada nas respostas fornecidas quando questionados sobre suas profissões ou ocupações, visto que 34 autores se

declararam estudantes. Outros sete afirmaram estar exercendo alguma profissão ou trabalho, tendo sido citados os de tradutor, designer gráfico, bancário, técnico em eletrônica e assistente administrativo. Um autor, que se declarou estudante, também afirmou estar desempregado e outro não respondeu à pergunta.

Quanto ao grau de escolaridade, boa parte desses autores frequenta o ensino médio, mais exatamente dezesseis dos 42 entrevistados.

Também um número significativo de autores, treze, está cursando algum nível do ensino superior. Apenas três afirmaram estar ainda cursando o ensino fundamental. Quatro autores declararam possuir o ensino médio completo; três, terem completado o ensino superior e outros três afirmaram estar cursando ou terem cursado cursos de pós-graduação. Tais dados indicam que a prática da *fanfiction* no Brasil, a exemplo do ocorrido em países de língua inglesa, atrai fundamentalmente adolescentes em idade escolar, mas não exclusivamente.

Aparentemente, o grau de escolaridade e, portanto, um maior tempo de envolvimento com as habilidades de leitura e de escrita, parece interferir na disposição de pôr em prática atividades de lazer que retomem essas habilidades, apreendidas e desenvolvidas primordialmente no ambiente escolar. Poder-se-ia inferir, com base nos dados obtidos, que jovens cujas habilidades de leitura e de escrita ainda se encontrem em fase mais incipiente de desenvolvimento talvez não estejam em condições de perceber o prazer que elas possam lhes proporcionar quando aplicadas em um contexto que lhes seja significativo.

O tempo de envolvimento com as *fanfictions*, declarado pela maioria dos 42 entrevistados coincide com o maior período de desenvolvimento da prática no Brasil, com 28 deles com um a três anos de participação na atividade. Nove autores declararam ter entre três e cinco anos de envolvimento com as *fanfictions*, estando, portanto, entre os veteranos

nessa atividade em língua portuguesa; dois afirmaram estar há mais de cinco anos comprometidos com a prática, significando que, provavelmente, seus primeiros contatos com ela foram realizados em visitas a *websites* em língua inglesa; por fim, três afirmaram ter começado a participar do universo fanfiquero há menos de um ano, confirmando a continuidade de sua expansão em língua portuguesa.

Em relação ao suporte, *on-line* ou impresso, por meio do qual os autores travaram seus primeiros contatos com uma *fanfiction*, fica evidenciada a presença da rede na divulgação da prática no Brasil, já que 38 autores afirmam que esse contato ocorreu *on-line*. Dois autores responderam ter tido contato primeiramente com uma *fanfiction* impressa por uma amiga, o que não significa que não estivesse divulgada em *websites*. Um respondeu ter tido contato com ambos os materiais, impresso e *on-line*, ao mesmo tempo, e um não respondeu à pergunta. Tais respostas reforçam o caráter virtual da realização da prática, o que novamente remete à questão da disponibilidade pessoal desse fã-navegador em fazer uso das novas tecnologias a seu favor, estando disponível a participar, e, ao fazê-lo, promover a constante recriação de atividades que requerem um alto grau de intimidade com a internet e de interatividade com outros navegadores.

Ao serem questionados sobre o número de *fanfictions* produzidas, as respostas dos autores variaram grandemente. Os números compreendem desde apenas uma história até a impressionante quantia de 73 *fanfictions* escritas. A Tabela 1 apresenta, em ordem decrescente de produção, os *pen-names* dos autores, o número de *fanfictions* por eles elaboradas ou traduzidas, informação não solicitada no instrumento, mas que foi fornecida espontaneamente, o tempo de envolvimento com a prática e o grau de escolaridade de cada um.

Tabela 1 – Relação de produção, anos de envolvimento com as *fanfictions* e escolaridade

Autor	<i>Fanfictions</i> escritas ou traduzidas	Anos de envolvimento com as <i>fanfictions</i>	Escolaridade
Madame Min	73 <i>fanfics</i> e*	3 a 5	Médio incompleto
Pichi	41 <i>fanfics</i> e + 2 t** do espanhol	1 a 3	Superior incompleto
Mel ao sol	34 <i>fanfics</i> e	Mais de 5	Médio completo
Yellowred	28 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio completo
Aline Carneiro	24 <i>fanfics</i> e	3 a 5	Superior completo
Den chan	23 <i>fanfics</i> e	3 a 5	Médio completo
Centaura	20 <i>fanfics</i> e	3 a 5	Médio incompleto
Sarah Snape	17 <i>fanfics</i> e + 2 t do inglês	1 a 3	Pós-graduação
Nikkari Potter	17 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Karen	16 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Luciana Trindade	12 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Superior incompleto
Hermione Weasley	12 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Fundamental incompleto
Biba Akizuki	11 <i>fanfics</i> e + 2 t do inglês	1 a 3	Superior incompleto
Lucas Sasdelli	10 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Superior incompleto
Lucy Holmes	10 <i>fanfics</i> e sendo três coletivas	1 a 3	Superior completo
Ptyx	9 <i>fanfics</i> e em português e vertidas para o inglês	1 a 3	Pós-graduação
Marcelle Blackstar	9 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Superior incompleto
Scila	8 <i>fanfics</i> e + 2 t do inglês	3 a 5	Superior incompleto
Caileach	7 <i>fanfics</i> e + 1 t do inglês	3 a 5	Superior incompleto

cont.

Hannah Maloy	7 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Fundamental incompleto
Lain Lang	6 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Superior incompleto
Mary Lupin	6 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Superior incompleto
Julieta Malfoy	6 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Melissa Hogwarts	6 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Ligia Maria Araki	6 <i>fanfics</i> e	mais de 5	Superior incompleto
Suky	5 <i>fanfics</i> e	3 a 5	Superior incompleto
Akemi	5 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Luna Aluada	5 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Carol Maphoter	4 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Isinha	3 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Superior incompleto
Mila Radcliffe	3 <i>fanfics</i> e	1 a 3 anos	Médio incompleto
Babi Snape	3 <i>fanfics</i> e	menos de 1	Superior incompleto
Fabi Mellin	3 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Pós-graduação
Heitor Manrubia	3 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio completo
Mariani Malfoy	2 <i>fanfics</i> e	3 a 5	Médio incompleto
Patrícia Malfoy	2 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Alyssa Malfoy	2 <i>fanfics</i> e	1 a 3	Médio incompleto
Mary Massafera	1 <i>fanfic</i> e dividida em cinco fases longas	3 a 5	Superior incompleto
Caroline Tonks	1 <i>fanfic</i> e	menos de 1	Fundamental incompleto
Anita McGonagall	1 <i>fanfics</i> e	menos de 1	Médio incompleto
Wendellin	não especificou	1 a 3	Médio incompleto
Bella-riddle	não especificou	1 a 3	Médio incompleto

Fonte: elaborada pelo autor com base na pesquisa.

* e = escrita.

** t = traduzido.

De 42 autores, 25, aproximadamente 60% escreveram mais de seis *fanfictions*, o que corresponderia a uma produção de, no mínimo, cerca de trinta páginas. Uma leitura atenta das respostas fornecidas permite deduzir que a produção da maioria dos autores supera esse número, o que é um indicativo da profundidade do seu envolvimento com o texto original e com a prática em si. Desses 25, treze autores (mais de 50%) cursam ou concluíram o ensino superior, seis estão cursando o ensino médio e quatro já o concluíram, indicando que esses autores têm um nível de escolarização acima da média nacional.

É possível que, apesar das críticas feitas ao sistema educacional, o alto nível de escolaridade seja um dos fatores responsáveis pela disponibilidade dos autores de se envolverem com a palavra escrita, em suporte virtual, em seus momentos de lazer, de forma a oportunizar uma produção tão fértil. Corroborar com essa possibilidade o fato de, dentre os autores mais produtivos, apenas dois ainda estarem cursando o ensino fundamental. Dezoito dos 25 autores de maior produtividade declararam ainda estar frequentando algum nível do sistema de ensino tradicional (fundamental, médio e superior) e todos estão envolvidos com a prática da *fanfiction* no mínimo de um a três anos, período em que se verifica o surgimento de um maior número de *websites* nacionais dedicados ao gênero, resultantes do crescimento do número de pessoas envolvidas com o fenômeno.

Chama atenção a permanente expansão, no Brasil, de uma prática que pressupõe o engajamento com a leitura e a escrita, não apenas por ser elaborada por gerações que cresceram afeitas a um mundo dito essencialmente imagético e dinâmico, mas por, pelo menos de acordo com o senso comum, não demonstrarem maior interesse por essas atividades quando realizadas em ambiente escolar.

Quando perguntados sobre o número de horas semanais dedicados a essa prática de letramento, 21 autores afirmaram

empregar de três a seis horas de seu tempo disponível por semana a atividades relacionadas às *fanfictions*. Observe-se que três horas é o tempo médio dedicado a oficinas extraescolares como as destinadas ao aprendizado de uma língua estrangeira, o que configura uma disponibilidade já acentuada de parte do fã para com essa atividade. Cabe ressaltar que a leitura e escrita de *fanfictions* normalmente não são as únicas atividades *on-line* empreendidas pelos membros de um *fandom*, que costumam, por exemplo, passar outras muitas horas navegando em fóruns de debates e em *websites* dedicados aos atores da série em questão, entre outros.

Oito autores declararam dedicar de seis a nove horas por semana à prática e seis afirmaram, mais de dez horas, o que, mais uma vez, fornece pistas sobre a dimensão do envolvimento desses jovens com uma prática de lazer que utiliza as habilidades de leitura e escrita de uma forma extensiva tradicionalmente associada a tarefas escolares. Surpreende constatar que esses adolescentes parecem estar habituados a passar horas navegando na internet, porém não de forma errática, como é comum ser qualificada a sua relação com a rede. Outros seis autores referiram empregar não mais de uma a três horas por semana às *fanfictions* e um autor não respondeu à pergunta. É importante salientar aqui que, possivelmente, o tempo dedicado por esses fãs-navegadores à leitura de livros ficcionais seja inferior àquele dedicado à leitura de *fanfictions*, o que seria compreensível ao se considerar o compartilhamento de referências e interesses existente entre esses autores e seus leitores, além da possibilidade de interação entre eles, oferecida pelo ambiente virtual.

No que concerne ao conhecimento, pelos professores, familiares e amigos, sobre o envolvimento dos autores com a prática da *fanfiction*, a maior parte das respostas foi positiva em relação a pelo menos uma das três alternativas. No entanto, em sua maioria, os entrevistados citaram apenas fa-

miliares, principalmente irmãos e amigos, como pessoas que têm noção do que são as *fanfictions* e da dedicação do autor a elas. O compartilhamento, com irmãos e amigos, das demais práticas de lazer desses jovens – principalmente as que envolvem atividades *on-line*, até mesmo em virtude da faixa etária, pode ser um dos fatores que os levem a compartilhar também essa atividade. Assim, houve vintemenções a familiares, 24 a amigos e apenas quatro professores. Esse último dado, forçosamente, suscita o questionamento sobre uma possível distância dos professores em relação aos seus alunos, o que gera, provavelmente, o desconhecimento acerca dos interesses pessoais e sobre os usos que esses jovens fazem das habilidades apreendidas na escola. Uma autora respondeu que sua professora de redação sabe que ela escreve, mas ela nem cogita a hipótese de lhe explicar o que é uma *fanfiction*.

Por outro lado, denotando que a *fanfiction* possivelmente não seja uma prática solitária na vida *off-line* do autor brasileiro, somente quatro autores afirmaram que nenhum familiar, amigo ou professor tem conhecimento dessa atividade, ao passo que sete não especificaram exatamente quem tem ciência dela. Sabe-se que ainda são numerosas as instituições educacionais que continuam experimentando uma somatória de fracassos em seus esforços de sedução do aluno para a leitura e a escrita. É, sem dúvida, preocupante que o fenômeno da *fanfiction*, enquanto modo de apropriação de uma leitura, motivando sua modificação e recriação, esteja ocorrendo à revelia da ampla maioria das instituições de ensino, que perdem, assim, uma oportunidade valiosa de conhecer e interagir com interesses dos educandos para além da sala de aula.

No que se refere à reação desses professores, amigos ou familiares à dedicação às *fanfictions*, 31 autores afirmaram que familiares e, principalmente, amigos os incentivam a continuar escrevendo. Dentre esses 31, seis mencionaram que seus familiares e amigos os incentivam a escrever suas

próprias histórias, com personagens e trama originais, o que, sem dúvida, contribui para a construção, por esses autores, de uma representação de si próprios como competentes em suas atividades letradas (*empowerment*). Diz um autor: “Meus pais sabem. Eles acham que é uma grande coisa, me apoiam e tudo o mais. Costumam ler minhas histórias e até dão sugestões.”¹⁴³

É possível que, ao acompanhar essas atividades extra classe de seus filhos e atribuir-lhes um valor positivo, esses pais estejam contribuindo para a formação de uma autoimagem, desses jovens, de competência em termos de letramento, da mesma forma que o professor que permite seu acolhimento em sala de aula. Por outro lado, é comum que pais e professores que ignoram a natureza das atividades de lazer dos jovens que estejam sob seus cuidados, principalmente, quando envolvem tecnologias e linguagens por eles ignoradas, sejam rápidos em denegri-las, assumindo uma postura de queixa e cobrando mais dedicação de seu tempo ao aprendizado de coisas sérias.

Oito autores fizeram comentários que permitem perceber que seus familiares e amigos reagem com indiferença ao seu envolvimento com as *fanfictions*, até por não compreenderem bem do que se trata. Suas declarações remetem a uma situação de distanciamento entre os envolvidos com a prática e aqueles que se encontram de fora dela, como fica patente na declaração de um autor: “Meus pais não sabem, tenho vergonha de mostrar o que estou fazendo”;¹⁴⁴ ou ainda “meus outros amigos sabem, mas não ligam, porque eles detestam Harry Potter e acham que é uma perda de tempo”¹⁴⁵ e “meus amigos não gostam de ler”.¹⁴⁶

¹⁴³ HOGWARTS, Melissa. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 4 out. 2004.

¹⁴⁴ HOLMES, Lucy. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 3 out. 2004.

¹⁴⁵ HOGWARTS, Melissa. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 4 out. 2004.

¹⁴⁶ MALFOY, Mariani. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

Essa distância e possível sensação de isolamento podem vir a ser compensadas com a participação em comunidades virtuais, cujos membros compartilham da mesma afeição por uma determinada série e acolhem uns aos outros nas suas expectativas como fãs e coautores, situação que muitas vezes contrasta com experiências escolares de leitura excessivamente regradas e fragmentadas. Ao mesmo tempo, denotando a presença da crença na autoridade da escola e uma possível ignorância das possibilidades educativas encontradas no universo *on-line*, dois autores mencionaram receberem reclamações de familiares, especificamente, devido ao tempo dedicado às *fanfictions*, por entenderem que a prática atrapalha os estudos. Apenas um autor mencionou ser incentivado por uma professora, que chegara até mesmo a revisar algumas de suas *fanfictions*.

Em relação às motivações que levaram esses autores a envolver-se com a escrita de *fanfictions* sobre Harry Potter, a mais citada (22 vezes) foi a leitura prévia de *fanfictions* escritas por outros autores, baseadas na série, que chegam, inclusive, a ser utilizadas de forma intertextual, como exemplifica o seguinte comentário de um autor: “Eu li uma fic, que me deu ideias, pedi permissão ao autor para pegar um trecho dela como citação e escrever uma a partir daquele trecho.”¹⁴⁷ Além disso, a descoberta de outras pessoas que, sem serem profissionais, também escrevem é um estímulo à entrada de neófitos no mesmo processo de letramento, como demonstra a seguinte afirmação: “O fato de ter lido as fics me fizeram [sic] ver que eu poderia sim bolar uma boa história e desenvolvê-la.”¹⁴⁸

No entanto, como muitos autores citaram mais de uma razão para o seu envolvimento nessa atividade, em segundo lugar, com dezesseis menções, está a oportunidade fornecida pelas *fanfictions* para a exposição de suas próprias ideias,

¹⁴⁷ MALFOY, Hannah. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 5 out. 2004.

¹⁴⁸ MANRUBIA, Heitor. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 4 out. 2004.

como a defesa de um *shipper* ou o desenvolvimento de um personagem, aludindo ao aspecto mais motivador para os participantes de comunidades virtuais, de acordo com o relatório *We media*: a possibilidade de criar. Sobre essa oportunidade de expressar sua criatividade e de interferir na história, assumindo uma postura ativa, as declarações dos autores são claras: “[...] essa foi a motivação, acrescentar ao universo de Harry Potter temas que eu achava que estavam sendo deixados de lado pela Rowling, mas que valeria a pena serem explorados.”¹⁴⁹ Ainda: “Me motivou o fato de querer ter nas minhas mãos o poder sobre os destinos dos personagens da J. K. Rowling, pois achava o fato de ser o dono da verdade de uma estória muito excitante.”¹⁵⁰

O gosto pela escrita e a possibilidade de aperfeiçoá-la foram citados seis vezes, ao passo que o gosto pela leitura em geral, ou pela leitura de *Harry Potter* especificamente, foi citado cinco vezes. Algumas respostas parecem confirmar a hipótese levantada por Bond e Michelson, sobre a utilização da bagagem de leituras como modelo para a internalização de estruturas de narratividade: “Certamente passei a desenvolver melhor a parte escrita de um texto, a usar corretamente as pontuações, essas coisas básicas, além do desenvolvimento mental, no que tange à estruturação de idéias”,¹⁵¹ ou “[...] posso dizer que me fez perceber os erros que cometia em relação à caracterização, à criação de personagens e a descrições.”¹⁵² Foram mencionadas ainda, como motivação para escrever *fanfictions*, a oportunidade de receber comentários de outros leitores (três menções) e a conveniência de manter contato com o universo potteriano (duas menções).

¹⁴⁹ BLACKSTAR, Marcelle. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por malu@annex.com.br em 13 out. 2004.

¹⁵⁰ MANRUBIA, Heitor. Op. cit.

¹⁵¹ SNAPE, Sarah. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 9 out. 2004.

¹⁵² SCILA. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 13 out. 2004.

Questionados sobre se escreviam ou liam *fanfictions* baseadas em outras obras ficcionais, livros não necessariamente do mundo de Harry Potter, dezanove autores afirmaram lê-las e apenas seis, escrevê-las. Dentre as obras citadas para a leitura e ou escrita de *fanfictions* estão histórias veiculadas em uma variedade de suportes e linguagens, como: animes em geral (TV), *Ártemis Fowl* (livro), *Sandy e Júnior* (TV), *Buffy* (TV), *O senhor dos anéis* (livros e filmes), *Guerra nas estrelas* (filmes), *Ally McBeal* (TV), *Fronteiras do universo* (livros), *Hanson* (banda), *Arquivo X* (TV), *Smallville* (TV), *Alias* (TV),

O diário da princesa (livro e filme), *Matrix* (filmes), *Friends* (TV), *X-Men* (o filme, especificamente), *Sherlock Holmes* (livros), *La Femme Nikita* (TV), RPGs (jogos), mangás (quadrinhos japoneses), *O conde de Monte Cristo* (livro e filme). Todos os textos citados fazem parte do universo da chamada cultura de massa, ou pop, apontando para a confirmação, no universo *fanfiquero* nacional, de uma tendência mundial, a da criação de *fanfictions*, majoritariamente, como resultante do consumo de textos inseridos naquele universo.

Quanto aos benefícios percebidos pelos entrevistados do seu envolvimento com essa prática de letramento, muitos foram os listados, a maioria relativa ao progresso da habilidade de escrever. Como exemplo, cita-se a resposta da autora Alyssha Malfoy, que diz: “O nível das minhas redações subiu e também expandi meu vocabulário; creio que quando escrevemos utilizamos diversas ferramentas linguísticas que são deixadas de lado na fala corriqueira”.¹⁵³

Chama a atenção a referência, por cinco autores, da melhoria de seu desempenho escolar em virtude das habilidades escritas desenvolvidas por meio da prática da *fanfiction*, bem como a expressão do desejo, por oito autores, de vir a escrever histórias originais ou, mesmo, de seguir profissões que utili-

¹⁵³ MALFOY, Alyssha. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

zem a escrita como instrumento de trabalho, como explicitado no seguinte comentário: “Ao escrever fics desenvolvi mais a minha escrita, imaginação e criatividade, coisa que no tempo de escola tinha preguiça de fazer. Com as *fanfics* ganhei o gosto pela escrita e acho que encontrei minha vocação: talvez me torne escritora”.¹⁵⁴ Foram citadas por esses autores como possibilidades vocacionais, especificamente, as faculdades de letras e de jornalismo e a profissão de escritor.

A Tabela 2 apresenta as motivações inferidas nas respostas dissertativas dos autores. Destaca-se que muitos deles mencionaram mais de um benefício decorrente do envolvimento com as *fanfictions*.

Tabela 2 – Benefícios da prática

Benefícios/ motivações	Número de autores
Desenvolvimento das habilidades relativas à escrita/ desenvolvimento do vocabulário	33
Desenvolvimento da capacidade criativa/da imaginação	16
Oportunidade de fazer amigos	13
Diversão/Passatempo	11
Desenvolvimento das habilidades leitoras	10
Troca de experiências com outros autores/leitores	5
Aprofundamento dos conhecimentos em uma língua estrangeira	2
Aprofundamento do conhecimento musical	1
Desenvolvimento de conhecimentos em marketing e publicidade	1

Fonte: elaborada pelo autor com base na pesquisa.

Pode-se perceber, com base nos dados apresentados na tabela, como os autores e leitores de *fanfictions* são conscientes da oportunidade que essa prática lhes oferece em termos de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e o quanto eles acreditam que lhes é benéfica. Fica evidenciado

¹⁵⁴ LUPIN, Mary. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

também o aspecto lúdico proporcionado pela atividade, bem como a importância da interação com outros fãs-navegadores, autores e leitores.

No que se refere aos aspectos negativos ou desagradáveis da prática, houve uma inversão das citações, pois muitos autores não mencionaram um aspecto sequer que lhes desagradasse. Atente-se, nesse sentido, para a Tabela 3.

Tabela 3 – Aspectos negativos da prática

Aspectos negativos	Número de autores
Brigas/inveja	4
Críticas agressivas	4
Falta de zelo com a correção da linguagem	4
Histórias mal construídas	4
Consumo de tempo que deveria estar sendo dedicado aos estudos	2
Pressão excessiva dos leitores por atualizações	2
Fato de ser um material composto por personagens e trama não originais	1
“Dependência” ou dificuldade de afastar-se da prática	1
“Bloqueio” ou dificuldade em elaborar ou dar continuidade à escrita de uma história	1
Preconceito contra autores de <i>fanfiction</i> , que passam a ser considerados nerds	1

Fonte: elaborada pelo autor com base na pesquisa.

Observe-se que a maior parte das queixas listadas na tabela não se refere, particularmente, à prática da leitura e da escrita de *fanfictions*, mas, sim, à convivência nas comunidades virtuais que se aglutinam em torno da prática, nas quais, a exemplo dos agrupamentos humanos na vida *off-line*, ocorrem desentendimentos sobre questões importantes para a comunidade. Os temas *shippers*, cânone e *reviews* mais agressivos são os mais comuns nesse caso. Também é interessante notar o quanto uma história bem escrita e bem construída é importante para os autores, tanto que o desleixo dos escritores de *fanfictions* é um dos aspectos levantados como negati-

vos em relação à prática, resposta que corrobora o aspecto de seriedade com que esses jovens conduzem as atividades.

Ao serem perguntados se consideravam a si mesmos como leitores de textos ficcionais, 39 autores responderam afirmativamente à pergunta e apenas dois, negativamente. Um autor afirmou estar começando a ler textos ficcionais estimulado por sua experiência bem-sucedida com Harry Potter. Os autores atenderam, em sua maioria, à solicitação da sugestão de seis livros de ficção por eles lidos e que consideram dignos de recomendação. Em muitas ocasiões, houve sugestões coincidentes, fosse de uma obra ou de um autor. A Tabela 4 apresenta essas sugestões ordenadas em ordem decrescente pelo número de recomendações recebidas por uma obra e/ou seu autor.

Tabela 4 – Recomendações de obras ficcionais pelos autores de *fanfiction*

Título	Autor/a	Número de recomendações
Harry Potter	J. K. Rowling	19
O Senhor os Anéis	J. R. R. Tolkien	14
O Hobbit	J. R. R. Tolkien	3
Ártemis Fowl	Eoin Colfer	11
As Brumas de Avalon	Marion Zimmer Bradley	9
O Incêndio de Tróia	Marion Zimmer Bradley	2
O Diário da Princesa	Meg Cabot	8
O Garoto da Casa ao Lado	Meg Cabot	1
A terra das sombras	Meg Cabot	1
O Caso dos Dez Negrinhos	Agatha Christie	6
Assassinato no Expresso do Oriente	Agatha Christie	1
A Casa Torta	Agatha Christie	1
O Cavalo Amarelo	Agatha Christie	1
Carrie, a Estranha	Stephen King	1
O Cemitério	Stephen King	1
A Coisa	Stephen King	1
Os Olhos do dragão	Stephen King	1

cont.

A Casa Negra	Stephen King	1
O Iluminado	Stephen King	1
Insônia	Stephen King	1
À Espera de um Milagre	Stephen King	1
Se Houver Amanhã	Sidney Sheldon	5
A Ira dos Anjos	Sidney Sheldon	1
O Outro Lado da Meia-Noite	Sidney Sheldon	1
O Código da Vinci	Dan Brown	5
O Alquimista	Paulo Coelho	2
Verônica Decide Morrer	Paulo Coelho	1
Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei	Paulo Coelho	1
O Demônio e a Srta. Prym	Paulo Coelho	1
O Diário de Bridget Jones	Helen Fielding	4
O Conde de Monte Cristo	Alexandre Dumas	2
Os Três Mosqueteiros	Alexandre Dumas	1
A Dama das Camélias	Alexandre Dumas	1
Lua de Sangue	Nora Roberts	1
Três Destinos	Nora Roberts	1
O Legado de Donovan	Nora Roberts	1
A Trilogia da Magia	Nora Roberts	1
A Hora das Bruxas	Anne Rice	2
O Vampiro Lestat	Anne Rice	1
Entrevista com o Vampiro	Anne Rice	1
A Marca de Uma Lágrima	Pedro Bandeira	1
Os Karas	Pedro Bandeira	1
A Droga da Obediência	Pedro Bandeira	1
Descanse em Paz, Meu Amor	Pedro Bandeira	1
O Tempo e o Vento	Érico Veríssimo	3
A Sétima Torre	Garth Nix	3
Crime e Castigo	Dostoievsky	3
As Crônicas de Arthur	Bernard Cornwell	2
The Graal	Bernard Cornwell	1
Dom Casmurro	Machado de Assis	2
Memórias Póstumas de Brás Cubas	Machado de Assis	1

cont.

Melancia	Marian Keyes	1
Férias	Marian Keyes	1
Muito Barulho por Nada	Shakespeare	1
Sonho de Uma Noite de Verão	Shakespeare	1
O Último Chefão	Mário Puzo	1
Os Tolos Morrem Antes	Mário Puzo	1
Os Velhos Marinheiros	Jorge Amado	1
Capitães de Areia	Jorge Amado	1
Um Estudo em Vermelho	Sir Arthur Conan Doyle	1
O Cão dos Baskerville	Sir Arthur Conan Doyle	1
A Casa dos Espíritos	Isabel Allende	2
Orgulho e Preconceito	Jane Austen	2
Os Delírios de Consumo de Becky Bloom	Sophie Kinsella	2
A História Sem Fim	Michael Ende	2
Admirável Mundo Novo	Aldous Huxley	2
Primeiras Estórias	João Guimarães Rosa	2
Fronteiras do Universo	Philip Pullman	2
A Leste do Éden	John Steinbeck	1
O Grande Gatsby	F. Scott Fitzgerald	1
Brincando com Fogo	Dotti Enderle	1
Budapeste	Chico Buarque	1
Ficções	Jorge Luis Borges	1
A Hora da Estrela	Clarice Lispector	1
Três Contos	Flaubert	1
Ulisses	James Joyce	1
O Estrangeiro	Albert Camus	1
A Fera na Selva	Henry James	1
62 Modelos para Amar	Julio Cortázar	1
As Virtudes da Casa	Luis Antonio de Assis Brasil	1
O Dia em que Getúlio Matou Allende	Flavio Tavares	1
As Parceiras	Lya Luft	1
O Físico	Noah Gordon	1

cont.

Desventuras em Série	Lemony Snicket	1
O Vermelho e o Negro	Stendhal	1
Germinal	Émile Zola	1
O Médico e o Monstro	Robert Louis Stevenson	1
Robinson Crusóe	Daniel Defoe	1
A Profecia das Pedras	Flávia Bujor	1
O Terceiro Travesseiro	Nelson Luis de Carvalho	1
Klone e Eu	Danielle Steel	1
A Janela e o Morro	Geraldo França de Lima	1
Parque dos Dinossauros	Michael Crichton	1
Férias em Xangri-lá	Teresa Noronha	1
A Imaginação Hiperativa de Olivia Joules	Helen Fielding	1
O Perfume	Patrick Suskind	1
The Story of Tuan Mac Cairill	James Stephens	1
The Carpet and the Phoenix	E. Nesbit	1
A Volta ao Mundo em 80 Dias	Julio Verne	1
A Viagem de Théo	Catherine Clément	1
A Bolsa Amarela	Lygia Bojunga Nunes	1
O Nome da Rosa	Umberto Eco	1
Caçadores de Cavalos	Zane Grey	1
O Morro dos Ventos Uivantes	Emily Brontë	1
Os Sete	André Vianco	1
O Príncipe Fantasma	Ganimédes José	1
Os Doze Trabalhos de Hércules	Monteiro Lobato	1
E o Vento Levou	Margareth Mitchell	1
O Apanhador no Campo de Centeio	J.D. Salinger	1
O Mundo de Sofia	Jostein Gaarder	1
Marília, Mar e Ilha	Rosana Rios	1
Noite na Taverna	Álvares de Azevedo	1
A Profecia	David Sheltzer	1
Eu, Claudius, Imperador	Robert Graves	1
Musashi	Eiji Yoshikawa	1
O Pequeno Príncipe	Antoine de Saint Exupéry	1

cont.

O Menino do Dedo Verde	Maurice Druon	1
Longe é um Lugar que Não Existe	Richard Bach	1
Ensaio Sobre a Cegueira	José Saramago	1
O Diário de Anne Frank	Anne Frank	1
Valsa Negra	Patrícia Melo	1
A Escrava Isaura	Bernardo Guimarães	1
O Crime do Padre Amaro	Eça de Queiroz	1
Meu Primeiro Beijo	Walcyr Carrasco	1
Todos os de Monteiro Lobato		3
Todos os da Agatha Christie		2
Todos os de Sir Arthur Conan Doyle (Sherlock Holmes)		2
Todos os de Machado de Assis		1
Todos os de William Shakespeare		1
Todas as crônicas de Luis Fernando Veríssimo		1
Toda a série infanto-juvenil Vaga-Lume		1

Fonte: elaborada pela autora com base na pesquisa.

Um autor recomendou apenas *fanfictions* e outro, uma obra considerada não ficção, *Chico Mendes Crime e castigo*, de Zuenir Ventura. Convém observar que em nenhuma ocasião um entrevistado recomendou mais de três obras pertencentes a um mesmo escritor, resultando, portanto, que os autores que tiveram várias obras citadas como Stephen King – foram lidos por vários dos entrevistados, revelando a presença de um certo *background* de leitura comum aos envolvidos com as *fanfictions*.

Pela observação das respostas, pode-se inferir que as recomendações coincidentes feitas por esses autores de *fanfiction* demonstram a popularidade de certas obras e autores comercialmente bem-sucedidos, cujos textos estão presentes no conjunto de atributos que compõem o imaginário de muitos jovens leitores. Esses textos, em sua maioria, a julgar pelas

respostas constantes da Tabela 4, não são aqueles legitimados pelos meios escolares, estando muito mais próximos dos comercializados pela indústria do entretenimento sob diferentes formas, como filmes e jogos.

Cabe perguntar, com base no já observado em fóruns de debates sobre *fanfictions*, sobre o alcance da influência que possa exercer a recomendação de obras ficcionais de um fã-navegador para outro, estando incluídas aí tanto as de caráter mais comercial, como aquelas consideradas clássicas. Estaria a interação virtual entre os envolvidos com a prática da *fanfiction* estimulando a leitura de textos publicados em códex?

Dentre os autores mais recomendados, cumpre observar que várias de suas obras foram recentemente revisitadas e adaptadas para filmes, inclusive algumas não tão comercialmente difundidas, como *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, e *Crime e castigo*, de Dostoiésky, o que pode explicar parcialmente as repetidas menções a elas. No entanto, paralelamente à presença majoritária dos textos mais comerciais ou mais conhecidos, a observação de algumas recomendações pode surpreender, como *Germinal*, de Émile Zola, ou *O estrangeiro*, de Albert Camus, fato que contribui para a compreensão da diversidade de leitores que pode ser encontrada entre os autores de *fanfiction*.

Ampliando a navegação

“Usar personagens que já despertaram o interesse do leitor faz com que escrever se torne um ato muito mais leve e divertido para aqueles que antes não possuíam interesse no assunto.”

Scila

As gerações mais recentes, que cresceram usando as novas tecnologias, como a internet, tornam-se naturalmente promotoras de uma série de atividades que são desconhecidas para aqueles cujos paradigmas de criação durante sua fase de crescimento foram outros, mais restritos, talvez. Isso não representa um problema em si. Tem sido assim há muitas gerações: o novo criando novidade. No entanto, constituir-se-ia problema uma possível recusa à observação atenta do que o casamento entre tecnologias de ponta e novas gerações possa produzir. Poderiam ser prejudiciais, também, o julgamento apressado, a denúncia precipitada das atividades empreendidas pela geração que aí está e que parece pouco afeita a princípios como o de autoria significando originalidade, que foram considerados fundamentais para outras gerações, como sendo superficiais.

É importante observar que as criações das novas gerações não são realizadas a partir do vazio, mas estão sempre contextualizadas em uma dada realidade, compartilhada por todos os que vivem em uma determinada época. A diferença de interpretações e de interações com essa realidade, contudo, se dá em virtude das diferentes leituras que os indivíduos fa-

zem dela e, nesse ponto, apesar das características individuais, os sujeitos pertencentes a uma mesma geração costumam ter posicionamentos em comum.

Tal situação pode auxiliar na explicação, mesmo que parcial, de um certo desconhecimento que perpassa os meios escolares no que tange a práticas consideradas de lazer desenvolvidas pelos estudantes, ainda que tais distrações, muitas vezes, possuam alto potencial pedagógico. A prática da *fanfiction*, provavelmente, não encerra em si nenhuma grande revolução paradigmática, mas convida a uma observação atenta não apenas de seus mecanismos, mas do que pode estar a representar ainda que de forma inconsciente em termos de aprendizagem e de leitura de mundo para os que nela se encontram imersos. A complexidade do fenômeno indica a profundidade do envolvimento dos fãs-navegadores com ele, que o criam e recriam de acordo com a progressiva sofisticação de suas práticas e das necessidades daí advindas.

Cumprido observar que, no que concerne à sanção dos meios escolares em relação aos textos direcionados ao consumo estudantil, dificilmente um original dentre os que são mais comumente usados como base para a prática da *fanfiction* receberia tal aprovação. Assim é que, embora o gosto dos jovens de classe média possa não ser aprovado pela escola, ele o é, indiretamente, pela sociedade de consumo, que não cessa de lhes apresentar novos produtos. Conquanto o consumo de produtos comercializados pela indústria do entretenimento seja uma constante nas vidas da maior parte dos sujeitos na contemporaneidade das mais diversas gerações é forçoso reconhecer, diante de exemplos da chamada “cultura de participação”, que os adolescentes não são, necessariamente, os consumidores mais passivos dessa cadeia.

A escrita e a leitura de *fanfictions* constituem verdadeiras práticas de letramento no sentido ativo que o termo evoca pelo fato de seus participantes fazerem uso daquelas habili-

dades aprendidas nos meios escolares para a promoção de tarefas significativas num determinado meio virtual, ambiente em que, unidos por um vínculo muito significativo, chegam a constituir verdadeiras comunidades literárias. Dos entrevistados para este estudo, 60% são adolescentes que, ao interagir com textos de sua preferência e expandir essa interação do mundo real para o virtual, contam com elementos da cultura de massa como base comum para seu imaginário e criações, desrespeitam uma certa noção de autoria preestabelecida – ainda que não a título de desafio das normas vigentes – e criam comunidades estimulantes, não apenas para o consumo desses produtos, mas para sua análise e recriação. Não estariam esses adolescentes, por meio dessas atividades, questionando um paradigma de suposta passividade do consumidor frente ao produto?

O uso de um original já existente e comercializado como tal, na verdade não implica uma postura consciente de desafio da autoria reconhecida, mas a busca, por esses leitores, de uma oportunidade de concretizar sua recepção, explorando pontos que eles gostariam de ter visto desenvolvidos no original e usando um universo narrativo já constituído para desafiar e aprimorar suas habilidades como leitores e escritores.

Na verdade, faz-se mister reconhecer que, quando as instituições educacionais optam por ignorar os textos que fazem parte do dia a dia do jovem fora da escola, além de reforçar uma mensagem contraditória da sociedade sobre o que é considerado consumo de bom ou mau gosto, perdem a oportunidade de contribuir para o desvelamento dos mecanismos de produção e consumo que regem a geração de produtos disponibilizados na sociedade contemporânea. Como uma das principais instituições responsáveis pela preparação do indivíduo para a vida, é na escola que a habilidade para o diálogo e a proposição e resolução criativa de questões mobilizadoras

da intelectualidade e da afetividade dos jovens deveriam encontrar espaço privilegiado para o seu desenvolvimento.

É preciso compreender que, embora inquestionavelmente importante no processo de formação do sujeito, a escola pode sofrer, e tem sofrido, erosão de seu papel formador na sociedade em decorrência do distanciamento que assume das outras instâncias formativas, entre as quais se encontram os meios de comunicação de massa e, especialmente nas classes mais privilegiadas, as novas tecnologias. Essas exercem, no dia a dia das pessoas, uma função manifesta e tão presente que por vezes chega a ser quase que imperceptível, em razão do processo de reificação pelo qual passa a cotidianidade.

Apesar disso, dentre os autores de *fanfictions* podem ser observados alunos com um bom grau de instrução, que utilizam as habilidades fundantes da escolarização e da constituição da sociedade contemporânea, a leitura e a escrita prolongadas, para a realização de projetos voltados para seus próprios interesses de entretenimento, construindo pontes, ao invés de rupturas, entre a escola e seu mundo extraclasse. Essas pontes, como no caso da professora que incentivava e até revisava (desempenhando o papel de *beta reader*) as *fanfictions* de uma das autoras entrevistadas, ficam ainda mais reforçadas quando a escola demonstra interesse pelos afazeres dos alunos, mesmo que sejam criações realizadas tendo produtos da cultura de massa como base. Esse tipo de interação, essa aproximação entre a escola – ou mesmo a universidade e a realidade da comunidade em que está inserida auxilia na devolução da confiabilidade e da autoridade às instituições educativas.

O universo *fanfiqueiro* fornece interessantes exemplos de estudantes que se envolvem afetiva e intelectualmente com um determinado texto, que tomam posicionamentos críticos diante dele, que desenvolvem categorias de análise para expressar esses julgamentos e os refinam e compartilham

em debate comunitário. Todas essas experiências altamente educativas são almeçadas pelas escolas com um bom padrão pedagógico. O tipo de recepção que esses fãs desenvolvem em relação ao texto de sua preferência nada tem de passivo, e a própria procura pela interação com outros fãs confirma isso. No presente estudo fica claro que, em sua busca pela construção de sentidos ou de representações sobre uma obra, esses leitores recorrem a outros leitores cujo interesse no texto seja tão intenso quanto o seu, com os quais possam compartilhar e debater, de forma que o consumo do original que dá origem à sua prática não determina o fim do processo criativo, mas alimenta-o, fornecendo-lhe possibilidades de expansão.

O estudo do fenômeno da *fanfiction* e de sua transposição para a língua portuguesa aponta caminhos a serem pensados por aqueles que estão envolvidos com a educação de jovens, e o primeiro deles é que há possibilidades interessantes de aprendizagem sobre os padrões de realização intelectual deles, a partir da observação de suas práticas espontâneas. Em uma geração cujo gregarismo e necessidade de interação talvez sejam os mais acentuados vivenciados até o momento, a leitura do texto ficcional precisa ser expandida para além da solidão da avaliação formal, se houver intenção verdadeira de se formar leitores bem-sucedidos, o que inclui o envolvimento afetivo na experiência leitora. O dinamismo e a complexidade das relações desenvolvidas nas comunidades virtuais agregadas em torno das *fanfictions* dão uma dimensão da necessidade de socialização do saber e do afeto vivenciada por esses jovens. O envolvimento deles com o texto ficcional pode ser de uma profundidade tal que quase dissipa as barreiras entre a ficção e a realidade, como ocorria nas fantasias da infância, quando os elementos mágicos cumpriam a função de ajudar na elaboração dos elementos do mundo, do *self* e do lugar do sujeito no mundo.

Uma das mais ricas experiências proporcionadas pela leitura do texto ficcional talvez seja a de emprestar ao indivíduo diferentes olhares, por meio dos quais ele pode perceber a vida a partir de uma variedade de novos ângulos e ir modificando sua representação ao mesmo tempo que modifica seu relacionamento com ela. A observação da complexidade e do constante crescimento da prática da *fanfiction* parece apontar para, como a criança diante dos contos de fada, um leitor mobilizado pelo texto a ponto de assumir sua coautoria, que o utiliza como fonte de experimentações para a resolução dos conflitos que esteja vivenciando no momento presente de sua vida, como fonte de possibilidades sobre o mundo e sobre ele mesmo, de forma a ter condições de, pela permanente reconstrução de suas representações, crescer na sua busca por uma vida significativa e, portanto, feliz.

Referências

APPELBAUM, Peter. Harry Potter's world: magic, technoculture, and becoming human. In: HEILMAN, Elizabeth E. *Harry Potter's world* multidisciplinary critical perspectives. New York: Routledge Falmer, 2003.

BOND, Ernie; MICHELSON, Nancy. Writing Harry's World: children coauthoring Hogwarts. In: HEILMAN, Elizabeth E. *Harry Potter's world* multidisciplinary critical perspectives. New York: Routledge Falmer, 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1999.

CLERC, Susan. Estrogen brigades and 'Big Tits' threads. In: BELL, D.; KENNEDY, B. M. *The cybercultures reader*. London: Routledge, 2000.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FÁVERO, Lavínia. *Mania de ler e escrever*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,EPT875635-1664,00.html>>. Acesso em: 2 jan. 2005.

HOLANDA, Aurélio Buarque de (Ed.). *Dicionário Aurélio século XXI*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM. HEILMAN, Elizabeth E. Fostering critical insight through multidisciplinary perspectives. In: HEILMAN, Elizabeth E. *Harry Potter's world* multidisciplinary critical perspectives. New York: Routledge Falmer, 2003.

JENKINS, Henry. *Textual Poachers* television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992.

JOVENS, de hoje cresceram com a internet. Caderno Informática. *Folha de São Paulo*, 15 dez. 2004.

KIM, Amy Jo. *Community building on the web* secret strategies for successful online communities. USA: Peach, 2000.

LANGER, Judith A. *Envisioning e literature* literary understanding and literature instruction. New York: Teachers College, 1995.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac, 2003.

PRIMEIROS capítulos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 dez. 2004, Seção Cartas, Caderno Folhateen, p. 2.

RAMAL, Andrea Cecilia. *Educação na cibercultura* hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VIGOSTKY, Lev Semenovitch. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. WILBUR, Shawn P. Anarchaeology of cyberspaces virtuality, community, identity. In: BELL, D.; KENNEDY, B. M. *The cybercultures reader*. London: Routledge, 2000.

Websites consultados

<http://fanfic.theforce.net>

<http://www.lyricalmagic.com>

<http://www.lumos2006.org>

<http://www.accio.org.uk>

<http://www.fanfiction.net>

<http://www.edwigeshomepage.com>

<http://www.alianca3vassouras.com>

<http://www.sugarquill.net>

<http://www.fictionalley.org>

<http://www.restrictedsection.org>

<http://ptyx.ebonyx.org>

<http://sasdelli.cjb.net>

<http://www.washingtonpost.com>

<http://geocities.yahoo.com.br/profetacorvinal/>

<http://missy.reimer.com>

<http://www.subreality.com>

<http://revistaepoca.globo.com>

<http://web.mit.edu>

<http://www.technologyreview.com/>
<http://www.animagos.com.br>
<http://geocities.yahoo.com.br/ananasnape/>
<http://www.mediacenter.org>
<http://www.potterish.com>
<http://www.jkrowling.com>
<http://noticias.uol.com.br/mundodigital>
<http://www.cluetrain.com> <http://www.mochan.fcpages.com>

Mensagens eletrônicas citadas

BLACKSTAR, Marcelle. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida <por malu@annex.com.br> em 13 out. 2004.

EDITORA ROCCO, Re: Fale Conosco *site* Harry Potter [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 30 nov. 2004.

HOLMES, Lucy. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 3 out. 2004.

HOGWARTS, Melissa. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida <por malu@annex.com.br> em 4 out. 2004.

LUPIN, Mary. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

MALFOY, Alyssha. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

MALFOY, Hannah. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida <por malu@annex.com.br> em 5 out. 2004.

MALFOY, Mariani. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

MANRUBIA, Heitor. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 4 out. 2004.

RADCLIFFE, Mila. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.

RESTRICTED SECTION. Re: Information [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 18 fev. 2005.

SCILA. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 13 out. 2004.

SNAPE, Nina. Re: Posso mandar para meus contatos? [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 23 abr. 2005.

SNAPE, Sarah. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 9 out. 2004.

TONKS, Caroline. Re: pesquisa em *fanfiction*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <malu@annex.com.br> em 8 out. 2004.